

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**CRISTIANE DE FÁTIMA POLTRONIERI**

**REMEMORANDO VIDAS: LEMBRANÇAS DE VELHOS TRABALHADORES**

**FRANCA**

**2014**

**CRISTIANE DE FÁTIMA POLTRONIERI**

**REMEMORANDO VIDAS: LEMBRANÇAS DE VELHOS TRABALHADORES**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Serviço Social. Área de concentração: Trabalho e Sociedade.**

**Orientadora: Profa. Dra. Nanci Soares**

**FRANCA**

**2014**

Poltronieri, Cristiane de Fátima  
Rememorando vidas : lembranças de velhos trabalhadores /  
Cristiane de Fátima Poltronieri. –Franca : [s.n.], 2014.  
176 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade  
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.  
Orientador: Nanci Soares

1. Serviço social com idosos – Franca (SP). 2. Memória.  
3. Trabalho. 4. Envelhecimento. I. Título.

CDD – 362.6

**CRISTIANE DE FÁTIMA POLTRONIERI**

**REMEMORANDO VIDAS: LEMBRANÇAS DE VELHOS TRABALHADORES**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Serviço Social. Área de concentração: Trabalho e Sociedade.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Presidente:** \_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Nanci Soares**

**1º Examinador:** \_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Josiani Julião Alves de Oliveira – FCHS/Unesp**

**2º Examinadora:** \_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Cilene Swain Canôas - FAPSS**

**Franca, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.**

*Dedico este trabalho a pessoa que fez com que eu tivesse um novo olhar e despertasse o interesse a temática do envelhecimento, ao meu avô Riciere (in memoriam) e para todas as pessoas idosas que lutam e buscam o seu espaço nessa sociedade.*

## AGRADECIMENTOS

*“Tudo posso naquele que me fortalece.”  
(Felipenses, 4:13)*

Agradeço a Deus e Nossa Senhora de Fátima, por sempre concederem-me sabedoria para escolher os melhores caminhos, força para nunca desistir, coragem para acreditar, proteção para amparar e fé para continuar.

Aos meus pais, Marlei e Gilberto, meu infinito agradecimento. Sempre incentivam-me a alcançar os caminhos mais distantes e lutam ao meu lado, sem nunca desistir, em direção às vitórias dos meus desafios. Obrigada pelo amor incondicional. Amo vocês.

A toda minha família: avós, tios, tias, primos e primas, que direta e indiretamente contribuíram com amor, paciência e incentivo na elaboração desta pesquisa. Ao meu namorado, amigo e companheiro, Guilherme pelo carinho, compreensão e cumplicidade. Meus sinceros agradecimentos por se fazerem presentes nesse momento tão especial da minha vida.

À minha companheira irmã Amanda, que sempre se faz presente, mesmo com a distância, nos meus questionamentos, medos e alegrias. Amiga, obrigada por tudo.

À Professora Doutora Nanci Soares, por acreditar que eu era capaz, pela paciência, atenção e pela contribuição valiosa de seus conhecimentos. Só tenho que agradecer pelos seus ensinamentos, orientações, palavras de incentivos e dedicação. Tenho orgulho de dizer que fui sua orientanda e que, além disso, sou sua amiga.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, as Professoras Doutoras Cilene Swain Canôas e Josiani Julião Alves de Oliveira, pela rica contribuição na construção deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro na execução dessa pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, ao Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, por ter aberto suas portas para a realização deste estudo. Em especial, agradeço às pessoas idosas por participarem da pesquisa e se mantiveram dispostas a narrar suas histórias de vida, e à assistente social Silvana, pelo apoio e disponibilidade para contribuir com este trabalho.

## **SAPATO VELHO**

*Você lembra, lembra  
Daquele tempo  
Eu tinha estrelas nos olhos  
Um jeito de herói  
Era mais forte e veloz  
Que qualquer mocinho de cowboy*

*Você lembra, lembra  
Eu costumava andar  
Bem mais de mil léguas  
Pra poder buscar  
Flores de maio azuis  
E os seus cabelos enfeitar*

*Água da fonte  
Cansei de beber  
Pra não envelhecer*

*Como quisesse  
Roubar da manhã  
Um lindo pôr de sol*

*Hoje, não colho mais  
As flores de maio  
Nem sou mais veloz  
Como os heróis*

*É talvez eu seja simplesmente  
Como um sapato velho  
Mas ainda sirvo  
Se você quiser  
Basta você me calçar  
Que eu aqueço o frio  
Dos seus pés...*

*(Roupa Nova)*

*(Compositor: Mu / Cláudio Nucci / Paulinho Tapajó)*

POLTRONIERI, Cristiane de Fátima. **Rememorando vidas**: lembranças de velhos trabalhadores. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo conhecer a memória das pessoas idosas, em especial, a memória do trabalho realizado nas fábricas de calçado de Franca/SP. O trabalho busca discutir as lembranças e experiências que muitas vezes são perdidas pela não valorização do passado. Para tanto, decidiu-se analisar a memória de quatro pessoas idosas que estão inseridas no universo do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral (CCI), bem como a posição da assistente social desta instituição mediante o assunto da rememoração do passado. As narrativas dos memorialistas destacaram a memória sobre o tempo e no tempo, resultando em três eixos de análise: a “memória trajetória de vida”, a “memória trabalho” e a “memória família e velhice”. Assim, a pesquisa debruçou-se nas discussões sobre o envelhecimento humano, o mundo do trabalho e a memória e a valorização das experiências advindas das pessoas idosas pelas outras gerações. Foi destacado também um breve panorama da população idosa da cidade de Franca e o perfil dos participantes do CCI Lions Sobral. O estudo baseou-se na abordagem quantitativa e qualitativa de pesquisa, através do método da história oral, na perspectiva da história de vida com as pessoas idosas e da entrevista semi-estruturada com a profissional do serviço social. A análise dos dados obtidos se deu pela fundamentação teórico-metodológico do materialismo histórico dialético. Portanto, a pesquisa realizada analisa a realidade apresentada na narrativa dos “velhos trabalhadores”, considerando e valorizando as histórias de vida trazidas por suas memórias.

**Palavras-chave:** pessoa idosa. envelhecimento. trabalho. memória.



POLTRONIERI, Cristiane de Fátima. **Remembering lives: memories of older workers.** 2014. 176 p. Dissertation (Master's in Social Work) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

### **ABSTRACT**

This study aims to know the memory of elder people, mainly the memory of their work done in footwear factories in Franca/SP. The work seeks to discuss the memories and experiences that are often missed by not valuing the past. So we decided to analyze the memory of four elderly people who are in the Elderly Community Centre Lions Sobral (in Portuguese, known as (CCI) Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral), as well as the position of the social worker of this institution upon the subject of remembering the past. The memoirists' narratives highlighted the memories about the time and in time, resulting in three areas of analysis: the "lifetime memory", the "work memory" and "family and old age memory." Thus, research has focused on discussions about human aging, the world of work and the memory and the recovery of the elder's experiences by other generations. It was also highlighted a brief overview of the elderly population in Franca city and the profile of CCI Lions Sobral participants. The study was based on quantitative and qualitative research approach, using the method of oral history from the life history perspective for the elderly, and of the semi-structured interview for the social worker. The data analysis was done through the theoretical and methodological principles of dialectical historical materialism. Therefore, the survey analyzes the reality presented in the older workers' narratives, considering and valuing the life stories brought by his memories.

**Keywords:** elder. aging. job. memory.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 - Distribuição da população mundial por idade e sexo .....</b>	<b>20</b>
<b>Gráfico 2 - Número de anos para aumentar a população idosa (60+) de 10% para 20% - países e regiões selecionados.....</b>	<b>22</b>
<b>Gráfico 3 - Esperança de vida ao nascer - Mundo e regiões – homens, 1995/1960 e 2005/2010 .....</b>	<b>23</b>
<b>Gráfico 4 - Esperança de vida ao nascer - Mundo e regiões – mulheres, 1995/1960 e 2005/2010 .....</b>	<b>23</b>
<b>Gráfico 5 - As três maiores esperança de vida aos 60 anos por sexo segundo países 2010-2015 .....</b>	<b>25</b>
<b>Gráfico 6 - Composição da população residente total por sexo e grupos de idade – Brasil – 1991/2010 .....</b>	<b>27</b>
<b>Gráfico 7 - Distribuição da população por idade e sexo – Brasil, 2010 e 2040 .....</b>	<b>28</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Taxa de fecundidade total por regiões .....</b>	<b>20</b>
<b>Tabela 2 - Mudanças na população de países que terão mais de 16 milhões de pessoas com 60 anos ou mais no ano 2025.....</b>	<b>26</b>
<b>Tabela 3 - Esperança de vida ao nascer e aos 60 anos por sexo – Brasil – 1980, 1991, 2000 e 2010.....</b>	<b>28</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Número de pessoas idosas em Franca 2006/2020 .....</b>	<b>101</b>
<b>Quadro 2 - Sexo dos participantes do CCI Lions Sobral.....</b>	<b>109</b>
<b>Quadro 3 - Faixa etária dos participantes do CCI Lions Sobral .....</b>	<b>110</b>
<b>Quadro 4 - Escolaridade dos participantes do CCI Lions Sobral.....</b>	<b>110</b>
<b>Quadro 5 - Renda dos participantes do CCI Lions Sobral.....</b>	<b>111</b>
<b>Quadro 6 - De onde vem a renda dos participantes do CCI Lions Sobral.....</b>	<b>112</b>
<b>Quadro 7 - Com quem reside os participantes do CCI Lions Sobral .....</b>	<b>113</b>
<b>Quadro 8 - Situação de vida das pessoas idosas entrevistadas .....</b>	<b>115</b>

## LISTA DE SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CADÚNICO	Cadastro Único
CCI	Centro de Convivência do Idoso
CMAS	Conselho Municipal da Assistência Social
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
COMUTI	Conselho Municipal da Terceira Idade
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
JORI	Jogos Regionais do Idoso
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNI	Política Nacional do Idoso
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SISC	Sistema de Informação do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNATI	Universidade Aberta a Terceira Idade
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UM	<i>United Nations</i> - Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>VELHICE DOS “VELHOS” TRABALHADORES</b> .....	<b>18</b>
<b>1.1 Apontamentos sobre a transformação demográfica mundial e brasileira</b> .....	<b>19</b>
<b>1.2 Velhices: a reflexão de um conceito</b> .....	<b>31</b>
<b>1.3 Mundo do trabalho: uma breve discussão</b> .....	<b>45</b>
<b>1.4 Envelhecimento no tempo do capital</b> .....	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>MEMÓRIA: UM DIAMANTE BRUTO QUE NECESSITA SER LAPIDADO</b> .....	<b>64</b>
<b>2.1 Memória: dimensão sobre o tempo</b> .....	<b>65</b>
<b>2.2 A memória trazida em palavras</b> .....	<b>74</b>
<b>2.3 A valorização da memória entre as gerações</b> .....	<b>80</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>LEMBRAR, CONTAR E COMPARTILHAR: O CAMINHO DA PESQUISA</b> .....	<b>89</b>
<b>3.1 A definição do método: o trajeto da pesquisa</b> .....	<b>90</b>
<b>3.2 A população idosa de Franca: breve histórico da cidade</b> .....	<b>98</b>
<b>3.3 Universo da pesquisa: O Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral</b> .....	<b>103</b>
<b>3.4 A voz dos velhos trabalhadores</b> .....	<b>114</b>
<i>3.4.1 Memória trajetória de vida</i> .....	<i>116</i>
<i>3.4.2 Memória trabalho</i> .....	<i>121</i>
<i>3.4.3 Memória família e velhice</i> .....	<i>140</i>
<b>3.5 O compartilhar do profissional: a visão da Assistente Social</b> .....	<b>150</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>161</b>

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Primeira aproximação das pessoas idosas ..... 171**

**APÊNDICE B – Roteiro de entrevista das pessoas idosas ..... 178**

**APÊNDICE C – Roteiro de entrevista da assistente social..... 180**

## **ANEXO**

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ..... 176**

## **INTRODUÇÃO**



Esta pesquisa aborda a temática do envelhecimento humano com o objetivo de relatar memórias de velhos trabalhadores, possibilitando evidenciar a importância da valorização nas narrativas de pessoas idosas na rememoração do seu passado.

O interesse em estudar a respeito do processo do envelhecimento tem sido uma constante na vida acadêmica da autora, desde a graduação em Serviço Social, mais precisamente a partir de 2008. O contato dela com pesquisas relacionadas à temática da longevidade, a participação no Grupo de Estudos “Envelhecimento, Políticas Sociais e Sociedade” e o estágio supervisionado na Universidade Aberta à Terceira Idade provocou um despertar para a necessidade de aprofundar os estudos. Essa caminhada profissional se direcionou, então, na ampliação do conhecimento sobre velhice e memória no Mestrado em Serviço Social.

Como é evidente, esta pesquisa incidiu-se sobre o aumento da população idosa, um fenômeno contado em todo o mundo. Estatísticas do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, no Brasil, em 2010, o percentual de pessoas com mais de 60 anos era de aproximadamente 11% da população geral. Esses dados revelam que o país segue, a passos largos, para o envelhecimento da população, pois projeções apontam que, em 2025, o Brasil será a sexta nação do mundo com o maior número de pessoas idosas, um contingente superior a 30 milhões, enquanto que a população mundial, em 2050, aproximará mais de 2 bilhões de pessoas idosas.

Essa realidade não é diferente em Franca/SP, cidade em que a pesquisa foi realizada, sendo que, em 2010, segundo o IBGE, a população com mais de 60 anos chegava a 11,4%, o que corresponde a 36.349 pessoas, do total de 318.640 habitantes do município. Estima-se que esses números venham a crescer, atingindo, no ano de 2020, um total de 59.557 pessoas idosas. Esses dados evidenciam que o envelhecimento populacional é um fato inevitável, o que aponta para a necessidade de a sociedade voltar-se com seus olhos e ouvidos àquela população crescente que, até agora, permanece invisível. Contudo, tendo em vista o crescimento da longevidade humana, chega-se a conclusão de que não basta às percentagens de pessoas idosas se elevarem na dimensão mundial, nacional e municipal se não levarem em consideração as condições de vida e de existência a essa sobrevivência que está sendo concedida pela ciência, a partir dos avanços tecnológicos da medicina. Esse é um compromisso que se assume.

Argumenta-se a respeito das vivências e experiências que as pessoas idosas receberam ao longo da história de vida. Destaca-se que, sem considerar a memória e a narrativa das pessoas com mais idade, bem como o diálogo entre as gerações, sérias

dificuldades podem pairar na sociedade, na família e, sobretudo, para o próprio sujeito que envelhece.

Entende-se que não são apenas as pessoas idosas que possuem experiências que qualificam sua existência, em qualquer idade, o ser humano, seja ele criança, adolescente ou jovem, possui vivências e experiências significativas, contudo, refere-se aqui à importância do diálogo e do compartilhar das lembranças para que os saberes não sejam perdidos. A pesquisa refere-se à memória experiência, do passado vivido das pessoas idosas, por acreditar que, nesta fase da vida, as recordações se manifestam em águas serenas. Assim, aborda-se o trabalho como parte integrante da memória dos homens por acreditar que ele é uma categoria fundante que os impulsiona e os fazem ser seres sociais.

Para mapear o objetivo da pesquisa - conhecer a memória relacionada ao trabalho de velhos trabalhadores que participam do Centro de Convivência do Idoso de Franca/SP – e organizar os diferentes campos de análise, o estudo estruturou-se em três capítulos além da introdução. O primeiro e segundo capítulos foram destinados à discussão teórica sobre o assunto do envelhecimento, mundo do trabalho e memória, o terceiro capítulo abordou a metodologia da pesquisa, a explanação do universo estudado, o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, e os eixos centrais das falas das pessoas idosas entrevistadas e da Assistente Social.

O primeiro capítulo “Velhice dos ‘velhos’ trabalhadores” aborda a questão do aumento populacional mundial e nacional e enfatiza a heterogeneidade da velhice. Para tanto, discute-se sobre as concepções que permeiam o tema do processo de envelhecimento humano e da velhice. Paralela a esta abordagem, destaca-se a retórica capitalista que homogeneiza o envelhecimento do trabalhador, a partir da cultura que nega a condição social da velhice. A análise traz a compreensão da realidade, ou seja, as implicações em que a pessoa idosa esbarra na contemporaneidade.

No segundo capítulo “Memória: um diamante bruto que necessita ser lapidado”, destaca-se a memória inserida no tempo, descrevendo seus conceitos, não no sentido biológico, mas em relação à memória social. Aborda-se também a importância das lembranças na comunhão das experiências e vivências, assim como no compartilhar de conselhos, de modo a preservar fatos e acontecimentos da história de vida. Acredita-se que a memória se alimenta da possibilidade de ser partilhada e fortalecida com os indivíduos e grupos com os quais os sujeitos se relacionam. Logo, discute-se sobre a valorização das narrativas do passado das pessoas idosas entre as gerações, com o intuito de estimular a troca mútua de saberes, na construção do hoje abarcado pelo ontem e tencionado pelo amanhã.

No terceiro capítulo “Lembrar, contar e compartilhar: o caminho da pesquisa”, é trabalhado o referencial teórico-metodológico que fundamenta a pesquisa realizada. A abordagem materialista histórico-dialética possibilitou o desvendamento da realidade, na busca constante de ir além da aparência e atingir a essência. Para tal intento, é descrito o método da história oral e as técnicas utilizadas nas entrevistas com as quatro pessoas idosas participantes do estudo e na entrevista com a assistente social. Faz-se um breve histórico de Franca, para dimensionar a população idosa que vive na cidade, e do universo em estudo, o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, bem como do perfil das pessoas idosas que o frequentam. Busca-se, com esse capítulo, conhecer as falas dos memorialistas com base na bibliografia discutida nos capítulos anteriores. Os eixos epistemológicos “memória trajetória de vida”, “memória trabalho”, “memória família e velhice” constituíram os instrumentos de compreensão da realidade concreta. Procura-se, nesta etapa, compreender o trajeto da memória relacionado ao primeiro contato com o trabalho até chegar à atividade laborativa desenvolvida na indústria calçadista de Franca, e os seus desdobramentos na família, na velhice e com a aposentadoria. Discute-se também a importância da apropriação das lembranças e narrativas de pessoas idosas por parte dos profissionais que atuam com essa população, em especial, a visão do assistente social.

Certamente esse estudo não se esgota com esta pesquisa. Muito ainda há por ser feito, pois o assunto é abrangente e complexo e, por isso, espera-se que outros pesquisadores encontrem, com a leitura dessa dissertação, elementos para o estudo e possíveis ações concretas a favor das pessoas idosas, assim como, da valorização de suas memórias, lembranças, e acima de tudo, do resgate da sua história de vida.

## **CAPÍTULO 1**

### **VELHICE DOS “VELHOS” TRABALHADORES**

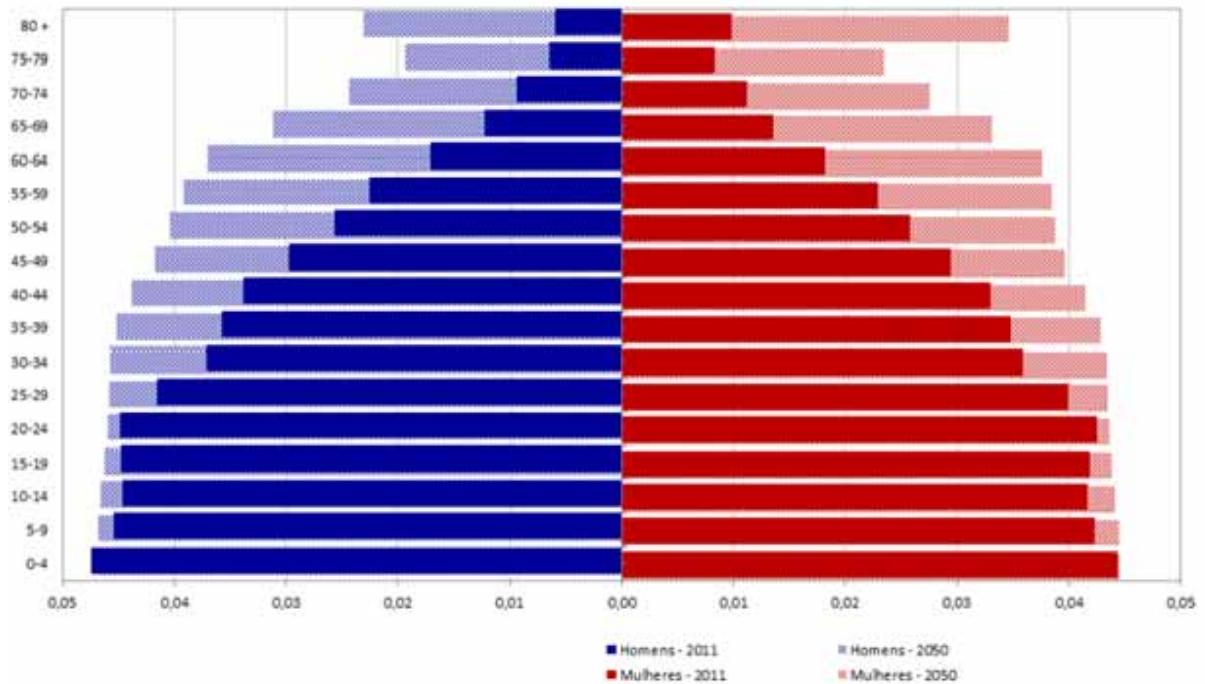
## 1.1 Apontamentos sobre a transformação demográfica mundial e brasileira

*Crescendo numericamente,  
os velhos se tornam objeto de estudo.  
As propostas aparecem  
pela boca da “ciência”, do Estado, dos meios de  
comunicação ...  
Não mudando a história do trabalhador,  
Não muda a história do menino,  
Não muda a história do velho,  
Não muda a história do homem.  
(HADDAD, 1896, p.17).*

O prolongamento da vida é o desejo de todas as sociedades, e essa aspiração se torna, cada vez mais, uma realidade. A população mundial encontra-se em um processo de transformação demográfica causado pela diminuição da mortalidade, redução das taxas de fecundidade e o aumento da expectativa de vida (BRASIL, 2006, p. 8). O que épocas atrás era privilégio de poucos, hoje, passou a ser experiência crescente de muitas pessoas ao redor do mundo: o envelhecimento já não é façanha privilegiada a um número restrito da população. No entanto, segundo Kalache et al. (1987, p. 201), a reestruturação demográfica acontece de forma heterogênea e encontra-se em diversos estágios ao redor do mundo. Assim, Haddad (1986, p. 17) afirma que “[...] ainda que tenha elevado a esperança média de vida, isso não significa que tenham melhorado as condições objetivas de vida da classe trabalhadora.”

O que define o início de uma população envelhecida em um país é a mudança na estrutura etária, quando se tem o aumento do número de pessoas de uma determinada faixa de idade (BERZINS; BORGES, 2012, p. 22). De acordo com as estimativas das Nações Unidas, segundo Kalso (2013, p. 4), em 2011 a quantidade de pessoas idosas totalizava aproximadamente 800 milhões de pessoas, o que correspondia a 11% da população mundial. As projeções apontam que em 2050 esse contingente será mais de 2 bilhões de pessoas, o que representará 22% da população. O gráfico 1 a seguir demonstra a distribuição da população mundial por idade e sexo de 2011 a 2050. Observa-se que, em aproximadamente 40 anos, haverá uma discreta redução da base e, em contrapartida, de um acentuado crescimento do topo, com destaque no número de mulheres.

**Gráfico 1 – Distribuição da população mundial por idade e sexo**



Fonte: UN (2013 apud KANSO, 2013, p. 4).

Mesmo que a taxa de crescimento da população mundial continue crescendo, há um esvaecimento em seu ritmo, causado pela queda da taxa de fecundidade em vários países. É possível observar essa redução na tabela 1 que explicita a taxa de fecundidade total por regiões de 1955 a 1960 e de 2005 a 2010 (KANSO, 2013, p. 5).

**Tabela 1 – Taxa de fecundidade total por regiões**

	1955-1960	2005-2010
Africa	6,60	4,88
Ásia	5,83	2,25
Europa	2,67	1,54
América Latina e Caribe	5,86	2,30
América do Norte	3,35	2,02
Mundo	4,97	2,53

Fonte: UN (2013 apud KANSO, 2013, p. 5).

Observa-se que, enquanto a Europa apresentava valores de 2,7 filhos por mulheres na década de 1950, todas as regiões, meio século depois, demonstraram semelhante característica, com exceção da África, que mantinha a taxa considerada elevada: 5 filhos por mulheres aproximadamente. Esses índices vêm preocupando governantes e estudiosos do

mundo todo, pois, de acordo com Coutrim (2010, p. 45), a taxa de fecundidade é inferior ao necessário para a manutenção da reposição das gerações.

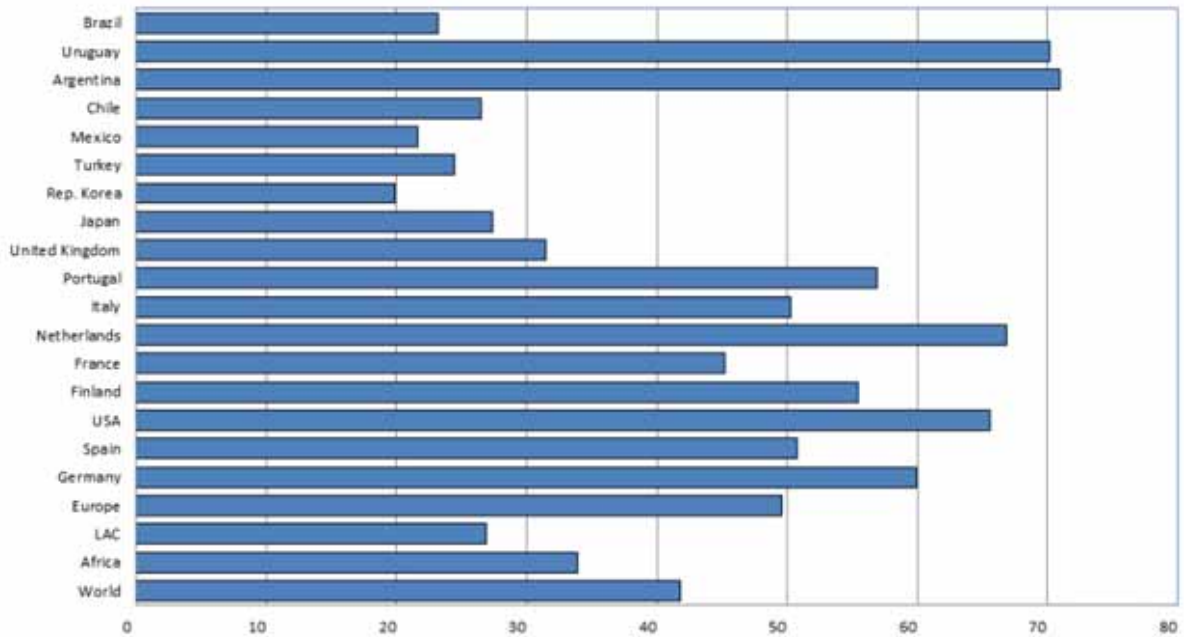
Projeções são possíveis, segundo Kanso (2013, p. 5), em decorrência do reflexo do contexto histórico dos países na queda da taxa de fecundidade e mortalidade. Os países desenvolvidos passaram por transformações econômicas com a revolução industrial e expansão do capitalismo, enquanto que os países em desenvolvimento passaram por processo de industrialização e urbanização. De acordo com o autor, a queda das taxas de fecundidade e mortalidade foi causada por quatro fatores: o socioeconômico, o sanitário, o político e o de progressos da medicina.

Kanso (2013, p. 5) destaca que a projeção da taxa média de crescimento populacional entre 2011 e 2020 será de 1% ao ano, e entre 2040 e 2050 será de 0,5% ao ano. Se observar a taxa de crescimento por idade, o segmento da pessoa idosa é o que mais aumenta. Segundo o autor, as pessoas com 80 anos ou mais de idade apresentarão a taxa mais elevada de crescimento, com o valor de 3,2% ao ano em 2040 e 2050, o que, em comparação ao grupo de 60 a 79 anos de idade no mesmo período, representa uma taxa 2,5 vezes maior.

Coutrim (2010, p. 44) salienta que, em termos absolutos, no ano de 2025, prevê-se chegar a 62 milhões de pessoas com mais de 60 anos na América Latina e Caribe, e que dentre essas a cada quatro pessoas, uma terá mais de 75 anos. Essa transformação significativa que países mais ou menos desenvolvidos vêm enfrentando, mesmo que de forma gradual, faz com que estes atentem a uma realidade diferente. O aumento do número de pessoas idosas não somente atingiu a configuração demográfica mundial, como também exige mudanças nos setores públicos e privados.

O gráfico seguinte exhibe o tempo em anos que alguns países levam para aumentar a proporção de 10% para 20% da população idosa com idade de 60 anos ou mais. Pode-se notar que Uruguai e Argentina levarão 70 anos para aumentar essa proporção, enquanto que a Coreia levará apenas 20 anos, um pouco menos do que o Brasil.

**Gráfico 2 – Número de anos para aumentar a proporção da população idosa (60+) de 10% para 20% - países e regiões selecionados**

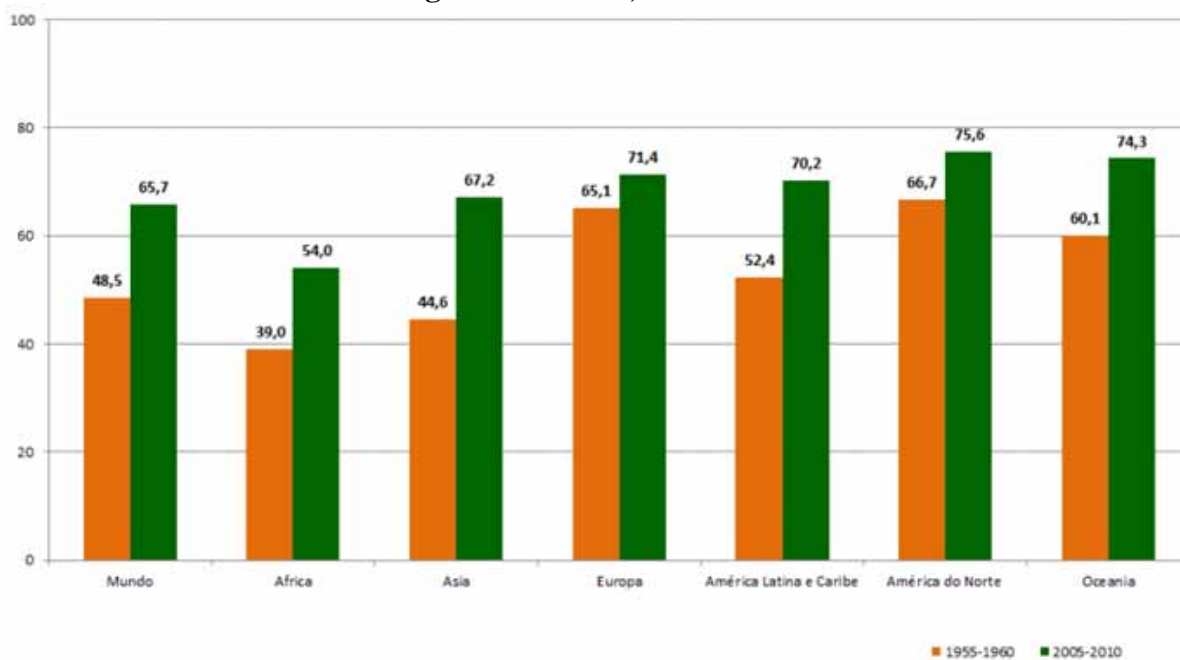


Fonte: Beltrão e Sugahara apud Gragnolati et al. (2011 apud KANSO, 2013, p. 6).

Um dos indicadores usados para demonstrar o envelhecimento é a esperança de vida ao nascer. Em 1840, a maior expectativa de vida era das mulheres da Suécia, com a idade de 45 anos; atualmente, a realidade é outra, as mulheres do Japão, por exemplo, vivem em média 87 anos (KANSO, 2013, p. 10). Os gráficos 3 e 4 apresentam a esperança de vida ao nascer de homens e mulheres, respectivamente, de cada região do mundo referente aos períodos de 1955 a 1960 e 2005 a 2010. É possível notar que a esperança de vida aumentou em todas as regiões para ambos os sexos, entretanto, com o nível elevado para as mulheres. No período final da década de 1950, a expectativa de vida no mundo era de aproximadamente de 49 anos tanto para homens quanto para mulheres, mas entre 2005 e 2010 os índices já eram outros: 65,7 anos para os homens e 70,1 anos para as mulheres. Outro ponto a ser destacado é o continente africano apresentar a menor esperança de vida nos dois períodos para ambos os sexos, ao passo que a América do Norte permaneceu com os maiores índices.

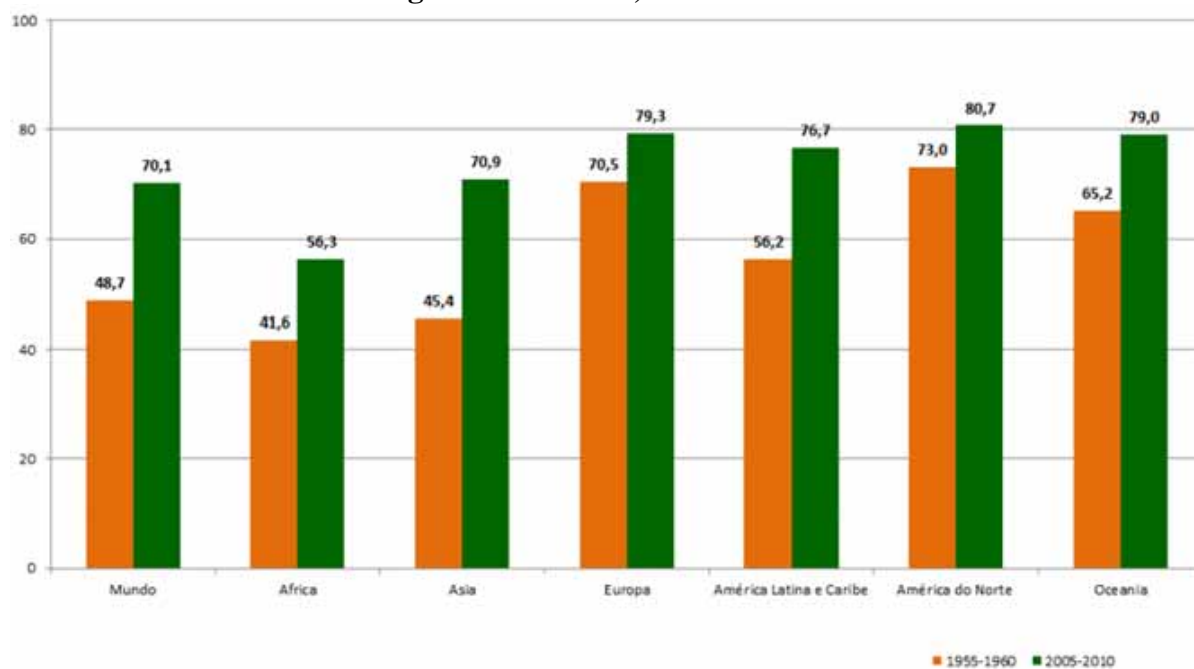


**Gráfico 3 – Esperança de vida ao nascer  
Mundo e regiões – homens, 1995/1960 e 2005/2010**



Fonte: UN (2013 apud KANSO, 2013, p. 9).

**Gráfico 4 – Esperança de vida ao nascer  
Mundo e regiões – mulheres, 1995/1960 e 2005/2010**



Fonte: UN (2013 apud KANSO, 2013, p. 10).

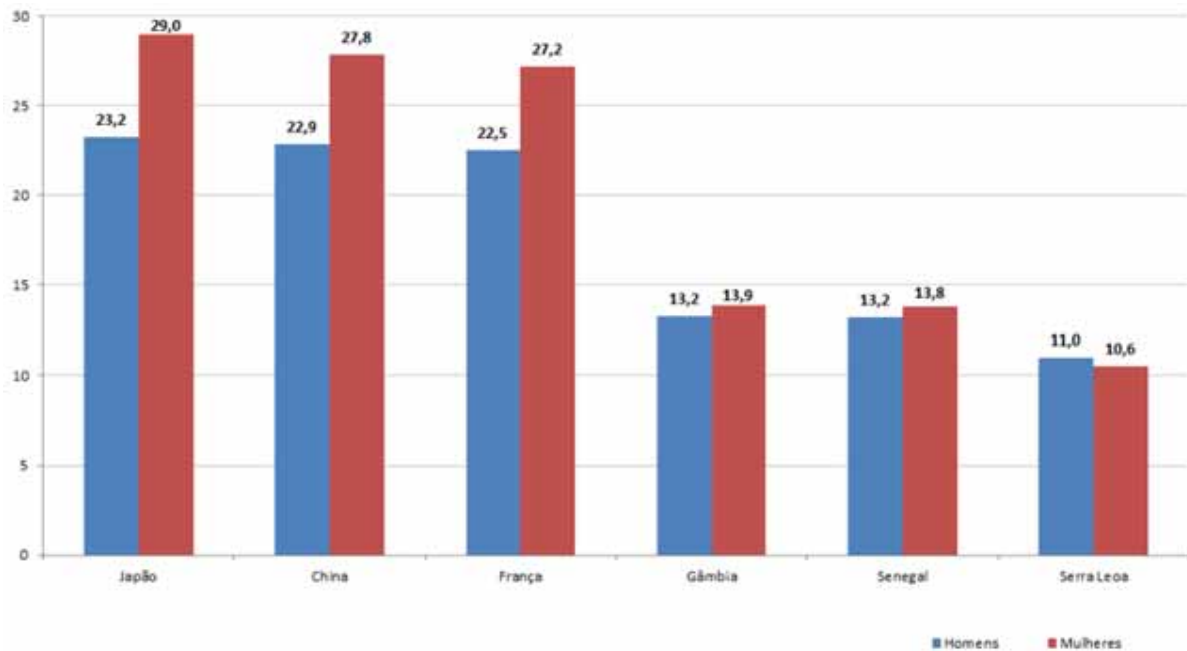
Segundo Costa (2007, p. 87), tais dados são praticamente universais. A taxa de doenças fatais é maior entre os homens idosos do que entre as mulheres idosas, entre as quais predominam as doenças não letais, incapacitantes e crônicas, tais como artrite e hipertensão, enquanto que as doenças isquêmicas do coração prevalecem entre os homens.

Salgado (2002) relata que, em média, as mulheres vivem sete anos a mais que os homens, deixando evidente a predominância das mulheres, fenômeno que é chamado de “feminização da velhice”. O que pode explicar essa longevidade, segundo a autora, é o fato de as mulheres se casarem com homens mais velhos. Ocorre também que a mortalidade masculina é maior comparada com a feminina; além disso, diminuíram as mortes maternas, as mulheres têm proteção hormonal do estrogênio, arriscam-se menos no trânsito e no trabalho, consomem menos tabaco e bebida alcoólica e se preocupam mais com a saúde (COUTRIM, 2010, p. 68).

Além de observar a esperança de vida ao nascer, é importante conhecer a expectativa de vida que uma pessoa pode atingir depois dos 60 anos de idade, quanto ainda espera-se viver em média. Os próximos dados presentes no gráfico 5 apresentam os três países com maior esperança de vida – França, China e Japão - e os três países com a menor esperança de vida – Gâmbia, Senegal e Serra Leoa – para homens e mulheres após os 60 anos.

Nota-se que o maior índice permanece com as mulheres, com variação de 29 a 27 anos, enquanto que os homens obtêm em torno de 23 anos. Na França, na China e no Japão, a expectativa de vida aos 60 anos é, em média, cinco anos a mais para as mulheres em relação aos homens, entretanto tal diferença não é acentuada, se observada entre os países com menores esperanças de vida, onde há variação de 13,9 a 10,6 anos entre as mulheres, e de 13,2 a 11 anos entre os homens.

**Gráfico 5 – As três maiores esperança de vida aos 60 anos por sexo segundo países 2010-2015**



Fonte: UN (2013 apud KANSO, 2013, p. 11).

Segundo Kanso (2013, p. 12), antigamente as causas predominantes de morte eram doenças infecciosas e parasitárias, enquanto hoje 63% das causas são doenças não transmissíveis. Assim, melhores condições de vida, no que concerne à situação econômica, social, ambiental e cultural, contribuíram para o aumento da esperança de vida e, conseqüentemente, o aumento do envelhecimento populacional.

É sabido que o crescimento da população idosa é um fenômeno que acontece em toda a parte do mundo, mas no Brasil esse acontecimento ocorreu de forma radical e muito rápida. Observa-se na tabela 2<sup>1</sup> a colocação dos países em relação aos números crescentes de pessoas idosas, atentando-se ao Brasil.

<sup>1</sup> Fonte: dados apresentados por Kalache et al. (1987, p. 201) no seu artigo intitulado “O envelhecimento da população mundial: um desafio novo”.

**Tabela 2 – Mudanças na população de países que terão mais de 16 milhões de pessoas com 60 anos ou mais no ano 2025**

Países	População (000 000)					Class.em 2025
	Class. em 1950	1950	1975	2000	2025	
China	1º	42	73	134	284	1º
Índia	2º	32	29	65	146	2º
URSS	4º	16	34	54	71	3º
EUA	3º	18	31	40	67	4º
Japão	8º	6	13	26	33	5º
Brasil	16º	2	6	14	32	6º
Indonésia	10º	4	7	15	31	7º
Paquistão	11º	3	3	7	18	8º
México	25º	1	3	6	17	9º
Bangladesh	14º	2	3	6	17	10º
Nigéria	27º	1	2	6	16	11º

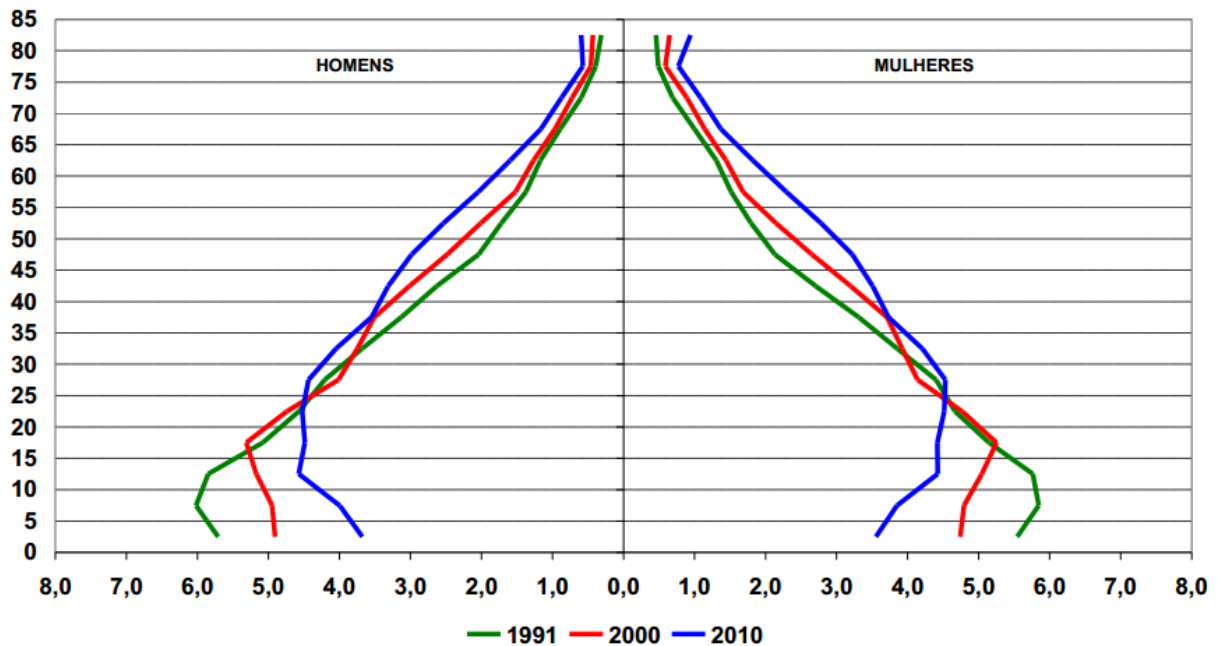
Fonte: World Health Statistics Annuals (1979 apud KALACHE et al., 1987, p. 201).

Projeções antigas já indicavam que o Brasil seria, em 2025, o sexto país do mundo com maior número de pessoas idosas, um contingente superior a 30 milhos de pessoas. A partir da década de 1960, o Brasil iniciou um processo desacelerado de crescimento da população, o que produziu uma significativa mudança na estrutura etária. O resultado desse processo foi o aumento absoluto e relativo no número de pessoas idosas no país, passando de 1,7 milhões no ano de 1940, o que equivalia a 4,4% dos brasileiros, para 20,5 milhões no ano 2000, o que correspondeu a 10,8% da população. O aumento ocorreu também com a esperança de vida que no mesmo período passou de 41,5 anos para 73,5 anos.

O desenvolvimento econômico alcançado no país nos últimos 50 anos e a melhora das condições sociais da população, de acordo com Coutrim (2010, p. 46), “[...] influenciaram na queda dos índices de mortalidade infantil e no aumento da expectativa de vida.” Os avanços da saúde, a ampliação do saneamento básico e o aperfeiçoamento da medicina foram os responsáveis pela diminuição da taxa de mortalidade populacional.

O gráfico 6 apresenta a distribuição da população por idade e sexo do Brasil em 1991 e 2010. Nota-se que houve um estreitamento na base, provocado pela diminuição da taxa de fecundidade, e o alargamento do topo, provocado pela queda da mortalidade em idades avançadas no período, além de ressaltar o contingente maior do sexo feminino em relação ao masculino.

**Gráfico 6 – Composição da população residente total, por sexo e grupos de idade – Brasil – 1991/2010**



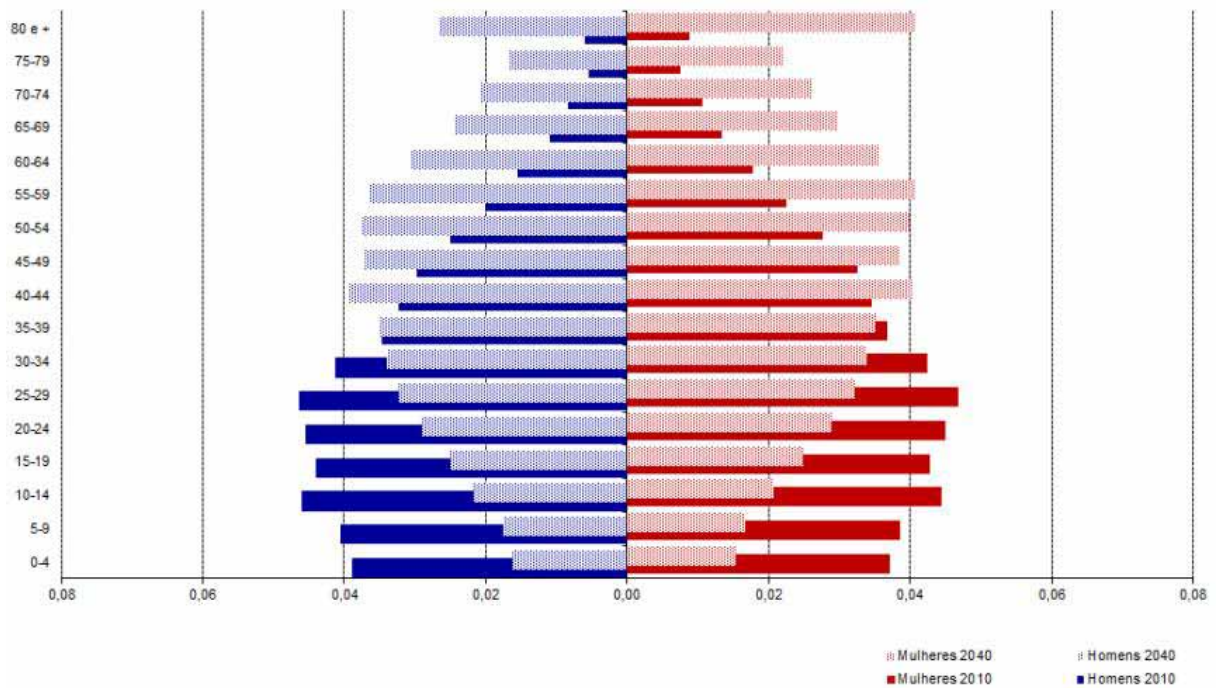
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010, online.

Os dados do Censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 revelaram que o país segue em passos largos para o envelhecimento da população, sendo que 7,4% da população tem mais de 65 anos, no ano de 1991 esse índice chegava apenas a 4,8%<sup>2</sup>. Segundo Berzins e Borges (2012, p. 23), no Brasil, em 2025, haverá mais de 50 adultos com mais de 65 anos de idade ou mais, por conjunto de 100 jovens menores de 15 anos de idade. Enquanto Carvalho e Wong (2008, p. 603) afirmam que, em meados de 2050, para cada grupo de 100 mulheres idosas, haverá 76 pessoas idosas do sexo masculino.

De acordo com Kanso (2013, p. 14), projeções indicam que, em 2040, a população idosa corresponderá a 27,5% da população brasileira, em um total de 56,6 milhões de pessoas. Se as características destas últimas décadas forem mantidas, com a diminuição da taxa de fecundidade e de mortalidade, a previsão é de um contínuo estreitamento da base e aumento do topo da pirâmide, ou seja, a inversão do seu formato. Outro reflexo será a diminuição da população, em termos absolutos, a partir de 2030.

<sup>2</sup> Informações obtidas no Blog do Planalto (2011, online).

**Gráfico 7 – Distribuição da população por idade e sexo  
Brasil, 2010 e 2040**



Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2010; Camarano e Kanso, Mimeo (apud KANSO, 2013, p. 15).

Como nos países desenvolvidos, como foi demonstrado anteriormente, no Brasil, a esperança de vida ao nascer, para ambos os sexos, também aumentou, houve um ganho de 13 anos nas quatro últimas décadas. Além disso, com relação à esperança de vida aos 60 anos de idade, houve um aumento de 6,4 anos. Vale destacar que o aumento dos indicadores foram maiores para as mulheres em ambos os casos.

**Tabela 3 – Esperança de vida ao nascer e aos 60 anos por sexo  
Brasil – 1980, 1991, 2000 e 2010**

	Homens	Mulheres	Total
<b>e0</b>			
1980	59,3	65,7	62,4
1991	63,5	71,6	67,5
2000	67,2	74,8	70,9
2010	71,2	79,1	75,0
<b>e60</b>			
1980	15,4	17,8	16,7
1991	16,7	19,8	18,4
2000	18,0	21,3	19,7
2010	21,2	24,8	23,1

Fonte: Camarano e Kanso, Mimeo (apud KANSO, 2013, p. 15).

Ao lado da transformação demográfica, outras transformações vêm acompanhando a sociedade, como a mudança nos arranjos familiares, consequência da diminuição da taxa de fecundidade e da entrada da mulher no mercado de trabalho; o processo de urbanização, associado pela industrialização; a valorização das informações técnicas em comparação com o conhecimento acumulado (um dos relevantes assuntos desenvolvidos na discussão a ser apresentada); e a inversão de responsabilidades do Estado para com as famílias e a sociedade civil organizada (KALACHE et al., 1987, p. 209).

A concretude dos dados quantitativos comprova o crescimento da população das pessoas idosas no Brasil e no mundo que, por sua vez, necessita de melhores condições de vida, de espaço social, e de interesse da sociedade na busca de alternativas objetivas para essa faixa etária que se expande.

As necessidades de uma população em envelhecimento devem ser abordadas no contexto de uma política social ampla e de ter uma perspectiva de curso de vida. Intervenções devem ocorrer ao nível da comunidade ao invés de focar somente o indivíduo e devem ser culturalmente relevantes. (BRASÍLIA, 1996, p. 77 apud DI GIANNI, 2001, p. 24).

Netto (2000 apud TEXEIRA, 2008, p. 21) ressalta que o envelhecimento, há 40 ou 50 anos atrás, era assunto restrito à esfera privada, familiar, e, depois de 1960, transformou-se numa questão de política pública, apesar de nunca ter rompido com as formas privadas de proteção social.

De acordo com Teixeira (2008, p. 39), os dados demográficos são muitas vezes apropriados para demonstrar a “problemática social”<sup>3</sup> do envelhecimento, destacando-o como uma ameaça para a sociedade. Haddad (1986, p. 15-42) entende que o pressuposto de encarar a velhice como um problema social no interior do modo capitalista de produção é ao mesmo tempo, o modo capitalista de pensar, ao passo que a reprodução das relações capitalistas implica na reprodução de ideias, valores, princípios e doutrinas. Assim, a questão social da velhice, segundo a mesma autora, é formulada sem desconsiderar os fundamentos materiais de sua existência, vista, então, como uma ameaça sobre todos os homens, independentemente

---

<sup>3</sup> A expressão “problemática social” da velhice ou do envelhecimento é utilizada entre aspas, pois não se considera o envelhecimento e a velhice como uma ameaça. Acredita-se que constituem um problema social para a classe destituída de propriedade, exceto da sua força de trabalho, e de controle do seu tempo de vida, por razão das “[...] contradições e determinações da sociedade capitalista que engendram desigualdades, vulnerabilidade social em massa, degradação, desvalorização e pseudovalorização, para essa classe social, especialmente com o avanço da idade cronológica, com o desgaste da força de trabalho.” O envelhecer é sinônimo de perda do valor de uso para o capital (TEXEIRA, 2008, p. 23).

do lugar que ocupa no processo laborativo, camuflando o fato da classe trabalhadora “formada por homens-mercadorias”.

Entretanto Teixeira (2008, p. 39) revela que o aumento do número da população idosa representa ameaça quando esse contingente congrega e adensa reivindicações, como pressão social em luta, trazendo à cena pública a problemática que enfrentam. Nesse contexto é que a pessoa idosa torna-se demanda política, inserida no campo das disputas políticas e das prioridades de políticas públicas.

Para que o problema se torne social e não privado, não basta que esta luta pelos direitos tenha como porta vozes um grupo já instituído de *experts* do assunto. É necessário que este problema tome proporções nacionais (no caso da chamada *nova geração de idosos*, as proporções são mundiais), saindo de forma determinante do âmbito privado para o público. (COUTRIM, 2010, p. 51, grifo do autor).

Ressalta Pereira (2002 apud TEXEIRA, 2008, p. 43) que as necessidades problematizadas nem sempre engendram respostas públicas, voltadas para o seu equacionamento, pois as respostas advindas por meio das políticas públicas ou a ausência destas expressam interesses políticos de classe. É, portanto, desse jogo político de interesses contraditórios atendidos pelo Estado que compõe o desenho das políticas públicas.

As formas de respostas do Estado capitalista são múltiplas. Ele pode antecipar-se a essas lutas, nesse caso, a formulação pública de um problema social pode surgir do próprio campo político, que encontra, nas expressões numéricas dos problemas ou nas estimativas futuras, uma causa de interesse geral a ser defendida. (TEIXEIRA, 2008, p. 43).

Em síntese, abordar o envelhecimento populacional como expressão da questão social remete, de um lado, à reconstrução dos processos materiais de existência sob a lógica do capital. Esse contexto explica o pouco que se tem feito em resposta ao alerta silencioso que a velhice propaga no país (OLIVEIRA, 1999, p. 127).

Ter uma vida longa, segundo Kalache et al., (1987, p. 209), é a aspiração de toda a sociedade, mas para tal não é o bastante, é necessário garantir qualidade de vida para as pessoas idosas e para aqueles que estão envelhecendo. O lema da Sociedade Americana de Gerontologia, de acordo com Haddad (1986, p. 33), é “[...] acrescentar vida aos anos e não anos à vida.” Esse desafio, para os países em desenvolvimento, é ainda maior, visto que, quando a população dos países desenvolvidos começou a envelhecer, esses eram as regiões mais ricas e poderosas do mundo. A realidade é complexa quando os países que estão em expansão veem a sua população crescer de forma rápida, como é o caso do Brasil, nação em



que dilemas intergeracionais ainda não são solucionados. Todavia o modo como cada país em desenvolvimento responderá ao desafio do aumento de sua população envelhecida dependerá da postura da sociedade como um todo, dos profissionais, e principalmente, do Estado.

*O homem que mais vive não é aquele que conta maior número de anos e sim que mais sente vida. Há quem seja enterrado aos cem anos e que já morrera ao nascer. Teria ganhado em ir para o túmulo na mocidade, se ao menos tivesse vivido até então.*  
(Jean Jacques Rousseau).

## 1.2 Velhices: a reflexão de um conceito

*A vida não está aí apenas para ser suportada ou vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Não é preciso realizar nada espetacular. Mas que o mínimo seja o máximo que a gente conseguiu fazer consigo mesmo.* (LUFT, 2004, p. 155 apud COSTA, 2007, p. 102).

Por meio de análises pontuais, pesquisadores estudam os significados atribuídos a existência humana, a fim de compreender a construção social dos conceitos conferidos à velhice e ao processo de envelhecimento (BARROS, 1998, p. 8), assunto que será tratado nesta discussão.

Beauvoir (1990, p. 109) afirma que estudar os velhos através das diversidades das épocas não é uma tarefa fácil. Os documentos encontrados, trazidos pela literatura, mitologia e iconografia, raramente faziam alusão a essa questão, desta forma, as pessoas idosas eram incorporadas em conjunto dos adultos, o que tornou difícil compreender sua imagem. A autora destaca que houve variável imagem da velhice, de acordo com o tempo e os lugares, assim sendo incerta, confusa e contraditória. Pelos variados testemunhos, a palavra velhice tem dois sentidos diferentes: uma categoria social que depende das circunstâncias para ser valorizada e um destino singular para quem a vive.

É impossível descrever uma história da velhice, enfatiza Beauvoir (1990, p. 109), pois a história enreda uma circularidade. O velho, enquanto categoria social, nunca interveio no percurso do mundo. Durante o período que conserva certa eficácia, ele permanecia aliado à coletividade com a nomenclatura: “[...] ele é um homem macho de idade avançada.” Entretanto, quando perdeu sua capacidade, ele apareceu como um puro objeto; ele não servia

nem como valor de troca, nem reproduzidor, nem produtor, era uma carga. A autora destaca que o estatuto da pessoa idosa lhe foi outorgado, “Os velhos não têm arma nenhuma, e seu problema é estritamente um problema de adultos ativos. Estes decidem de acordo com seu próprio interesse, prático e ideológico, sobre o papel que convém conferir aos anciãos.”

Encontra-se, na mitologia, na crônica e na literatura, subsídios desses confrontos. Os anciãos constituíam uma minoria e acabavam por ser vencidos pela força da maioria que os utilizava. Contudo, antes do século XIX, segundo Beauvoir (1990, p. 111), não havia menção aos “velhos pobres”, a história passa por eles em silêncio, pois eram pouco numerosos já que a longevidade só era possível nas classes privilegiadas. A velhice só era desenvolvida no seio das classes abastardas de riqueza.

Vale destacar os documentos encontrados. O primeiro texto, do ocidente, conhecido e dedicado à velhice foi escrito em 2.500 antes de Cristo pelo filósofo e poeta Ptah-hotep:

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode mais sentir nenhum odor. (BEAUVOIR, 1990, p. 114).

Essa característica desolada de deficiências causada pela velhice pode ser vista em todas as épocas. Percebe-se que o sentido que cada sociedade atribuía à velhice era um fato que transcende da História, resultando em reações idênticas. A velhice, com certeza, é a fase da vida que a maior parte dos homens temeu, a exemplo dos egípcios que tinham a esperança de superá-la e vencê-la ao recomendar o consumo de glândulas frescas retiradas de jovens animais, com o objetivo de transformar o velho em jovem. Ainda hoje também se faz presente este desejo de rejuvenescimento.

Na literatura chinesa, segundo Beauvoir (1990, p. 113), a velhice não era denunciada como um flagelo. Nesta civilização, em todos os lares devia-se obediência ao homem mais idoso, assim, não havia contestação de suas prerrogativas morais, pois eram exigidas mais experiência e maturidade do que força. O respeito às pessoas idosas estendia-se fora dos limites da família, fato que contribuía para que muitas pessoas fingissem ser mais velhas do que realmente eram, para terem direito à atenção. Para essa sociedade, as palavras de Platão (apud BEAUVOIR, 1990, p. 136) ganham significado: “Não podemos possuir

nenhum objeto de culto mais digno de respeito do que um pai ou um avô, uma mãe ou uma avó oprimidos pela velhice.”

Guillemard (1986 apud DEBERT, 1999, p. 75) apresenta três conjuntos de transformação da sensibilidade em relação à pessoa idosa desde o período de 1945. Segundo o autor, o período de 1945 a 1960, a velhice era associada à pobreza devido à aposentadoria, pois essa condição diferenciava o trabalhador de mais idade do resto da população, pois o tornava alvo da assistência social para garantir a sua subsistência. No segundo período, que foi de 1959 a 1967, a velhice era associada à ideia de solidão e marginalidade, marcada pelas condições de vida da pessoa idosa, momento em que novas práticas de lazer e serviços especiais para aposentados aparecem como aspiração ao consumo embutido pelo discurso da terceira idade<sup>4</sup>. O terceiro período era submetido pela visão da pré-aposentadoria, definido como a fase em que é ilegítimo o trabalho.

Segundo Motta (1998, p. 224), o tema da velhice e do envelhecimento começou a ser tratado, ainda de forma escassa, pelas ciências sociais a partir da década de 1960, contudo foi nos anos de 1990 que viabilizou-se a importância teórica levando à discussão a necessidade de políticas públicas.

Com o crescimento progressivo das pessoas idosas, a reflexão sobre a velhice passa ganhar espaço de estudo, momento que surge o campo da gerontologia (dedicada aos estudos que envolvem assuntos biológicos, sociais e econômicos das pessoas idosas) e da geriatria (uma especialidade médica determinada especialmente às doenças dos sujeitos que envelhecem) (LOURENÇO; MASSI, 2011, p. 30). Estes dois campos de atuação criaram-se devido ao início da explosão demográfica e à crítica do capitalismo. No ano de 1970, a velhice passa a receber discussão acadêmica, sendo assunto de pesquisa e estudos dentro da universidade (DEBERT, 1999, p. 197).

É necessário muito estudo e dedicação para reformular as maneiras como cada sociedade entendia e compreendia a velhice. Trabalhos antropológicos afirmam que o status social das pessoas idosas, nas sociedades tradicionais e nas ditas primitivas, tinha maior prestígio e goza de privilégios (DEBERT, 1999, p. 14).

Na sociedade moderna, segundo Debert (1999, p. 14), a velhice é tratada como uma fase de decadência física e ausência de papéis sociais. Tal característica, provocada por consequentes perdas e dependências advindas com o avanço da idade, acaba por atribuir à

---

<sup>4</sup> A expressão “terceira idade” originou-se na França nos anos 1970 e popularizou-se com rapidez no vocabulário brasileiro. Faz referência à idade cronológica como forma de tratamento das pessoas com mais idade (DEBERT, 1999, p. 138).

velhice um conjunto de imagens negativas, enquanto, na mídia, propaga-se a ideia de que ter uma velhice feliz é permanecer jovem, ou seja, esquivar-se das transformações que o tempo provoca, o que acaba por condicionar a massificação de hábitos e costumes em crer que apenas o novo é belo. Por esse fato, de acordo com Oliveira (1999, p. 80), criou-se o místico pensamento do envelhecimento, “[...] despreza-se ou abandona-se tudo aquilo que envelhece.”

Vive-se uma era de contradição, pouco espaço é deixado para o velho, enquanto é ressaltado o culto à juventude, reforçando, de certa maneira, a transitoriedade da história na qual se verifica a tendência ao obsoleto e às coisas facilmente substituíveis. O triunfalismo da juventude parece evidente e dominador. (OLIVEIRA, 1999, p. 162).

A influência exercida pelos meios de comunicação repercute a cultura e a ideologia dominante, de modo a supervalorizar os atributos da juventude. A mídia une crenças e mitos às tradições, transmitindo os valores que convêm aos determinantes do poder. Ao longo desse processo, perpetua-se a veneração da juventude, o que acaba por desvalorizar as pessoas idosas e suas experiências (COSTA, 2007, p. 31).

De acordo com Debert (1999, p. 201), a sociedade tende a desqualificar a pessoa idosa, seu acúmulo de saber e de experiência. Vive-se no mundo do culto ao “jovem” como valor de produção e consumo, um mundo em que tudo que é “velho” é obsoleto e ultrapassado. Segundo Costa (2007, p. 35), se for comparadas as etapas da infância, da juventude ou da fase adulta, a velhice é a época mais longa da vida, podendo durar mais de 30 anos. Essa última fase da vida é desvalorizada em detrimento da valorização e privilégio da juventude. Ressalta-se então, a atitude dos jovens em relação aos mais velhos:

O envelhecimento leva as gerações jovens a ver os velhos como diferentes e não considerá-los como seres humanos com iguais direitos e, o que é pior, não permite a eles (jovens) identificar-se com os velhos. Resultado: a tendência é ver a velhice como algo que não nos pertence, como diferentes, como algo que está lá, num futuro muito longe e, portanto, não sentimos interesse, não nos permite nos prepararmos para enfrentar nosso próprio envelhecimento. (SALVAREZZA, 1988, p. 51 apud COSTA, 2007, p. 35).

A velhice, de forma geral, é confrontada, de acordo com Oliveira (1999, p. 63-70), como uma fase de declínio físico e mental. Os indivíduos que recebem a qualificação de pessoas idosas são estereotipadas e consideradas solitárias, decadentes e doentes. Assim, a autora evidencia que, se o homem incorporar valores negativos em relação à velhice durante a vivência, esses valores, por sua vez, irão nortear-lo e nortear sua afetividade para com as pessoas idosas e para consigo mesmo futuramente, pois não se deve olvidar de que esse

período da vida é peculiar a todos. Destaca, também, que não há uma fórmula única que seja eficiente para combater a ideia de declínio e apatia da velhice que a sociedade rotulou e jogou às pessoas idosas, porque o processo da vida é dinâmico, variável e heterogêneo, entretanto ter afetividade positiva, certamente, é a possibilidade de encarar a velhice com naturalidade e tranquilidade, advindo uma convivência harmoniosa com as pessoas idosas e consigo mesmo.

Bosi (1994, p. 11) afirma que em nossa sociedade de classes, dilacerada pelas contradições, a pessoa idosa, assim como a criança e a mulher, é instância privilegiada de crueldade; mas elas, segunda a mesma autora, não são classes, são agentes embutidos por entre as classes sociais, pois o que define classe social é a posição ocupada pela posição dos sujeitos nas relações de trabalho. A pessoa idosa, assim, é duas vezes oprimida: pela dependência social e pela velhice.

Desta forma, quando se fala de uma “pedagogia do oprimido” de (Paulo Freire) o endereço tem nome certo: trata-se de uma pedagogia que possa dar conta de uma situação precisa, [...] de uma certa camada da população subjugada pela dependência. Opressão: dependência. (BOSI, 1994, p. 11).

A opressão que as pessoas com mais idade sofrem, segundo Bosi (1994, p. 18), sucede de múltiplas maneiras. Elas são oprimidas por mecanismos institucionais visíveis (burocracia ocasionada pela idade), por mecanismos psicológicos e quase invisíveis (a recusa do diálogo, a tolerância de má-fé e discriminação), por mecanismos técnicos (artefatos como próteses e a precariedade daqueles que não podem adquiri-los) e por mecanismos científicos (pesquisas que demonstram a incapacidade e a incompetência social da pessoa idosa).

Vítima de discriminação no contexto social em que vive, a pessoa idosa passa a se sentir acuada e, conseqüentemente, sem iniciativa e motivação, ficando em uma situação de marginalização. “Os preconceitos marcam a velhice na sociedade moderna que abandonam os velhos a uma existência sem significado.” (DEBERT, 1999, p. 17).

Na contemporaneidade, ser velho, assim como ser criança, jovem e adulto, reporta a significações de valores distintos de outros momentos históricos de nossa sociedade e de outras culturas. A diversidade de etnia, de inserção profissional, de classe, de credos religiosos, de gêneros está presentes na estrutura que figura o envelhecer (BARROS, 1998, p. 9).

[...] ser velho, portanto, além de um fato, é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não se sabe o que pesa mais sobre os velhos: se a idade ou a ideia que fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, pelas ideias tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles. (GAIARSA, 1989, p.73 apud OLIVEIRA, 1999, p. 82).

Núñez (2001, p. 31) relata que independente da sociedade, seja ela primata, tradicional ou contemporânea, o destino das pessoas idosas dependem de fato da coletividade. Assim, o que era uma questão importante apenas para o indivíduo que está envelhecendo, passa a ser preocupação da família e de grupos sociais maiores, atingindo a dimensão coletiva de preocupação.

Oliveira (1999, p. 181) enaltece que não se pode afirmar a existência de um preconceito universal taxativo contra a pessoa idosa, mas veicula-se, claramente, um emaranhado de crenças, estigmas e opiniões negativas nas sociedades, determinadas por uma concepção de velhice como um problema que deve ser evitado. Nossa sociedade precisa compreender que ser uma pessoa idosa não significa ser enfermo, assexuado, inútil, dentre outros termos utilizados. A aproximação da velhice não reduz de forma drástica qualquer faculdade do indivíduo que o impeça de continuar ativo e útil no grupo que está inserido (OLIVEIRA, 1999, p. 63). Entretanto estabelecer uma nova concepção em torno na velhice não é sinônimo capaz de que as pessoas idosas sejam reconhecidas como um ser autônomo, sujeito pleno de direito e cidadania (DEBERT, 1999, p. 14).

Segundo Oliveira (1999, p. 105), a velhice é a única fase do desenvolvimento humano que, em sua maioria, não desfruta de conceitos positivos em comparação a outras etapas como a infância, a adolescência e a fase adulta. A velhice, seguindo a ideia da autora, concentra em duas matrizes importantes: de um lado o conflito ontológico, sentir o corpo a declinar com o prenúncio de morte; e, por outro lado, a satisfação do aperfeiçoamento de uma plenitude, o momento de sabedoria e serenidade.

Segundo Beauvoir (1990, p. 17), a velhice não é um fato estático, ela é o resultado e o prolongamento de um processo que transcende a história, é o destino vivido de maneira variável entre as pessoas e, considerada como uma etapa da vida, possui características e especificidades próprias, imbuída de vantagens e desvantagens.

[...] mostrar-lhes que, na verdade, a velhice, com suas características [...] é um momento da vida semelhante aos outros; que o fato de terem os gerontos sua reserva orgânica diminuída, reduzida e em declínio, velhice não é doença. Devemos convencer as pessoas idosas de que ainda são muito úteis, podendo, inclusive, produzir algo de interesse próprio e também dos grupos e da comunidade a que pertence. (ANGULLO, 1980, p. 17 apud HADDAD, 1986, p. 28).

De acordo com teóricos do assunto, gerontólogos e geriatras, as pessoas idosas precisam estar cientes das modificações naturais pelas quais irão passar, precisam estar informadas das suas possibilidades. Para tanto, segundo Angullo (1979, p. 7 apud HADDAD,

1986, p. 26), não há unanimidade a respeito do conceito de velhice, pois são inúmeras as dificuldades para estabelecer o início da velhice, não apenas pelo fato de ser invariável de indivíduo para indivíduo, mas também porque os primeiros sinais de envelhecimento são quase imperceptíveis. Para Bosi (1994, p. 79), a velhice é um fator natural como a cor da pele, entretanto ela é tomada como preconceito pelo outro.

O processo de envelhecimento ocorre sob determinadas condições de vida, fruto da ocupação na relação de produção e reprodução social, não podem universalizar suas características, porque os homens não vivem e não se reproduzem como iguais. O envelhecimento é um processo multidimensional, “[...] compreende um processo dialético capaz de inter-relacionar a diversidade dos elementos que compõe a existência humana.” (PAZ, 2001, p. 35 apud TEIXEIRA, 2008, p. 30).

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (BRASIL, 2006, p. 8) define o envelhecimento como:

Um processo sequencial, individual, cumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte.

O envelhecimento pode ser compreendido como um processo natural, de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos – senescência – que, geralmente, não ocasiona problemas, mas que qualquer sobrecarga, como doenças, acidentes e estresse funcional, pode motivar condições patológicas que acabam por requerer assistência – senilidade. É importante ressaltar que alterações decorrentes da senescência podem ter efeitos revertidos pela assimilação de um estilo de vida mais ativo.

O processo de envelhecimento manifesta-se no tempo. O tempo, por sua vez, recai na velhice, resultado de anos vividos (OLIVEIRA, 1999, p. 27). Assim, o envelhecimento é o processo que se dá no tempo, enquanto que a velhice é o resultado desse tempo.

As noções de tempo, espaço e pessoa são base de estudo quando se trata do envelhecimento humano. Essas categorias são fundamentais em qualquer sociedade, pois, de acordo com Barros (1998, p. 9), são aprendidas pela construção de significado social sobre o ciclo de vida do indivíduo e grupos na compreensão da tradição.

O modo como a vida é periodizada e o tipo de sensibilização investida em cada fase etária é a dimensão central, na compreensão das formas de sociabilidade de distintas sociedades. Remeter à periodização da vida e das relações sociais entre as gerações, segundo

Debert (1999, p. 39), é entender como um processo biológico é investido culturalmente, caracterizado com rituais que marcam fronteiras entre as idades pelas quais os indivíduos passam. A autora ainda destaca que, em todas as sociedades, estão presentes as grades de idades, que nada mais são do que o número de anos, ou seja, o tempo vivido, às quais seus membros estão sujeitos a se enquadrar. Essa demarcação é explicada como uma necessidade da vida social, mas Bourdieu (1983 apud DEBERT, 1999, p. 41) diz que a divisão etária é uma criação arbitrária.

Assim sendo, é pela fragmentação da idade, que se estabelecem os momentos da vida, sendo proibidas de serem prescindidas, já que são inter-relacionadas (OLIVEIRA, 1999, p. 15). “[...] a infância, a adolescência, maturidade e velhice constituem diferentes momentos que supõem formas e dimensões de encarar e interpretar os acontecimentos que ocorrem ao longo da vida.” (OLIVEIRA, 1999, p. 27).

Bourdieu (1983, p. 112 apud MOTTA, 1998, p. 226) enfatiza que a idade é construída socialmente, como categorial social: “As classificações por idade (também por sexo e classe) acabam sempre impondo limites e produzindo uma ordem em que cada um deve se manter em seu lugar.” Segundo Fraimam (2004, p. 14), a idade é uma das variáveis que regula o comportamento social e a relação entre pessoas e grupos de toda a sociedade; é uma conceituação que aglomera e torna homogênea grande classe de indivíduos, submetendo-os às normas sociais que não apenas os beneficiam como também os estigmatizam, por não levar em consideração as diferenças individuais.

De acordo com Gusmão (2003, p. 28), é uma violência à sociedade estipular os limites de um e de outro - como é o caso da criança e da pessoa idosa – que por meio da hierarquia etária, ideologicamente produzida, não se percebe o verdadeiro sentido de se ter uma idade, mais do que pertencer a uma idade.

São eles, os anos, que nos possuem. Mais do que ter uma idade, pertencemos a uma idade. Os anos nos têm e nos fazem; fazem com que sejamos crianças, adultos ou velhos. [...] o continuum de um processo existencial próprio fica assim parcializado numa sucessiva adereção a grupos de idades que nos marcam determinadas práticas quotidianas, certas possibilidades sociais e uma imagem cuja pertença ou não pertença devemos assumir. [...] Assim, a idade não é a tua nem a minha, é a idade do outro que, ao ser-nos dada, nos possui. Nesta expropriação de nossas diferenças cronológicas, nosso próprio tempo fica aprisionado. (LLORET, 1998, p. 14-15 apud GUSMÃO, 2003, p. 28).

Ao falar em grupos etários, deixa-se explícita a tentativa de homogeneizar o que é invariavelmente heterogêneo e naturalizar aquilo que tem raízes intrínsecas na cultura e na sociedade capitalista. Portanto, é impossível agrupar, segundo Coutrim (2010, p. 62), homens,



mulheres, negros, brancos, pobres e ricos em uma única categoria, pois cada idade é composta por pleno significado e por expectativas sociais que variam no tempo e no espaço. Há vários conceitos de idade, e, para efeito de análise e compreensão da velhice, algumas reflexões devem ser consideradas, como o entendimento da idade cronológica, social e biológica.

A idade cronológica é firmada pelo princípio de datas, considera o número de anos vividos, “[...] define a velhice como o estado de uma pessoa de idade avançada.” (LAFOREST, 1991, p. 38 apud OLIVEIRA, 1999, p. 27). A concepção de idade para caracterizar o início da velhice é muito relativa, o que depende da subjetividade de quem a define, com a junção de fatores culturais, políticos, econômicos e religiosos. Segundo Oliveira (1999, p. 72), é laborioso estabelecer o que é uma pessoa idosa em todas as definições, uma vez que o envelhecimento é um processo, portanto ela se dá de forma gradativa. No Brasil, é considerada idosa a pessoa com 60 anos ou mais, enquanto que, nos países desenvolvidos, pessoa idosa é aquela que tem 65 anos ou mais (BRASIL, 2010, p. 19). Apropria-se da reflexão desenvolvida por Oliveira (1999, p. 14) a partir das palavras de Paulo Freire:

[...] os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice não podem ser o calendário. Ninguém é velho porque só nasceu faz muito tempo ou jovem porque nasceu faz pouco tempo. Somos velhos ou jovens muito mais em função de como entendemos o mundo, a disponibilidade com que nos dedicamos curiosos ao saber, cuja conquista jamais cansa e cujo descobrimento jamais nos deixa passivos ou insatisfeitos.

O curso da vida, desde o nascimento até a morte, é um contínuo tempo de experiências abertas, pois passa por sistemas complexos de etapas, a exemplo do momento de escolarização, inserção no mercado de trabalho, e conseqüentemente, da aposentadoria. “Não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é antes, um processo contínuo de reconstrução.” (DEBERT, 1999, p. 95). Neri (1991, p. 18 apud OLIVEIRA, 1999, p. 29) destaca a ideia de que a idade cronológica é pura invenção social. Em contrapartida, Debert (1999, p. 48) manifesta-se dizendo que a idade cronológica é um elemento simbólico, intensamente econômico no estabelecer laços entre grupos heterogêneos.

Os critérios e normas estabelecidos pela idade cronológica contribuem para o desenrolar da idade social, pois torna-se exigência de leis que acabam por delimitar direitos e deveres dos cidadãos. A idade cronológica é, na sociedade ocidental, um mecanismo de atribuição de *status*, de definição de papéis ocupacionais e de demandas sociais como a inserção no mercado de trabalho, o direito à aposentadoria, dentre outros. Já nas sociedades

orientais, são estabelecidos os estágios de maturidade na estrutura social, o que pressupõe o desenvolvimento biológico e o reconhecimento da capacidade para a realização de certas tarefas (DEBERT, 1999, p. 46-47).

A idade biológica, por sua vez, de acordo com Fraimam (2004, p. 14), não é necessariamente relacionada com a idade cronológica, pois há de se considerar fatores como a classe social, o grupo profissional em que está inserida, o hábito, a cultura e demais determinantes, encurtando ou prolongando a vida. “[...] cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem.” (BOSI, 1994, p. 77). Assim, Oliveira (1999, p. 61) destaca:

O ser humano em sua complexidade, não se reduz apenas ao aspecto físico, mas incorpora a influência da sociedade em que vive, aspectos culturais e psicológicas que, inter-relacionados constituem o “todo do ser humano” e contribuem cada qual com parcelas importantes no processo de envelhecimento.

Entende-se por idade biológica, segundo Oliveira (1999, p. 44), as alterações graduais que ocorrem na composição celular, na estrutura e função dos tecidos, no enrijecimento do sistema neuromuscular e na diminuição da capacidade de integração do sistema orgânico. “O envelhecimento biológico é inerente ao processo da vida, e ninguém escapa dessas mutações prescritas pelo tempo.” (OLIVEIRA, 1999, p. 51). Por esses condicionantes é que se pode afirmar que o envelhecimento ocorre desde o nascimento. De acordo com a autora, os estudos sobre a idade biológica do envelhecimento, no início, centravam-se na investigação da longevidade, enquanto que hoje, a predominância das discussões volta-se às causas e fatores do envelhecimento.

A velhice não é sinônimo de limitações, ainda que não possa negar o declínio do processo biológico com o transcorrer do tempo de forma gradual e não universal.

O coeficiente de diversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. [...] Para a comunicação com seus semelhantes precisa de artefatos: próteses, lentes, aparelhos acústicos, cânulas. (BOSI, 1994, p. 79).

É fato que, em idades mais avançadas, há uma decadência nas habilidades cognitivas motoras e fisiológicas, mas muitos desses déficits podem ser reversíveis, para tanto, é fundamental adotar posturas otimistas e participativas (OLIVEIRA, 1999, p. 12). Diante do contexto apresentado, o envelhecimento não acontece em um mesmo ritmo nos

aspectos cronológicos, sociais e biológicos, pois são distintos e merecem atenção em suas especificidades (OLIVEIRA, 1999, p. 39).

É importante compreender as pessoas idosas em suas diversas formas de ser, pois o fato de os sujeitos estarem em uma mesma faixa de idade ou mesmas características não significa que tenham passado pelas mesmas vivências e que apresentem as mesmas necessidades, por isso deve-se respeitar suas maneiras de viver. De acordo com Bulla e Kaefer (2003, p. 2), a pessoa idosa “[...] não deve ser tratada como um objeto e sim como um sujeito, histórico e crítico.” Acrescenta ainda que, como em qualquer outra fase da vida, a pessoa humana deve ser percebida em suas particularidades, pois esta expressa o ser genérico, mas também o ser individual, sendo o seu meio social a categoria essencial a ser analisada e compreendida. De acordo com Teixeira (2008, p. 16), o envelhecimento não é uma realidade vivida por todas as pessoas de forma igual, suas particularizações são definidas segundo as condições materiais da inserção do sujeito da produção e reprodução social, respeitando as condições de classes, status e hierarquias. O envelhecimento, por sua vez, é um processo multidimensional, ele “[...] não acontece de forma igual, já que cada um não vive e se reproduz da mesma forma.” (TEXEIRA, 2008, p. 30).

Para Whitaker (2007, p. 29) há pessoas idosas e pessoas idosas, pois a questão do envelhecimento, nas sociedades contemporâneas, está atravessada pela divisão da sociedade em classes sociais. Por isso, Haddad (1991, p. 15 apud COUTRIM, 2010, p. 48, grifo do autor) alerta para os perigos da generalização:

Tomar a juventude, a velhice, a vida ou a morte, sem considerar as diferenças é cair nas tramas da universalidade abstrata. [...] A questão social da velhice é formulada desconsiderando os fundamentos materiais de sua existência, vista como ameaça que paira igualmente sobre todos os homens, independentemente do lugar que ocupam no processo produtivo. Há por detrás, o MODELO, o esquema da homogeneidade.

De fato, a velhice não pode ser encarada como uma categoria única, abstrata, desprovida de fatores econômicos, sociais e históricos. Convive-se lado a lado com diversas velhices: a velhice dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos que mantêm sua autonomia, do trabalho e do lazer, a rural e a urbana, dos homens e das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílios, dos que estão inseridos nas lutas pelos direitos, e assim por diante.

Neste contexto, pode-se afirmar que não existe uma velhice, mas sim velhices, pois há maneiras singulares de envelhecer, cada velhice é consequência de uma história de vida que sofre influência, do tempo, dos processos biológicos, do ambiente e da cultura em

que o indivíduo está inserido, integrando valores, regras e culturas (VERAS, 1997 apud HABIB, 2001, p. 54).

Deve-se insistir em medidas que enalteçam a chegada da velhice, pois ela é uma conquista de cada indivíduo.

Envelhecer...  
 Entra pela velhice com cuidado  
 Pé ante pé, sem provocar rumores  
 Que despertem lembranças do passado, sonhos de glórias, ilusões de amores.

Do que tiveres no pomar plantado  
 Apanha os frutos e recolhe as flores;  
 Mas lavra ainda e planta o teu eirado,  
 Que outros virão colher quando te fores.

Não te seja a velhice enfermidade!  
 Alimenta no espírito a saúde!  
 Luta contra as tibiezas da vontade!

Que a neve caia! O teu ardor não mude!  
 Mantém-te jovem, pouco, importa a idade!  
 Tem cada um sua juventude...  
 (BASTOS TIGRE apud BRAGA, 2005, p. 144).

Di Gianni (2001, p. 37) destaca que, à medida que a pessoa idosa se sentir valorizada, amada e respeitada, além de suas necessidades serem deferidas, ela terá mais chances de caminhar para uma velhice tranquila e equilibrada. Assim, sabe-se que a depreciação da pessoa idosa deve ser combatida com a valorização do seu potencial, e, para envelhecer com dignidade, é necessário dizer sim a essa nova etapa da vida, de modo a reformular planos de vida e estar engajado em causas que dão significado a nossos gestos cotidianos (BOSI, 1994, p. 80). “Para um homem que está satisfeito consigo mesmo e com sua condição, e que tem boas relações com os que o cercam, a idade permanece abstrata. [...] Se um homem idoso detesta sua velhice, sente repugnância diante de sua própria imagem.” (BEAUVOIR, 1990, p. 366).

Assim, Oliveira (1999, p. 109) destaca que, para a pessoa idosa alcançar a integridade, é essencial a aceitação de si mesmo e da realidade do seu ciclo de vida, desvelando, portanto, uma ordem e aceção da totalidade de sua vida individual, de maneira que “[...] essa posição não se traduz em uma atitude de resignação, mas de dignidade e consciência do processo natural da vida humana.” Debert (1999, p. 57), enfatiza que ir à busca de uma nova imagem da velhice, na luta contra o preconceito, deve destacar os ganhos que o avanço da idade proporciona.

Neri (1993, p. 13) aborda que a velhice deve ser focalizada nas limitações e nas potencialidades, de modo a figurar um pêndulo, em um movimento constante de busca para se manter equilibrado. Para essa fase da vida, é mister levar em consideração tanto as perdas quanto os ganhos. Deste modo, para a autora, “[...] envelhecer satisfatoriamente depende do delicado equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo o qual lhe possibilitará lidar, em diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento.” (NERI, 1993, p. 13).

Com essa concepção, a realidade que se revela na cotidianidade é repleta de exemplos de vida que buscam, num movimento dialético, a superação dos limites e a confirmação de possibilidades, amparadas nas vivências do passado (COSTA, 2007, p. 104). Estudos na área de gerontologia apontam as características positivas que a velhice vem a proporcionar. Segundo Debert (1990, p. 149-150) tais características são:

- [...] É um momento de melhor avaliação crítica da vida, em virtude das experiências acumuladas. A pessoa torna-se mais detalhista e mais paciente.
- A crescente sabedoria permite uma maior capacidade de julgamento.
- A velocidade é substituída pela acuidade; a capacidade de recordação aumenta, a diminuição da capacidade de novas conexões intelectuais é substituída pela experiência.
- O envolvimento com negócios cede lugar às responsabilidades no contexto familiar e comunitário.

Assim, de acordo com Gusmão (2003, p. 18), viver constitui num “trabalho” que aos poucos constrói seres produtores de experiências, decorrente da heterogeneidade social e cultural advindas de condições individuais como coletivas, já que o indivíduo existe quando reconhecido e partilhado pelos outros. Segundo Bulla e Kaefer (2003, p. 2), a pessoa humana estabelece relações como parte integrante de um ambiente que a influencia, o qual também é influenciado por ela; e, nessa dialética, a história é construída. O sujeito, por não ser isolado, é participante da construção e vivência do modo de ser, seus valores, sua visão de homem e de mundo e conforme a situação social e econômica concreta do contexto em que vive.

Pelo fato de as pessoas idosas corresponderem a uma parcela da população cada vez mais significativa do ponto de vista numérico, Debert (1999, p. 11) destaca que pensar na velhice é observar uma etapa privilegiada da vida, quando remete aos desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea. Assim, analisar as formas de gerir a velhice é procurar entender: “[...] o emprego que uma coletividade humana faz de seu bem mais precioso: a vida humana [...]. Não se fala na velhice sem se falar na aposentadoria, na doença,

na família, no Estado, nos impostos [...] em quantidades de pessoas e massas de dinheiro impressionantes.” (TOURAINÉ, 1986, p. 12 apud DEBERT, 1999, p. 13).

A questão da velhice carece de maior atenção, pois diante de tudo que foi exposto, ela sofre preconceito e rejeição por parte da sociedade e desvalorização do mercado de trabalho. Segundo a Constituição Federal, “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.” (BRASIL, 1988, p. 149). As pessoas idosas, muitas vezes, não têm a clareza sobre seu papel na sociedade, desmerecendo seu exercício enquanto cidadão e esquecendo ou desconhecendo seus direitos previstos na Constituição e em outras legislações, todavia, a informação é o meio fundamental para levar até eles o conhecimento de cada lei que lhe diz respeito (BULLA; KAEFER, 2003, p. 2).

Entretanto não basta existir Legislações. Segundo Whitaker (2007, p. 13-14), é preciso que elas sejam cumpridas na íntegra. Não basta proclamar, promulgar hipocritamente a sabedoria das pessoas idosas. É preciso criar infra-estrutura apropriada às limitações da idade para que possam exercer essa sabedoria. A autora alerta que se deve parar de proclamar a velhice como responsabilidade da pessoa, pois em uma sociedade industrial, caracterizada por um consumo desvairado e predominância na competição, sem as outras gerações, jovens e adultos estão em processo de degenerescência, agravado pelo estilo de vida. “Menor capacidade de memorização, vistas mais fraca, problemas de audição são apenas sinais exteriores de tecidos que não se renovam, afetados não só pela passagem do tempo, mas principalmente por condições artificiais.” (WHITAKER, 2007, p. 15).

Faz-se necessário introduzir, na matéria política, medidas mais ousadas de amparo à velhice. Do contrário, de acordo com Whitaker (2007, p. 14), terá uma parte substancial da população vivendo amargurada pelo sofrimento, pelo isolamento e pelas dificuldades decorrentes da inadequação de um mundo planejado para jovens adultos e de custoso acesso às pessoas idosas, mesmo armados com toda a sua sabedoria.

Tratar a velhice nesta perspectiva é buscar mudanças culturais na forma de pensar e agir, da idade e do gênero, do tempo e do espaço, ou seja, da maneira como a sociedade projeta sua própria reprodução. A questão da velhice deve ser discutida pelas próprias pessoas idosas, que têm o direito de lutar por uma melhor qualidade de vida, devido à experiência adquirida por muitas décadas. Para tanto, é necessário aliar os demais segmentos da população às pessoas idosas e, especialmente, instar que os profissionais se voltem para os interesses que envolvem o envelhecimento populacional (COSTA, 2007, p. 30). Pensar na visibilidade da velhice é atentar-se aos movimentos e concepções que acompanham sua

transformação, tornando-se uma preocupação social, o que deixa de ser assunto privado e passa a ser questão pública (DEBERT, 1999, p. 13-14).

Contudo, pode-se ficar claro, com a exposição, que o país não está preparado para essa multidão de pessoas idosas que ameaçam invadir pacificamente a sociedade a partir de um curto espaço de tempo. Sem armas e munições, eles serão a maioria inserida na maior parte dos espaços, sem disparar tiros, apenas envelhecendo (WHITAKER, 2007, p. 63). Portanto, quando se fala em ser idoso na sociedade capitalista excludente e mercantil, faz-se necessário desvendar o mundo do trabalho, pois essa é uma categoria fundamental no desenvolvimento do mundo dos homens (LESSA, 1999, p. 32).

*Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.* (BOSI, 1994, p. 18).

### **1.3 Mundo do trabalho: uma breve discussão**

O trabalho, segundo Antunes (2004, p. 13) é afirmado pelos economistas como a fonte de toda a riqueza. Assim, é, ao lado da natureza, responsável por fornecer as matérias que ele converte em riqueza. Porém o trabalho é muito mais do que isso, é a condição básica e fundamental de toda a vida humana e, em tal grau, afirma-se que ele é que criou o próprio homem. Essa concepção, de acordo com o autor, funda-se com a evolução humana, o trabalho estimulou o desenvolvimento da linguagem, dos sentidos, dentre outras capacidades. Logo os homens foram aprendendo a executar tarefas com níveis de dificuldade maiores e a se propor e alcançar objetivos cada vez mais complexos. O trabalho, portanto, diversificava-se e aperfeiçoava-se de geração em geração, estendendo-se a novas atividades.

Para Lukács, segundo Lessa (2012, p. 25), o conceito de trabalho é uma acepção muito precisa:

[...] é a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social. Nesse preciso sentido, é a categoria, fundante do mundo dos homens. É o trabalho que se efetiva o salto ontológico que retira a existência humana das determinações meramente biológicas. Sendo assim, não pode haver existência social sem trabalho.

A existência social, não obstante, é muito mais que trabalho (LESSA, 2012, p. 25). De acordo com o mesmo autor, o trabalho é uma categoria social, pois existe pelo partícipe de um complexo composto, pela fala e pela sociabilidade, já que a relação dos homens com a natureza requer, com absoluta necessidade, a relação entre os homens.

No processo de formação, o homem se depara com a natureza e, através de sua ação, impulsiona e controla sua permuta com o ambiente natural; desta maneira, para o desenvolvimento do trabalho, é preciso que haja a combinação entre homem e natureza. Marx (1987, p. 202) descreve que “Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve suas potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais.”

O homem dispõe de sua força física, como mãos, pernas, enfim, o corpo por inteiro, com o intento de se apropriar dos recursos materiais em uma forma útil para sua própria vida. Então, o homem transforma a natureza e é transformado por ela. Essa, segundo Costa (2007, p. 60), é a maneira como o trabalho ocorre na sua forma primitiva, na relação homem e natureza. “O homem [...] modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, dominando-a.” (ANTUNES, 2004, p. 28).

Esse processo de transformação recíproca faz com que o trabalho se converta em elemento primordial do desenvolvimento da sociabilidade (ANTUNES, 2005, p. 68). Deste modo, o trabalho é um momento que funda a sociabilidade humana, como início do processo de humanização.

Teixeira (2008, p. 58), baseada no pensamento de Marx, cita que “[...] o trabalho é insuprimível, condição necessária à existência do ser humano, independentemente do modelo de organização social, não podendo haver reino da liberdade sem o trabalho como fonte de intercâmbio homem/natureza.” Para Marx (1985 apud COSTA, 2007, p. 60), a essência do homem se encontra no trabalho, e é por meio dele que o ser humano transforma a si mesmo.

Segundo Lukács (1989, p. 62), as relações sociais são produzidas pelos homens como o pano, o linho, dentre outros produtos. Essa importância é levada ao homem desde muito cedo e o acompanha por toda a vida. Antunes (2004, p. 36) pressupõe o trabalho num modo em que concerne exclusivamente ao homem, pois, comparando ação da aranha com o tecelão, ambos executam operações semelhantes, todavia, comparando o desempenho da abelha com um arquiteto, aquela envergonha o homem na construção dos favos de suas colméias. Assim, o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que o ser humano projeta o objeto desejado em sua cabeça antes de construí-lo. Logo, no fim do processo de trabalho granjeia-se um resultado que desde o início foi idealizado.



Diante o trabalho a ser realizado, tem-se o objeto de trabalho que, pela transformação da ação humana, deixou de ser matéria-prima. Portanto, segundo Marx (1987, p. 203), “Toda matéria-prima é objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria-prima. O objeto de trabalho só é matéria-prima depois de ter experimentado modificação efetuada pelo trabalho.”

O meio de trabalho, para Marx (1987, p. 203), é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador coloca entre si mesmo e o objeto de trabalho e que lhe serve como condutor de sua atividade sobre esse objeto. Para esse fim, ele utiliza as suas propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas para fazê-las atuar como força sobre outras coisas, conforme o seu objetivo.

No processo de trabalho, de acordo com Antunes (2004, p. 40-41), a atividade humana efetua, mediante o meio de trabalho, uma transformação do objeto de trabalho, desejada desde o princípio. O processo, então, extingue-se no produto, e este se torna valor de uso<sup>5</sup>. “Trabalho, que é atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, de adequar os elementos naturais às necessidades humanas.” (MARX, 2002, p. 218 apud COSTA, 2007, p. 63).

O processo de trabalho, portanto, é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriar do natural para satisfazer necessidades humanas. Nesse processo de trabalho, Antunes (2004, p. 47), mostra dois fenômenos peculiares no processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista: o primeiro é que a atividade desempenhada pelo trabalhador é controlada pelo capitalista, a quem pertence seu trabalho, para que este seja realizado em ordem e os meios de produção sejam empregados conforme seu fim; o segundo é que o produto, contudo, é propriedade do capitalista, e não de quem o fez, o trabalhador; o capitalista paga a força de trabalho, como qualquer outra mercadoria, assim, a partir do momento em que o trabalhador entrou na fábrica, o valor pago pela utilização da sua força, o trabalho, pertence ao capitalista.

Para exemplificar, tem-se o exemplo:

[...] depois de ter [capitalista] comprado no mercado todos os elementos necessários ao processo de trabalho, os materiais ou meios de produção e o pessoal, a força de trabalho. Com sua experiência e sagacidade, escolheu os meios de produção e as forças de trabalho adequados a seu ramo especial de negócios, fiação, fabricação de calçados etc. Nosso capitalista põe-se então a consumir a mercadoria, a força de

---

<sup>5</sup> A utilidade de uma coisa é que faz dela um valor de uso, esse valor só se realiza com a utilização ou o consumo. Assim, segundo Marx (1987, p. 43), “[...] os valores de uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor de troca.” Para tanto, valor de troca é a maneira de expressar uma substância que se pode distinguir.

trabalho que adquiriu, fazendo o detentor dela, o trabalhador, consumir os meios de produção com o seu trabalho. Evidentemente, não muda a natureza geral do processo de trabalho executá-lo o trabalhador para o capitalista também não muda o método de fazer calçados ou de ficar. (MARX, 1987, p. 209).

O produto, que é propriedade do capitalista, é valor de uso – fios, sapatos, dentre outros. Entretanto, não obstante os sapatos, por exemplo, não são fabricados por causa deles mesmos, “[...] nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores de uso.” (MARX, 1987, p. 210-211). Produz-se valor de uso mediante portadores do valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria<sup>6</sup>, cujo valor seja maior que a soma dos valores dos artefatos exigidos para produzi-la, os meios de produção e a força de trabalho. Deseja produzir não só valor de uso, mas valor e não apenas valor, mas também mais-valia<sup>7</sup> (ANTUNES, 2004, p. 49).

O vendedor da força de trabalho, o trabalhador, como o vendedor de qualquer mercadoria, efetua seu valor de troca e aliena seu valor de uso. Não se pode obter um sem desfazer-se do outro. “O valor de uso do óleo vendido não pertence ao comerciante que o vendeu, e o valor da força de trabalho, o próprio trabalho, tampouco pertence a seu vendedor.” (MARX, 1987, p. 218).

Mas, na realidade, essa jornada, em si mesma, não tem limites constantes. O capital tende constantemente a ditá-la ao máximo de sua possibilidade física, já que, na mesma proporção, aumenta o sobretabalho e, portanto, o lucro dele derivado. Quanto mais êxito tiver o capital para aumentar a jornada de trabalho, maior será a quantidade de trabalho alheio de que se apropriará. (ANTUNES, 2004, p. 108).

É o valor, determinado pelo tempo de trabalho, o único fundo do qual tanto o operário quanto o capitalista dispõe para recolher a respectiva participação, este é o único valor a ser dividido entre salários e lucros. Como o capitalista e o operário só podem dividir esse valor, que é limitado, quanto mais um deles receber, menos o outro receberá, e vice-versa (ANTUNES, 2004, p. 101). Sendo assim, o operário será, sempre, o que receberá o menor valor. Lukács (1989, p. 29) cita que a soma de trabalho do operário só lhe chega às mãos sob a forma do pagamento do seu trabalho, pois o produto que fabricou está distante dele sob a forma de capital.

<sup>6</sup> A mercadoria, segundo Antunes (2004, p. 50), não passa de uma O valor da mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho materializado em valor de uso, e pelo dispêndio do tempo de trabalho necessário à sua produção.

<sup>7</sup> Mais-valia resulta do excesso quantitativo de trabalho, da duração prolongada do mesmo processo de trabalho. Assim, denomina-se mais-valia, aquela parte do valor total da mercadoria na qual é incorporado o sobretabalho, ou trabalho não remunerado (ANTUNES, 2004, p. 67-68, 96).

Antunes (2004, p. 176) destaca que o trabalhador torna-se cada vez mais pobre à medida que produz mais riqueza, quanto mais aumentar sua produção em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria criar.

Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Apropria-se das palavras de Marx (1987, p. 262) ao dizer que a alma do capitalista é o próprio capital. De acordo com Antunes (2004, p. 93), o valor ou preço da força do trabalho toma a aparência do preço ou valor do próprio trabalho, ainda que apenas uma parte do trabalho seja pago ao trabalho desempenhado pelo operário, enquanto a outra parte do trabalho diário fica sem remuneração, ou seja, é o fundo de que se forma a mais-valia ou lucro, com esse perfil, fica parecendo que todo trabalho é trabalho pago. “Dentro do sistema de trabalho assalariado, até o trabalho não remunerado parece trabalho pago.” (ANTUNES, 2004, p. 93).

O operário, segundo Antunes (2004, p. 109), cede sua força de trabalho ao capitalista, este tem o direito de empregar essa força, porém dentro de certos limites, para conservá-la ileso, salvo o desgaste natural, mas não destruí-la. O mesmo autor distingue o operário e a máquina. A máquina não se deprecia na mesma extensão do seu uso, ao contrário do homem, que se consome em uma proporção maior do que a simples soma numérica do trabalho acusa.

Marx (1987, p. 262) afirma que o operário precisa, em uma parte do dia, descansar, dormir e satisfazer suas necessidades físicas, alimentar-se, vestir-se, dentre outros. Além de encontrar os limites físicos, o trabalhador, o prolongamento da jornada esbarra em fronteiras morais. “Nessa esfera separada da vida, o tempo deixa de ser um tempo vivido e vivenciado, torna-se simples matéria-prima que tem de ser otimizada: ‘tempo é dinheiro’.” (GRUPO KRISIS, 2005, p. 6 apud TEIXEIRA, 2008, p. 62).

O trabalhador precisa de tempo para satisfazer não só suas necessidades físicas, mas também necessidades espirituais e sociais (MARX, 1987, p. 262). O tempo, para Antunes (2004, p. 110), “[...] é o campo do desenvolvimento humano”, assim, segundo o mesmo autor, o homem que não dispuser de nenhum tempo livre e esteja completamente absorvido pelo seu trabalho para o capital, é menos que uma besta de carga. “[...] é uma simples máquina,

fisicamente destroçada e brutalizada intelectualmente, para produzir riqueza para outrem.” (ANTUNES, 2004, p. 110).

Marx (1987, p. 262-263) observa que mesmo com o desgaste natural ocasionado com a idade, o operário precisa ter força, saúde e disposição para continuar amanhã o trabalho desenvolvido hoje. Logo, a regulamentação da jornada, segundo Marx (1987, p. 265), apresenta, na história da produção capitalista, uma luta pela redução da jornada de trabalho, uma resistência entre classe capitalista e classe trabalhadora. É um fenômeno inseparável do sistema de trabalho as tentativas periódicas para conseguir um aumento de salários.

Conforme Antunes (2004, p. 178), quanto mais o trabalhador se apoiar no mundo externo, por meio do seu trabalho, tanto mais ele se priva dos meios de vida, o que o torna um servo do seu objeto. “O auge desta servidão é que somente como trabalhador ele pode se manter como sujeito físico e apenas como sujeito físico ele é trabalhador.” (ANTUNES, 2004, p. 179).

Como característica da realidade capitalista, de acordo com Antunes (2005, p. 70), tem-se a dialética da riqueza e miséria, de acumulação e privação, do possuidor e do despossuído.

A relação do trabalho com seus produtos é a relação estranhada do trabalhador com os objetos da sua produção. Mas o estranhamento não se revela somente com o resultado, mas sim no ato da produção, na atividade produtiva.

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem valor e indigno ele se torna; quanto melhor formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (ANTUNES, 2004, p. 179).

Segundo Antunes (2004, p. 180), o trabalho é externo ao trabalhador, ou seja, não pertence ao seu ser, nele o operário não é livre. O trabalhador se sente junto a si quando fora do trabalho. Conclui-se, que o trabalho não é voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho, portanto, não é a satisfação de uma carência, mas o meio para satisfazer carências fora dele.

Marx (1987, p. 344) afirma que o trabalhador sai do processo de produção de modo diferente daquele em que entrou:

No mercado encontramos-lo como possuídos da mercadoria chamada força de trabalho [...] O contrato pelo qual vendeu sua força de trabalho ao capitalista demonstra [...] que ele dispõe livremente de si mesmo. Concluído o negócio, descobre-se que ele não é nenhum agente livre, que o tempo em que está livre para vender sua força de trabalho é o tempo em que é forçado a vendê-la e que seu vampiro não o solta “enquanto houver um músculo, um nervo, uma gota de sangue a explorar.

Marx (1987, p. 344) alertou os trabalhadores a se protegerem da “[...] serpente de seus tormentos”, e para tanto devem se unir como classe para compulsar que se promulgue uma lei, para ser a barreira social capaz de impedir definitivamente de “[...] venderem a si mesmos e sua decência ao capital, mediante livre acordo que os condena à morte e à escravidão.”

A racionalização da grande indústria capitalista moderna tende, de acordo com Antunes (2005, p. 73), a eliminar as virtudes qualitativas do trabalhador pela decomposição do processo de trabalho em operações parciais, havendo uma ruptura significativa entre o elemento que produz e o resultado, produto desse trabalho. Esse perfil é minimizado a um nível de especialização que precisa de uma atividade mecanicamente repetida. Pode-se dizer que, se, por um lado, o trabalho é uma atividade humana central na história humana, em seu processo de sociabilidade; por outro lado, com o advento do capitalismo, deu-se uma transformação essencial que o alterou e o complexificou (ANTUNES, 2005, p.73). Essa condição, segundo Teixeira (2008, p. 62), é apresentada com o desenvolvimento histórico do capital, o qual impôs à humanidade a finalidade da produção de riquezas, a que tudo eleva e reduz o ser humano a uma hipotética “condição material de produção”, levando a desvalorização àqueles que perdem a capacidade de uso pelo avanço da idade.

De acordo com Lukács (1989, p. 55), o proletariado é produto da crise permanente do capitalismo e o executor que persuade o capitalismo à crise. Todas as formas mais elevadas de produção, segundo Antunes (2004, p. 32), conduziram à divisão da população em classes baseadas no antagonismo entre as classes dominantes e as classes oprimidas. Entretanto, foram necessários muitos anos para que o homem adquirisse conhecimento, e certo grau, para prevenir consequências naturais no sentido de produção, no entanto, muito mais lhe custou dimensionar as remotas consequências sociais desses mesmos atos (ANTUNES, 2004, p. 30).

Os homens, que nos séculos 17 e 18 haviam trabalhado para criar a máquina a vapor, não suspeitavam de que estavam criando um instrumento que, mais do que nenhum outro, haveria de subverter as condições sociais em todo o mundo e que, sobretudo na Europa, ao concentrar a riqueza nas mãos de uma minoria e ao privar de toda a propriedade a imensa maioria da população, haveria de proporcionar primeiro o domínio social e político à burguesia e depois provocar a luta de classes entre a burguesia e o proletariado, luta que só pode terminar com a liquidação da burguesia e a abolição de todos os antagonismos de classe. (ANTUNES, 2004, p. 31).

Compreender, portanto, a classe trabalhadora, segundo Antunes (2005, p. 82), a classe que vive do trabalho, enreda entender esse conjunto de seres sociais que vivem da venda a sua força de trabalho que, por sua vez, são assalariados e desprovidos dos meios de produção.

De acordo com Lukács (1989, p. 35), o homem precisa tomar consciência de si próprio, como ser social, como sujeito e objeto do devir histórico e social. Para o proletariado, é uma necessidade vital, uma questão de vida ou morte, alcançar uma visão clara da sua situação de classe, “[...] ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto do seu próprio conhecimento.”

Antunes (2004, p. 122) alerta também que a classe operária deve saber que o sistema capitalista, mesmo com todas as misérias advindas, engendra condições materiais e formas sociais necessárias para uma reconstrução econômica da sociedade. Compartilhando o pensamento de Antunes (2004, p. 32), é preciso uma revolução que transforme como um todo o modo de produção existente até hoje e, com ele, a vigente ordem social.

Quando o proletariado, de acordo com Lukács (1989, p. 17), anuncia a dissolvência da ordem mundial até agora existente, prenuncia o segredo da sua própria existência, pois torna-se a dissolvência dessa ordem mundial.

Portanto, de acordo com o panorama apresentado, marcado pela expressão do modo perverso como se materializa o sistema mundializado do capital e da super exploração da força de trabalho, o envelhecimento do trabalhador se dá em busca de produtividade.

*É nessa dominação social do tempo-mercadoria que <<o tempo é tudo, o homem é nada: e quanto muito a carcaça do tempo>>. (MISÉRIA DA FILOSOFIA) (DEBORD, 2003, p. 121).*

## 1.4 Envelhecimento no tempo do capital

*[...] se a sociedade inventou a velhice, devem os idosos reinventar a sociedade. (SALGADO, 1988, p. 8).*

É imprescindível refletir sobre o trabalho e a aposentadoria quando se discute o processo de envelhecimento. Compreende-se que pensar em aposentaria denota preparar a população que envelhece para as mudanças em seu exercício profissional, que podem permanecer ou não após a concessão do benefício previdenciário, até sua desvinculação do mercado de trabalho (BULLA; KAEFER, 2003, p. 1).

A forma como cada pessoa idosa percebe o trabalho e a aposentadoria pode ser enfatizada pela história de vida de cada um. Segundo Bulla e Kaefer (2003, p. 1), o processo de envelhecimento e de aposentadoria ocorre de maneira variada, exibindo múltiplas interfaces que estão relacionadas às mudanças na vida social e no mundo do trabalho, à reorganização das famílias, ao convívio dentro e fora do trabalho, aos papéis sociais desempenhados, ao status do indivíduo, à maneira de ser de cada um, ao projeto pessoal de vida, dentre muitos outros fatores.

A maneira como o homem se relaciona com o trabalho faz com que tenha concepções e significados diferentes, que devem ser respeitados e entendidos, pois nenhum homem mesmo exerce funções semelhantes no processo de trabalho, não trabalha da mesma forma. Cada indivíduo se apropria do trabalho de maneira diferente, o que irá sustentar essa diferenciação será a maneira como o sujeito convive em seu meio social, considerado seu contexto socioeconômico. (BULLA; KAEFER, 2003, p. 3).

Sendo assim, as autoras alertam que para entender a história de vida do sujeito é preciso compreender também o meio de sobrevivência que as pessoas se apropriam. “Não há possibilidade de entender o homem e a sociedade sem relacioná-los com a história.” (BULLA; KAEFER, 2003, p. 3).

São muitas das dificuldades encontradas pelas pessoas idosas no seu cotidiano, enfrentando preconceitos relativos ao processo de envelhecimento e do seu afastamento do trabalho, ocasionando a aposentadoria. Essa última tem origens históricas e culturais, desta maneira, a pessoa idosa, então, esbarra em duas concepções negativas: a de estar na velhice, e também, estará de ter se aposentado (BULLA; KAEFER, 2003, p. 4).

De acordo com Coutrim (2010, p. 52), a velhice começou a ser preocupação do Estado na Europa no final do século XIX, quando houve a implantação da aposentadoria, pois

até então o envelhecimento dos membros da família era tratado no âmbito privado. O mesmo autor relata que a distinção da velhice nesta época era grande, visto que os burgueses e os profissionais liberais afastavam-se do trabalho por conta própria, enquanto que raros operários conseguiam se aposentar. Fundamental destacar que as lutas operárias refletiram na problematização do envelhecimento do trabalhador rompendo com a dimensão privada e excedendo a dimensão pública (TEIXEIRA, 2008, p. 31).

A instituição da aposentadoria acabou por assegurar aos aposentados um direito conquistado, mas também associou ao grupo a ideia de incapacidade para a produção. No princípio, segundo Coutrim (2010, p. 53), a pessoa idosa assegurada pelo Estado era o mais pobre, essa associação acabou por identificar os aposentados à condição de pobreza. Todavia a previdência foi consequência de um ajuste do Estado aos despossuídos emanado com os avanços capitalistas. Essa sociedade percebeu a necessidade de minorar as desigualdades inerentes ao sistema, talvez este, seguindo as palavras de Coutrim (2010, p. 54), seja um novo conceito de cidadania como a expressão clara das políticas sociais, desta maneira, desponta como uma compensação à exclusão temporária ou permanente do mundo do trabalho.

Pode-se perceber que o Estado aparece como amenizador das desigualdades no final da vida. No caso brasileiro, segundo Coutrim (2010, p. 55), foi no governo Vargas que a previdência encontrou uma sólida fonte de recursos para a promoção da sua meta: a industrialização; assim, a previdência social, desde sua idealização, funcionou como meio de captação de divisas.

É sabido que, com o progressivo crescimento do número de pessoas idosas, há o receio de que o sistema previdenciário (contribuição dos trabalhadores da ativa que sustenta os gastos com os aposentados e pensionistas) esteja fadado na falácia. As projeções demográficas tomam-se a discussão à ameaça na estabilidade econômica, assunto sócio de diversos países, entre eles o Brasil, no qual adotam medidas emergenciais para aumentar o tempo de serviço do trabalhador e diminuir o déficit da previdência social. O marco da idade para a aposentadoria é um dos grandes problemas enfrentados pelos governos, e este tem sido um instrumento para a diminuição dos gastos com os aposentados e pensionistas<sup>8</sup> (COUTRIM, 2010, p. 55-57).

Bulla e Kaefer (2003, p. 6) enaltecem que as questões relacionadas à previdência são consideradas como grandes desafios a serem enfrentados no Brasil e no mundo, havendo a

---

<sup>8</sup> Lançou-se o assunto da crise da previdência social para iniciarmos a discussão sobre a pessoa idosa no mercado de trabalho, pois esse é um dos assuntos que perpassa quando se trata do envelhecimento populacional, para tanto, como este não é o foco desta dissertação faz-se necessário maior aprofundamento e análise em outra oportunidade.



necessidade de discutir profundamente o assunto, até encontrarem as formas adequadas ao seu enfrentamento, tanto no âmbito social como no econômico. Enfatizam que é preciso realizar uma reforma na Previdência Social porque incide interesse de todos os setores da sociedade. Segundo Costa (2007, p. 36), o fenômeno do envelhecimento também tem implicações profundas na estrutura e função da família, na força de trabalho e nas políticas econômicas e sociais, já que crescerá a absorção de recursos e reduzirá, em tese, a mão-de-obra que aposentará ou que afastará do mercado formal de trabalho.

Entre as pessoas que trabalham com vínculo empregatício, é habitual a manifestação de ansiedade e de insegurança em relação ao futuro, quando se aproximam da aposentadoria. Esse é um momento que merece uma reflexão conjunta de profissionais preocupados com esta questão (COSTA, 2007, p. 34).

Os trabalhadores que ingressam na faixa etária da velhice, isso é, aos 60 anos de idade, passam a conviver no ambiente de trabalho as mais variadas formas de opressão, que podem ser representadas por gestos, palavras, convites para o afastamento do trabalho. Como pode-se afirmar qual o tempo ideal de se aposentar?

Existem indivíduos que não querem abdicar da profissão que desenvolveram durante toda a sua vida. É muito difícil para estes que passaram décadas desenvolvendo suas habilidades deixarem para trás todo um cabedal de conhecimentos acumulados, pois esse pode estar sendo o momento mais produtivo de suas vidas profissionais em termos de qualidade. (VARANI, SANTOS & MENDES, 2003, p. 127 apud COSTA, 2007, p. 101).

Em um determinado momento, o ser humano deixa de ser membro ativo da sociedade, ele é afastado de sua atividade pelo advento da aposentadoria, e o estigma da inatividade incorpora-se à sua vida, o status profissional deixa de existir e indivíduo acaba por se inserir no grupo de aposentados, o que em muitos dos casos equivale à perda do reconhecimento profissional. Esse é um período da vida em que, segundo Costa (2007, p. 25), os trabalhadores enfrentam situações estigmatizantes, obrigando-os a reconstruir sua identidade e reorganizar o seu cotidiano.

De acordo com Stieglitz (1978, p. 42 apud HADDAD, 1986, p. 41, grifo do autor), a aposentadoria é a tragédia da velhice, visto a convicção de inutilidade:

A aposentadoria tem sobre o homem um efeito catastrófico, quando não foi previamente preparada para isso. [...] a aposentadoria quando chega: desenvolve a ansiedade e reações depressivas; sensação de abandono e de não mais ser apreciada profissionalmente. [...] A aposentadoria exige revisão. Não pode ser generalizada e baseada somente no conceito cronológico [...] pois muitos necessitam ser afastados do trabalho, muitas vezes até mesmo antes da idade limite que a lei obriga, outros

podem ultrapassá-la sem nenhum comprometimento da saúde física ou mental. 'A MELHOR TERAPÊUTICA PARA O ENVELHECIMENTO É O TRABALHO.'. [...] O trabalho é o melhor prêmio que a vida pode oferecer ao homem.

É importante salientar que o grau de frustração/satisfação da aposentadoria varia entre homens e mulheres, visto que estas têm nos afazeres de casa e no cuidado dos filhos e netos, outra ocupação. Coutrim (2010, p. 58-59) enaltece que se devem considerar as variáveis que compreendem a fase da aposentadoria, já que ele passa a ser mais gratificante para uns do que para outros, o que depende do tipo de atividade exercida durante o período laboral e da construção de laços identitários fora do ambiente de trabalho.

Bulla e Kaefer (2003, p. 5) enfatizam que a sociedade é contraditória ao passo que, por um lado, considera-se a aposentadoria como um direito e uma conquista do trabalhador após muito esforço e anos de trabalho; por outro, desvaloriza-se o sujeito depois de aposentado, que passa a ser visto como improdutivo e inútil. A aposentadoria é apresentada, muitas vezes, como a perda do sentido da própria vida, pois presencia-se que o trabalho é um dos propulsores da vida ativa e da participação social das pessoas idosas (COSTA, 2007, p. 24). A realidade vivida por essas pessoas na proximidade da aposentadoria é singular. Portanto as intervenções em que os trabalhadores idosos esbarram no cotidiano, a fim de acelerar seu afastamento, passam a ser consideradas como uma opressão (COSTA, 2007, p. 101).

A satisfação alcançada pelo trabalho é algo acossado pelo homem desde os tempos em que buscou aperfeiçoar os meios de atender a satisfação para si e para sua família. Assim, a produção com vistas a prover a vida material é um processo que exige permanente atividade (COSTA, 2007, p. 25).

O ser humano cresce prepara-se para o trabalho e necessita dele, não só por uma questão de sustentabilidade, como de crescimento pessoal. Para o homem, o trabalho representa a própria vida, ainda mais em uma sociedade capitalista, em que o homem sem trabalho é considerado improdutivo, sendo excluído socialmente. (BULLA; KAEFER, 2003, p. 5).

O trabalho, segundo Bulla e Kaefer (2003, p. 5) é fundamental para o desenvolvimento pessoal e reconhecimento social, de acordo com as autoras, o trabalho representa o papel regulador da organização da vida humana, já que há nele o relacionamento com as pessoas, as atividades, os horários e outras exigências que são elementares para a vida social. Por isso o labor representa um valor muito significativo para as pessoas, o que dificulta o afastamento para o gozo da aposentadoria. Teixeira (2008, p. 73) destaca que, se os homens

sentem o vazio instalado pelo fim do trabalho, é porque o processo de reificação a que estão submetidos foi por eles internalizado e, por conseguinte, é por eles reproduzido. Tem-se essa afirmação firmada na ideia de que o modo de produção capitalista corresponde ao modo capitalista de pensar.

[...] que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que a força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à autovalorização do capital [...]. O capital não se importa com a duração da vida da força de trabalho. (MARX, 1984, p. 211-12 apud TEIXEIRA, 2008, p. 74).

Quando a pessoa idosa perde sua condição de ser produtivo, seja ela provocada pela aposentadoria ou pelo desemprego, sente-se desvalorizada, com a autoestima baixa, o que pode comprometer a sua realização e satisfação com a vida. Além disso, acontece a redução do poder aquisitivo, o que acaba por gerar corte em seu consumo e mudança do seu padrão de vida (COSTA, 2007, p. 111). Deve-se citar que, no entanto, a aposentadoria para a classe média significa liberdade, independências ou “tranquilidade” econômica (DEBERT, 1983, p. 66 apud MOTTA, 1998, p. 233). Entretanto, Teixeira (2008, p. 16) destaca que, para aqueles que envelhecem na periferia do sistema, o tempo de trabalho se estende ao tempo de envelhecer, ou ao tempo de consumo, serviços e mercadorias.

Costa (2007, p. 84) afirma que ser cidadão é permanecer ao grupo de sujeitos que têm o poder do consumo, isto é, podem atender ao apelo do poder econômico. Com essa perspectiva Teixeira (2008, p. 111) enfatiza:

Isso porque o capital avança não apenas gerando novas necessidades, como também criando os meios de satisfazê-las, tanto os objetivos, os serviços quanto os valores e os comportamentos necessários a essa satisfação, mas cujo fim não é o homem e suas ricas necessidades e, sim, a valorização, auto-expansão e as necessidades reprodutivas do capital.

Contudo, destaca-se que o ser, como essência do homem, não é valorizado, pois excluiu-se os que estão desvinculados do poder de compra. O que está em voga é o ter e não o ser, “A desvalorização do mundo humano aumenta na reação direta do aumento do valor do mundo dos objetos.” (MARX; 1962, p. 94-95 apud HADDAD, 1986, p. 42).

No Brasil, a grande maioria dos aposentados pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) recebe valores baixos, que diminuem a cada ano, porque a atualização desses valores não corresponde à inflação real, o que faz com que percam o seu

poder aquisitivo. Neste contexto, não resta outra opção a não ser engajar-se novamente no trabalho (BULLA; KAEFER, 2003, p. 6).

[...] pode-se dizer que a aposentadoria constitui, na realidade, o desfecho institucionalizado da exploração da força de trabalho. Aposenta os operários com base em seu salário, fruto do trabalho alienado e, ao aposentá-los, rebaixa ainda mais a remuneração de sua força de trabalho. [...] A Previdência Social é uma conquista da classe operária, fruto de suas reivindicações junta à classe dominante. Mas as leis que a reagem foram redigidas por representantes desta classe dominante. [...] Tratam todos como iguais, mas cada um dentro de sua categoria econômica. [...] Faz com que os aposentados, por não terem condições mínimas de subsistência, sejam obrigados a voltarem a trabalhar. [...] No entanto, coloca-os em uma condição de pauperismo profundo. Para sobreviverem a esta situação, os operários aposentados reagem, iniciando outro ciclo de vida, reingressando no mercado de força de trabalho [...]. (DANIEL, 1979, p. 175-176 apud HADDAD, 1986, p. 45).

Os motivos que levam o aposentado a continuar ou não a trabalhar são muito complexos, deve-se levar em consideração o fator econômico, a saúde, o desejo de continuar a desempenhar uma atividade, oportunidades, dentre outros. Entretanto a força de trabalho das pessoas idosas depara-se com dificuldades para se inserir e permanecer na atividade produtiva. As condições de trabalhos daquela categoria populacional, bem como em outras, são desfavoráveis porque há menos possibilidade de emprego. Os vínculos empregatícios são, em sua maioria, efêmeros, assim como os postos de trabalho exigem menor qualificação, são instáveis e de posição inferior, além da remuneração ser, conseqüentemente, mais baixa do que outros trabalhos ocupados (COSTA, 2007, p. 111).

Daniel (1979, p. 177 apud HADDAD, 1986, p. 46) revela que é custoso aos trabalhadores aposentados conseguirem trabalho assalariado devido à idade e ao estado de saúde que se encontram:

Os operários aposentados estão sempre disponíveis para o trabalho, apesar de todas as dificuldades de conseguirem algum serviço. Enquanto esperam a oportunidade de voltar a ser assalariados, trabalham como prestadores de serviço: por conta ou fazendo bico.

Nesse contexto, as pessoas idosas são especialmente discriminadas e obrigadas a rebaixar sua exigência de salários e aceitar empreitadas pesadas e nocivas para a saúde. Dados revelam que 4,6 milhões de pessoas idosas (cerca de um terço das pessoas idosas brasileiras) retornam ao mercado de trabalho depois de aposentados pelo fato de o valor do benefício ser insuficiente (BULLA; KAEFER, 2003, p. 5). Pesquisas evidenciam que a proporção dos que exercem atividades profissionais por poucas horas no dia é menor dos que trabalham em uma jornada de trabalho de oito ou mais horas diárias. As atividades desempenhadas não são mais

leves do que a exercida pelos mais jovens, e a renda que obtém contribui com a manutenção da família (COUTRIM, 2010, p. 69). “O trabalhador aposentado não consegue viver sem o trabalho que o massacrou a vida inteira, na medida em que sua vida dele depende.” (HADDAD, 1986, p. 45).

O aposentado, ao sair em busca de alguma atividade laborativa, torna-se integrante da violenta competição intertrabalhadores, segundo Haddad (1986, p. 46), esse acontecimento é resultante das variações cíclicas do processo de acumulação, o que ocasiona o rebaixamento dos salários reais. Uma das repercussões desse resultado é a ampliação do exército industrial de reserva da acumulação urbano-industrial que, ajudado pela migração, exprime a condição no mercado de trabalho, dando-se: “[...] uma precoce expulsão dos mais velhos da força de trabalho, e simultaneamente uma incorporação mais rápida da força de trabalho mais jovem, inclusive de menores.” (OLIVEIRA, 1977, p. 158 apud HADDAD, 1986, p. 47).

Mediante esse cenário, pesquisas evidenciam que será necessária a permanência das pessoas idosas nos postos de trabalho para o equilíbrio da previdência e para conter a falta de mão de obra qualificada e para o crescimento econômico. Evidencia-se que, em 2040, a força de trabalho será composta por 57% de profissionais com mais de 45 anos de idade. Entretanto salienta-se que o processo de mudança de aceitação nas empresas na permanência das pessoas idosas nos seus cargos é ainda lenta em relação à mudança na pirâmide etária, o que pode provocar problemas futuros (ARAÚJO, 2013, online).

O cenário que vem sendo desvendado é que, mesmo aposentadas, inúmeras pessoas idosas permanecem vinculadas às atividades de trabalho, por terem responsabilidades com a manutenção econômica da família. Para tanto, o trabalho que as pessoas idosas encontram é geralmente deplorável, muitas vezes com salários aviltantes, contudo a necessidade obriga-os a tal sujeição, devido à renda de aposentadoria, quando há, que não supre sua própria sobrevivência (COSTA, 2007, p. 85). De acordo com Bulla e Kaefer (2003, p. 5), deve-se considerar que os valores recebidos como aposentadoria pela maioria dos brasileiros não cobrem, muitas vezes ou quase sempre, a necessidade de manutenção da pessoa idosa e de seus dependentes, principalmente quando aquele é o principal mantenedor do grupo familiar.

Com altos índices de desemprego, na contemporaneidade, os filhos permanecem ou voltam para a casa dos pais, conservando-se a pessoa idosa como chefe de família e com novos encargos expressivos. Neste contexto, necessária se faz a co-habitação, mesmo sem

condições de cuidado satisfatório e de afetividade entre as famílias; a Organização das Nações Unidas (ONU), por sua vez, aponta esse acontecimento como

*Dado que La gran mayoría de los hogares multigeneracionales de América Latina y el Caribe se ubica en los estratos socioeconômicos bajos, es probable que muchas modalidades de coresidência no sean una consecuencia del afecto familiar sino de una necesidad econômica. Los escasos estúdios existentes señalan que, a raíz de las iniquidades sociales imperantes em la región, la mayoría de las personas de edad que residen em hogares multigeneracionales viven em situación de pobreza. (ONU, 1997<sup>a</sup>, p. 21 apud COUTRIM, 2010, p. 72).*

Com esse contexto, percebe-se que a pessoa idosa passa a ser sujeito passivo e solidário para com os membros de sua família, abrindo as portas de sua casa para aqueles quando em situações adversas. A pessoa idosa mantém, em muitos casos, o seu grupo familiar com a renda advinda da aposentadoria, de pensão, ou ainda do trabalho que permanece a exercer, mesmo que com vínculo empregatício informal, de modo a garantir o sustento e contribuir nas despesas de subsistência (COSTA, 2007, p. 44-67).

Bosi (2003, p. 179) alerta que o desemprego prolongado mina a disposição de projetar um futuro para si mesmo. A crise aflige as relações familiares pela dependência em relação ao parente que trabalha e o sustenta. Desta maneira, quando o trabalho passa a ser escasso na vida cotidiana, isto é, quando existe menor oferta do que procura, dá-se o início ao processo de exclusão, e muitos trabalhadores ficam à margem do mercado de trabalho, em situação de vulnerabilidade social<sup>9</sup>. Assim, segundo Haddad (1986, p. 42), “[...] no sistema capitalista, o crescimento da pobreza é diretamente proporcional ao crescimento da riqueza produzida pelo trabalhador.”

Bosi (2003, p. 154) enaltece que “[...] a raiz da compreensão da vida do povo está na fadiga”; desta forma, afirma que não é possível a compreensão do espaço e do tempo do trabalhador manual se a fadiga, a fome e a sede que deles nascem não estiverem presentes, bem como as alegrias advindas da participação no mundo do trabalho. Deste modo, apropria-se das palavras de Simone Weil (1996 apud BOSI, 2003, 154) “*Nulle poésie concernant le peuple n’ est authentique si La fatigue n’ y esta pás.*”<sup>10</sup>

O fim da vida da classe trabalhadora não poderá ser diferente da existência historicamente determinada pelo sistema capitalista, pois o homem dominado pelo trabalho

<sup>9</sup> “Vulnerabilidade social é a zona intermediária, instável, que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade.” (CASTEL, 1998, p. 24 apud COSTA, 2007, p. 83).

<sup>10</sup> “Nenhuma poesia referente ao povo é autêntica se nela não estiver presente a fadiga.” (WEIL, 1996 apud BOSI, 2003, p. 154).

produz-se como mercadoria e, conseqüentemente, produz suas condições de vida (HADDAD, 1986, p. 43).

[...] quanto mais o trabalhador se desgasta no trabalho tanto mais poderoso se torna o mundo de objetos por ele criado em face dele mesmo, tanto mais pobre se torna a sua vida interior, e tanto menos se pertence a si próprio. [...] Quanto maior for sua atividade, portanto, tanto menos ele possuía. O que está incorporado ao produto de seu trabalho não mais é dele mesmo. Quanto maior for o produto de seu trabalho, por conseguinte, tanto mais ele minguará. (MARX, 1962, p. 95 apud HADDAD, 1986, p. 43).

De acordo com Costa (2007, p. 83-84), é na vida cotidiana que a sociedade sofre pela homogeneização das culturas, costumes e hábitos das fases da vida. Do mesmo modo, essa sociedade passa a ser uma espécie de massa de manobra, “[...] um grupo social cujos membros tornam-se pessoas sem raízes, sem identidade cultural, sem nacionalidade, e esse processo vai provocando perdas na singularidade, nas distinções e nas diferenças.” Logo, as pessoas, entre elas e principalmente as pessoas idosas, subsistem sem ter oportunidade na vida. É preciso evidenciar a contradição de funcionamento das sociedades capitalistas, a divisão de classes sociais<sup>11</sup>:

Se dá sob o signo de uma dupla divisão: a divisão social do trabalho e a divisão da sociedade em classes. A separação entre trabalho manual e trabalho intelectual origina a ilusão da autonomia do pensamento; a separação entre classes dominantes e classes dominadas cria as condições para a subordinação do pensamento aos interesses da classe dominante. (BRUNO, 1980, p. 4 apud HADDAD, 1986, p. 18).

Na maioria das sociedades, se não em todas, a desigualdade na distribuição da riqueza, de vantagens e poder se fazem presentes. Para Marx, segundo Burke (2002, p. 87), classe é um grupo social com função específica no processo de produção, como os proprietários de terra, capitalistas e trabalhadores. Estes últimos nada possuem a não ser as mãos e braços para o labor. Contudo esses três fatores de produção na economia clássica correspondem a terra, trabalho e capital. As diferentes funções dessas classes, de acordo com

---

<sup>11</sup> Conforme Marx (2002 apud TEIXEIRA, 2008, p. 22), as classes sociais constituem, a partir das posições que ocupam nas relações de produção, que se restringem à sociedade capitalista, duas grandes classes opostas entre si: burguesia e classe trabalhadora. Nessa perspectiva, trabalhar com o envelhecimento do trabalhador implica incluir não apenas os que vivem da sua força de trabalho, incluindo neste os trabalhadores produtivos, ou seja, aqueles que produzem mais-valia e estão inseridos diretamente no processo de valorização do capital, denominados por Marx de proletariado, mas também os trabalhadores improdutivos, aqueles que exercem trabalho em serviços, comércio e outras modalidades para o uso público ou para o capitalista. Soma-se ainda o proletariado precarizado, os temporários, terceirizados, os desempregados e todos aqueles que possuem força de trabalho, mas que não é usufruída pelo mercado formal.

o autor, dotam de interesses conflitantes e de possibilidades de pensar e agir de diferentes formas.

Em tempos de neoliberalismo, as palavras chaves são produtividade e competitividade. Segundo Whitaker (2007, p. 112), o industrialismo transformou o prazer do trabalho concreto na morte lenta, nos acidentes da fábrica, da exaustão canavieira, do estresse do mundo dos negócios. O trabalhador manual faz parte da verdade e do conhecimento, pois suas mãos que servem e limpam, que fazem e transformam, penetram a natureza das coisas. Todavia as vítimas dessa contradição nem sempre têm a lucidez de perceber que o seu estado é inerente à estrutura social a que estão inseridas. “O sistema que transforma milhares de trabalhadores em párias faz visível a correlação entre crime e pobreza.” (BOSI, 2003, p. 134). Deve-se frisar que não é possível compreender o funcionamento do sistema sem entender as atitudes e os valores dos participantes (BURKE, 2002, p. 128).

A forma selvagem do capitalismo, de acordo com Debert (1999, p. 200), como sistema econômico impõe-se no contexto brasileiro, de modo a não encarar a pessoa, muitas vezes, como mão-de-obra apta para o trabalho, desvalorizando-o e abandonando-o. A sociedade rejeita o velho, não lhe oferece nenhuma sobrevivência, pois, ao perder a força de trabalho, ele não é mais produtor nem reproduzidor (BOSI, 1994, p. 78). A miséria e a solidão são companhia de vastos segmentos da população, em especial, as pessoas idosas.

[...] se ávida da maioria dos brasileiros nada significa, não é difícil concluir que os mais fatigados, fragilizados, improdutivos representam um grande peso. [...] o drama da velhice vivido por crescentes segmentos da população, constitui a mais contundente denúncia da trajetória de vida imposta pelo reino do capital. (HADDAD, 1992, p. 23 apud DEBERT, 1999, p. 200).

Quando se vive o primado da mercadoria sobre o ser humano, a idade remete à desvalorização, pois, de acordo com Bosi (1994, p. 78), a racionalização exige rápida cadência, o que elimina da indústria os velhos operários. Segundo Haddad (1986, p. 16-40), as sociedades capitalistas transformam as pessoas em mercadoria, condena o trabalhador à degradação durante todo o percurso da vida. Estas percepções nada mais são do que o produto de ideias da classe dominante como expressão ideal das relações materiais dominantes, assim as representações da pessoa idosa no mundo do trabalho são parte da realidade, são reflexos das relações, processos e estruturas do capitalismo. Nesse contexto, Halbwachs (1990, p. 22) afirma que, quanto mais se segue a realidade de perto, melhor se vê a realidade, diferenciando os homens na medida em que se multiplicam suas relações.



A sociedade extrai a energia dos trabalhadores sob a divisão de classes, o que cria uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação do próprio homem com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado dele. Portanto, essa sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário com mais idade, mas todo o trabalhador. “Destruirão amanhã o que construímos hoje.” (BOSI, 1994, p. 77).

Bosi (1994, p. 20) questiona “como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem” e responde que “[...] seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem.” Conclui-se que a sociedade é maléfica para a velhice, pois nela todo o sentimento de continuidade é destruído; os preconceitos da funcionalidade demolem paisagens, bloqueiam os caminhos da lembrança e apagam os rastros de uma vida inteira (BOSI, 1994, p. 20-30). “As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo.” (BEAUVOIR, 1970, p. 402 apud BOSI, 1994, p. 77).

*As dificuldades enfrentadas na velhice e na aposentadoria, como resultantes de toda uma existência marcada pela opressão dos mais elementares anseios, é o triste epílogo da vida da maioria dos trabalhadores.*  
(FERRIGNO, 1989, p. 9).

## **CAPÍTULO 2**

### **MEMÓRIA: UM DIAMANTE BRUTO QUE NECESSITA SER LAPIDADO**

## 2.1 Memória: dimensão sobre o tempo

*A memória é disposição da alma a conhecer a verdade em si. Recordar, então não é mergulhar no tempo, mas sim um êxodo do tempo, é caminhar em direção ao mundo das idéias.* (MALDONADO, 2009, p. 10).

Ao iniciar esse capítulo, vale destacar que a percepção imediata sobre a qual o leitor debruça-se assume todo o seu significado graças à memória. “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças.” (BERGSON, 1959 apud BOSI, 1994, p. 46). Assim:

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens. (BERGSON, 1959 apud BOSI, 1994, p. 46).

A memória é infinita e toda a consciência, segundo Fentress e Wickhan (1994, p. 9), é mediatizada por ela. A memória referenciada aqui é a memória que guarda e traça a existência do ser social, ou seja, aquela que vincula homem e mundo social (FERREIRA, 1998, p. 208). Assim, memória-experiência, do passado vivido, é aquilo que o sujeito carrega consigo, passados muitos anos e lembranças que são a sua própria vida (KESSEL, 2004, p. 55). Memória é um assunto amplo, e seu tratamento completo iria da psicologia à filosofia, da neurologia à história contemporânea, assim tal dissertação abordará apenas o processo da memória social.

A ideia de memória é associada a um sistema de armazenamento ou um depósito de conhecimento, de modo a albergar informações, tornando-se uma memória passiva. Mas esse não é o único sentido que perpassa a memória, ela também se manifesta em sentido ativo, quando recordar torna-se uma experiência mental, sujeita a certo grau de controle consciente, ora transmitida pelas frases “lembro-me”, “estou a tentar lembrar-me” ou “veio-me agora à memória” (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 30).

De acordo com Worcman (2013, p. 148) a memória é seletiva, pois o homem guarda aquilo que, por um motivo ou por outro, tem ou teve algum significado em sua vida. Desta maneira, Meihy (2002, p. 54) cita que memória é a lembrança que segue uma lógica subjetiva em que se seleciona e articula elementos que nem sempre equivalem a fatos concretos, objetivos e materiais. Em circunstâncias normais, a memória serve-se muito bem: recorda-se sem ter a noção de que está recordando e esse é um processo ativo.

É pela memória que o presente se confirma, pois sem ela não se pode garantir regras da vida social que são baseadas em ações passadas (MEIHY, 2002, p. 66). Para Matos (1992, p. 6), o passado é algo extinto, encerrado, e só é possível alcançá-lo de maneira indireta no presente, graças ao que ficou na memória. Em outras palavras, a experiência do presente fica escrita na experiência do passado e, segundo Eckert (1998, p. 176), ambos não são antagônicos, pois elas encadeiam entre si de forma coerente.

O nosso conhecimento, tanto do passado como do presente, é construído sobre ideias e evocações sobre a mente presente; não pode ser mais fiel do que as ideias e evocações sobre as quais se constrói. A confiança que temos na memória é limitada pela possibilidade de uma nova experiência ou ideias melhores a contradizerem. Tenhamos ou não consciência disso, o que tem valor na memória não é a sua capacidade de providenciar um fundamento inabalável ao conhecimento, mas, simplesmente, a sua capacidade de nos manter à tona da água. (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 40).

Segundo Bosi (1994, p. 20), “[...] lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão e compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição.” A lembrança, de acordo com a autora é a sobrevivência do passado. Eckert (1998, p. 176) enfatiza que o tempo lembrado não é a permanência do passado, mas sim viver no presente a partir de valores ressignificados. Acredita-se que “[...] uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito.” (BOSI, 1994, p. 81).

Em larga medida, a lembrança, segundo Halbwachs (1990, p. 72), é a reconstrução do passado com a ajuda do presente; aquele, por sua vez, realiza-se através da memória que coloca em contato com antigas impressões, reflexões e definições. Com frequência, o homem atribui a lembrança a si mesmo, como se ela não tivesse outra origem senão em si mesmo, todavia ideias, sentimentos, reflexões e paixões foram inspirados pelo o grupo do qual fez parte. Por isso, passam despercebidas as influências sociais que o ser humano obedece no cotidiano, o que o leva a acreditar que é livre em pensamento e sentimento.

[...] acontece mesmo frequentemente que a dosagem de nossas opiniões, a complexidade de nossos sentimentos e de nossas preferências não são mais que a expressão dos acasos que nos colocaram em relação com grupos diversos ou opostos, e que a parte que representamos em cada modo de ver está determinada pela intensidade desigual das influências que estes têm, separadamente, exercido sobre nós. (HALBWACHS, 1990, p. 47).

É inviável conceber a evocação e localização das lembranças sem tomar como ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de reconstrução da memória. Assim o

autor afirma que “Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva da história.” (HALBWACHS, 1990, p. 14).

Bosi (1994, p. 54) enfatiza também que “Os fatos sociais constituem em modos de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem.” Nesta perspectiva, as relações estabelecidas não ficam restritas ao mundo da pessoa, mas atinge a realidade interpessoal e das instituições sociais. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 1994, p. 54).

Assim, Meihy (2002, p. 54) afirma que toda memória possui indicadores sociais que a justificam e que “É sobre a relação entre ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que revelam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas.” Desse modo, Halbwachs (1990, p. 25) propôs duas distinções: a memória coletiva e a memória individual; demonstrando que entre elas são desenvolvidas as diversas formas de memória na qual variam conforme os objetivos que implicam.

Um grupo é formado por um conjunto de homens - essa é a memória coletiva - não obstante, ele é formado por indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo - essa é a memória individual. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, sendo que o ponto de vista muda mediante o lugar e as relações que o homem estabelece em seu meio (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Para maior compreensão, Halbwachs (1990, p. 37) descreve que quando um homem está desacompanhado de alguém, em algum ambiente, sem dúvida durante determinado tempo “esteve só”, mas ele não esteve só se não na aparência, posto que, mesmo neste momento, seus pensamentos e atos explicam pela sua natureza de ser social e que em nenhum instante deixou de estar inserido dentro de uma sociedade. A memória individual não está totalmente isolada e fechada, já que para evocar o seu próprio passado o homem tem a necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros, reportar-se a pontos de referências que existem fora dele e que são fixados pela sociedade, assim, segundo Halbwachs (1990, p. 54), não é possível o funcionamento da memória individual sem esse instrumento, palavras e ideias que ele emprestou do seu meio. “Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo.”

A memória, segundo Maldonato (2009, p. 9), é uma das virtudes da experiência vivida. As lembranças individuais são sempre particulares, ou seja, as lembranças do homem são inteiramente dele, assim como, carrega em si uma bagagem de memória emprestada, advindas de lembranças históricas, acontecimentos antigos que ocorreram antes do seu nascimento, e que são divulgados pela conversação e pela leitura. Halbwachs (1990, p. 55-57) faz uma distinção desse fato, denomina memória interior e exterior; memória pessoal e memória social; ou então memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apropria da segunda, já que toda história de vida do homem faz parte da história como um todo, entretanto, a segunda é muito mais ampla e não apresenta um quadro contínuo e denso como a primeira. Os acontecimentos históricos desempenham o papel de dividir o tempo, marcando-o em relógio ou em calendários, enquanto que a vida pessoal perpassa por um movimento contínuo.

[...] certamente não posso dizer que me lembre dos detalhes dos acontecimentos, pois não os conheci senão pelos livros. Mas, à diferença das outras épocas, esta vive em minha memória, já que nela fui mergulhado, e que toda uma parte de minhas lembranças de então não é dela senão um reflexo. (HALBWACHS, 1990, p. 60).

Logo a memória se apoia na experiência da história vivida e não apenas na história aprendida. Thompson (1992, p. 302) enfatiza que “A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica. [...] a evidência, em cada história de vida, só pode ser plenamente compreendida como parte da vida como um todo.” É preciso que as lembranças individuais estejam apoiadas nas lembranças coletivas para que ambas se completem.

Cada homem é membro, ao mesmo tempo, de vários grupos, maiores ou menores. Tem-se como maior grupo a nação, em que há associação de acontecimentos que modificam a vida de uma pátria, todavia, ainda que a vida do homem, de seus familiares e de seus amigos esteja compreendida nela, não se pode dizer que a nação como tal se interesse pelo destino individual de seus membros, em comparação ao grupo local, como a cidade, que atua em interesse do conjunto dos cidadãos. Entre os grupos citados, há muitos outros grupos mais restritos que também tem sua memória e que atuam diretamente sobre seus membros, como a família, amigos do trabalho, da igreja, da escola, vizinhos, dentre outros (HALBWACHS, 1990, p. 78-90). É no interior daqueles grupos que são desenvolvidas as memórias coletivas, que mantêm por algum período as lembranças de determinados acontecimentos que não têm importância senão para os membros do grupo.

Segundo Meihy (2002, p. 56), “[...] é a identidade que dá qualidade à memória de um grupo e é a memória que distingue sua identidade.” Bosi (1994, p. 413) cita que o deslocamento entre grupos altera o ponto de vista do homem, “[...] pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém a ação atual.” Cada grupo tem sua própria história e memória, e no momento em que recorda, toma consciência da sua identidade sobre o tempo.

A construção da memória coletiva também pode resultar em uma força histórica de grande poder. Toma-se como exemplo as sucessivas perseguições dos judeus, as lutas religiosas e tantos outros acontecimentos. A memória coletiva, segundo Halbwachs (1990, p. 82), é a corrente contínua do pensamento que retém do passado o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a conserva.

Se a duração da vida humana for duplicada ou triplicada, o campo da memória coletiva, medido em unidade de tempo, será bem mais extenso. [...] Em todo o caso, uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, sobre as bordas que assinalam seus limites, à medida que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem, ela não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio, muda sem cessar. (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Desta forma, de acordo com o mesmo autor, é difícil definir quando a memória coletiva deixa de existir, deve-se levar em conta o tempo, pois o grupo - no que se refere aos seus integrantes - muda, o que pode ocasionar outro grupo com poucas tradições comuns em relação à construção da formação do grupo. As transformações profundas pelas quais passam os grupos e a perda e a chegada de novos membros são pontos de partidas, já que, antes deles, os caminhos se perderam e a memória tornou-se descontínua e apagada (HALBWACHS, 1990, p. 420).

A questão da memória, de acordo com Maldonato (2009, p. 7), está intrinsecamente ligada à questão do tempo, já que é impossível lembrar sem temporizar, ou seja, quando se fala em memória experiência, vem à mente o seu desenvolvimento temporal. Para Bruno e Samain (2004, p. 28) a memória satisfaz-se na caçada da escuridão do tempo. O tempo referido aqui é a medida que permite conservar e lembrar dos acontecimentos que foram construídos e não a criação artificial para a adição, multiplicação e combinação de momentos emprestados. Bosi (2003, p. 20) enfatiza que “[...] o tempo é, não homogêneo e vazio, mas repleto de índices.”

Halbwachs (1990, p. 101) menciona que as lembranças estão relacionadas a quadros de dados temporais: “[...] foi antes ou depois da guerra; eu estava com tal amigo; eu

preparava tal trabalho quando aconteceu tal coisa.”; e por meio dessa reflexão de sucessão de fatos que uma lembrança vem à tona. É percorrendo em pensamento os quadros temporais que imagens de momentos passados são reveladas. “Os acontecimentos se sucedem no tempo [...] Somente os tempos são mais ou menos amplos, eles permitem à memória retroceder mais ou menos longe, dentro daquilo que convém chamar de passado.” (HALBWACHS, 1990, p. 127).

Faz-se necessário salientar que o tempo individual é absorvido pelo tempo social. Para Bosi (1993, p. 31), o tempo da memória é social por repercutir no modo de lembrar e não por dividir o tempo apenas. Cada grupo vivencia o tempo de forma diferente, assim ele não ocorre com a mesma exatidão na família, na escola e no trabalho (HALBWACHS, 1990, p. 418). Para Lukács (1989, p. 186) “[...] o tempo é o lugar da evolução humana.”

Eckert (1998, p. 176) cita que os tempos vividos são movimentos dialéticos de continuidades e descontinuidades da duração social. Portanto, de acordo com Meihy (2002, p. 57), é fundamental levar em conta o lugar social em que os indivíduos e grupos traçam suas versões, pois os compromissos de classe sociais são os que mais influenciam. Desse modo pra compreender a memória do grupo é preciso conceber o tempo social e as classes sociais como várias rupturas e espaços.

Além do quadro temporal da lembrança e das ideias, há o quadro espacial. É sobre o espaço que o grupo ocupa e por onde ele passa que o pensamento e a memória podem ser reconstruídos. De acordo com Ferreira (1998, p. 221), o espaço emoldurado nas memórias é um espaço de integração de lembranças e, por essa moldura social, que a rememoração é trazida à cena. Esse elemento circula em ritmo que cadencia a vida humana e deve ser visto sempre de modo situacional. “Todo grupo se divide e se restringe no tempo e no espaço.” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Segundo Thompson (1992, p. 154), as lembranças podem ser estimuladas pela visita ao ambiente de algum acontecimento passado e pelo reencontro de um conhecido.

O encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos na evocação solitária. Mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós. (BOSI, 1994, p. 407).

De acordo com Bosi (1994, p. 54), as situações presentes são as responsáveis pela lembrança, ela é possível, na maioria das vezes, graças à provocação dos pais, dos amigos ou



de outros homens, além do ambiente. Faz-se necessário reconhecer que muitas lembranças ou ideias foram inspiradas em conversas e contato com outras pessoas e com o passar dos tempos ela passa a ter significado individual e são enriquecidas por debates e experiência vivenciadas. Segundo a autora, esse processo não é consciente, pois foram reflexões “[...] que calaram bem com nosso estado de alma [...]” (BOSI, 1994, p. 407). Assim, a autora afirma que determinar a origem da influência social sobre nossas lembranças é difícil, já que ela converge várias correntes de pensamento coletivo.

A descrição da memória é complexa, pois por detrás dela está uma série de atos mentais. Fentress e Wickhan (1994, p. 42-48) afirmam que a memória reúne, frequentemente, o reconhecimento, a evocação e a articulação. A aceção de reconhecer é a identificação de alguma coisa ou alguém que está diante do homem, baseado em experiências ou conhecimentos anteriores. Evocar é trazer qualquer coisa de volta ao espírito, sem necessariamente estar presente, por isso, a evocação é um ato interior que abrange qualquer tipo de representação mental. Quando há a comunicação com o outro envolto à reminiscência, leva-se a memória à articulação, assim, a memória, por sua vez, requer certo grau de interpretação (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 42-48).

A memória está presente em todos os aspectos da vida, já que ela possui uma dimensão histórica. Segundo Fentress e Wickhan (1994, p. 15-17), a memória é dividida em dois segmentos: a parte objetiva que serve de contentor dos fatos a conservar o conhecimento; e a parte subjetiva que inclui informações e sentimentos. A distinção crucial apresentada pelos autores é entre o conhecimento e a sensação, assim apresenta-se o conhecimento como sendo uma pertença do homem, mas não como uma parte vital no sentido em que a sensação o é. Outro ponto destacado é que, ao contrário de conhecer, recordar parece ser um estado de espírito, pois a maior parte do que se recorda está sob a forma de emoções, sentimentos, fantasias ou imagens sensoriais recordadas. As memórias pessoais são indissolúveis e fazem parte de cada homem. Portanto recorda-se conhecimento, mas também sensações.

De acordo com Fentress e Wickhan (1994, p. 18-19), a condição de saber seja o que for, por meio da memória, é mantê-la em ligação, “[...] implica muitas vezes viajar para trás ao longo de um encadeado de memórias; se a cadeia se desfizer e todos os elos ficarem separados, deixaremos de todo de poder recordar.” A melhor manifestação em transmitir informação, segundo os autores, é a memória objetiva, pois ela é o aspecto da memória de acesso facilitado se comparado à memória subjetiva, dos sentimentos e da experiência pessoal. Essa por sua vez, evolui e muda com o tempo, logo recordar é revelar a longa história que cada ser humano possui.

Segundo Bosi (1994, p. 48), o corpo guarda esquemas comportamentais que incorpora práticas do dia-a-dia adquiridas pelo esforço da atenção e repetição de gestos e palavras. Tem-se também a memória dos mecanismos motores, denominada pela autora de “memória hábito”.

Graças à memória-hábito, sabemos “de cor” os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo regras da etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o escrever a máquina etc. A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. (BOSI, 1994, p. 49).

A memória mantém à tona a vida cotidiana por formas que o ser humano não se dá conta. Pode-se afirmar que memória é também recordar o mundo de artefatos, de coisas, que contribui na manutenção e preservação de fatores identitários, e essa relação incrementa-se à medida que o tempo passa. “[...] muitos objetos estão unidos inseparavelmente à memória.” (FERREIRA, 1998, p. 219). “[...] há algo que desejamos que permanece imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. [...] os objetos nos dão um sentimento a nossa posição no mundo, a nossa identidade.” (HALBWACHS, 1990, p. 441).

Muito desses objetos estão intimamente associados com a intimidade do homem, pois envelhece com seu possuidor e, portanto, fazem parte da sua história de vida. No universo de sentidos e significados representado pelos artefatos, alguns são ostentados pela ação despendida por toda uma existência, o que acaba por ocasionar a identidade social do homem. Assim, Halbwachs (1990, p. 441) demonstra que “Cada um desses objetos [o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa mundi do viajante] representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores.”

É na vivência que os indícios de materiais encontram acepção, cuja perda ou afastamento denotam o próprio fim, a descaracterização do homem social. A memória não é cristalizada na adjaze pura e simples, mas constantemente renovada por novos sentidos e significados advindos do momento contemporâneo.

Um fator que está intimamente ligado à memória é o esquecimento. Ninguém pode ter acesso a todas as lembranças, “[...] o processo do lembrar implica no que se esquecer.” (MEIHY, 2002, p. 67). O passado compreende duas espécies de elementos: aquele que é possível evocar quando se quer; e aquele que não atende ao apelo. O primeiro caso, segundo Halbwachs (1990, p. 49), está dentro do domínio comum, é pessoal e particular e, portanto, de fácil acesso, além de serem acontecimentos que estão em constante presença e

são os mais gravados na memória. Já o segundo caso, aquilo que não se pode lembrar à vontade, não pertence aos outros a não ser ao próprio homem, porque ninguém além dele mesmo pode conhecê-lo.

De acordo com Fentress e Wickhan (1994, p. 57-58), o processo de recordar e esquecer são extensão dos tipos de técnicas conscientes, mas o controle que exerce sobre a memória é parcial e limitado. A memória expressa a união do espírito com o corpo, este com o mundo social e natural. Entretanto, esse percurso é também fonte de esquecimento, pois a memória não é um receptor passivo, ela é um processo de reestruturação ativo em que os elementos podem ser retidos, reordenados e até suprimidos.

Thompson (1992, p. 154-157) afirma que o esquecimento pode estar associado à repugnância de determinadas lembranças, ocasionado pela fuga consciente de fatos impalatáveis ou pela repressão inconsciente. No entanto, segundo o autor, as crianças, desde o nascimento até os 4 anos, têm pouca memória de longo prazo, e esse estágio segue em transição até os 11 anos, por isso a facilidade de decorar dados e conservar uma boa memória fotográfica. Contudo, depois dos 30 anos, a memória imediata começa a decair. Mas é com a aposentadoria ou algum outro processo traumático que a memória segue sua etapa final. Esse fenômeno, de acordo com o autor, é identificado como a “revisão de vida”, pois nele vem à tona o desejo de lembrar sem a preocupação de adequar a narrativa às normas sociais de quem a escuta.

Em quase todas as pessoas se observa uma iníqua propensão para julgar que o intelecto do homem se deteriora com o passar dos anos. Se um jovem ou um indivíduo de meia-idade, ao se despedir de alguém, não se recordar de onde largou o chapéu, seu esquecimento passará em brancas nuvens. Todavia, se o mesmo lapso for cometido por uma pessoa idosa, damos de ombros e comentamos: ‘Sua memória já não é mais a mesma’. (SAMUEL JOHNSON apud CONFORT, 1979, p. 170).

A impossibilidade de lembrar com precisão os fatos fundamentais de sua existência provoca temor entre as pessoas idosas. Entretanto, Zimmerman (2000, p. 29) afirma que a memória não envelhece, o que ocorre frequentemente é que ela não é usada, o que alerta para que seja exercitada, pois ela é importante tanto quanto os exercícios físicos. Confort (1979, p. 170) acrescenta ainda que a menos que a pessoa esteja doente, a velhice não traz a perda da memória, ela apenas reduz a celeridade da entrada de informações e lembranças. Nas palavras do autor, “[...] o ‘arquivo’ não envelhece, mas a ‘secretária’, uma senhora velhusca, demora mais tempo para classificar fichas novas ou para buscar as que você lhe pede.” (CONFORT, 1979, p. 170).

Todavia, acredita-se na afirmação de Halbwachs (1990, p. 77), na qual nada é esquecido, já que o passado permanece dentro da memória, porém alguns obstáculos impedem que invoque dele todas as partes. O autor cita como exemplo as páginas impressas dos livros, que podem ser abertas mesmo que há muito tempo estivessem fechadas. Contudo os autores Crook III e Adderly (2001, p. 38) enfatizam que “[...] é bom ter uma memória tenaz, mas a capacidade de esquecer é o verdadeiro símbolo da grandeza.”

*A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre coisas. (BOSI, 2003, p. 16).*

## 2.2 A memória trazida em palavras

*Pelo poder da palavra  
é possível navegar com as nuvens,  
visitar as estrelas,  
entrar no corpo dos animais,  
fluir com a seiva das plantas,  
investigar a imaginação da matéria,  
mergulhar no fundo de rios e de mares,  
andar por mundos que há muito deixaram de existir,  
assentar-se dentro de pirâmides e de catedrais góticas,  
ouvir corais gregorianos,  
ver os homens trabalhando e amando,  
ler as canções que escreveram,  
aprender das loucuras do poder,  
passear pelos espaços da literatura, da arte, da  
filosofia, dos números,  
lugares onde seu corpo nunca poderia ir sozinho...  
(ALVES, 1994, p. 57).*

A palavra, introduzida pela narrativa, é a base que sustenta a “[...] memória, imaginação e representação.” (MEIHY, 2002, p. 52). Desse modo, nota-se com o poema de Rubem Alves que a memória do passado é dinâmica, por sua vez, a narrativa da memória também a é, esta é mutável e sofre variações que perpassam desde a ênfase, a entonação, até o silêncio.

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1981, p. 95 apud LOURENÇO; MASSI, 2011, p. 58).

Parte-se do princípio de que todo ser humano tem sua cultura e a promove pela comunicação com o outro (FREITAS; COSTA, 2011, 2003). O instrumento socializador da memória são as palavras (BOSI, 1994, p. 56), contudo, Barlett (1932 apud BOSI, 1994, p. 64), alerta que a linguagem não aflora de maneira pura pelo sujeito que lembra, já que ela é estilizada pelo ponto de vista cultural, econômico e ideológico pelo grupo no qual esta inserida.

A propriedade fundamental da linguagem é a de constituição do sujeito. Não existe processo de humanização sem a linguagem, porque ela é estabelecida num trabalho em que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros. Portanto, é legítimo afirmar que a linguagem é um trabalho social, histórico, que tem cunho político, econômico, e é perpassada por ideologias. A linguagem socializa. Não existe homem sem linguagem. (LOURENÇO; MASSI, 2011, p. 49).

A memória oral, segundo Bosi (2003, p. 15), é o meio precioso para construir a crônica da realidade cotidiana, entretanto ela corre o risco de desabar numa “ideologização”. Com isso, a autora enfatiza que a memória oral, exerce o papel de intermediário informal da cultura, já que há mediadores formais materializados por instituições (a escola, a igreja, os partidos políticos, dentre outros) que transmitem os valores, conteúdos e atitudes da cultura. Assim, não se deve pensar que testemunhos orais são sempre “autênticos”, pois muitas vezes são dominados por estereótipos da memória institucional e transmitem e difundem o poder legitimador.

A narrativa da memória pode representar a capacidade de propagação e ressignificação das experiências (DIEHL, 2002, p. 105). Contudo é importante destacar que as experiências referidas aqui não são apenas advindas daqueles que viajam muito e que vieram de longe, mas dos que vivenciaram momentos sem sair do seu país, de sua história e de sua tradição (BEJAMIN, 1994, p. 198).

Faz-se um breve caminhar na cultura de algumas sociedades em relação à memória oral, no entanto a priori é importante destacar que cada sociedade, de acordo com seus sistemas simbólicos de cultura (linguagem, economia, parentesco, arte, ciência, religião), tem o seu ritmo peculiar de tradição e evolução (BOSI, 2003, p. 131). De acordo com Mato (1992, p. 5), tradição é o pertencimento a um agrupamento de valores e expectativas que percorre desde a maneira de nascer, de viver, até a maneira de morrer.

Em sociedades como a Islândia medieval e a Grécia antiga, os conhecimentos, as experiências e as tradições eram conservadas pela memória coletiva e trazidas à tona por meio das narrativas (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 22). De acordo com Kessel (2004, p. 55),

nas sociedades pré-capitalistas, a narrativa era a forma pela qual as histórias eram compartilhadas pelos grupos, em que valores e profissões eram apreendidos, enfim, era por meio dela que se compreendia o mundo, e como viver e atuar nele.

[...] o corpo dos costumes, direitos e deveres legais e sociais pelos quais habitualmente se rege uma comunidade eram normalmente conservados na memória coletiva dessa comunidade. Por mais importante que fosse, a escrita era ainda encarada como um adjunto da memória. (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 22).

Nestas comunidades a memória viva, trazida pela narrativa, tinha grande valia, pois era por meio dela que o corpo de costumes de seu povo era preservado. Nota-se que a escrita era importante, mas não era usada como instrumento legitimador do compartilhar da memória, e sim como um adjunto dela.

Deve-se ressaltar que a escrita foi considerada um avanço para a humanidade, já que “[...] coisas que não somos capazes de conservar nas nossas frágeis memórias conservam-se por escrito e por meio das letras, que duram para sempre.” (LE GOFF, 1998, p. 140 apud FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 22). Entretanto, faz-se necessário destacar que, “[...] o que a escrita preserva não é a memória de coisas, mas a de palavras.” (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 31).

A memória oral, na sociedade letrada, tornou-se rara, ao passo que o conjunto de instruções legais e sociais para o funcionamento da sociedade é demasiado vasto e complexo para ser conservado na memória coletiva. Atualmente, a narrativa tornou-se ação da escrita, pois a grande maioria dos costumes, direitos e deveres sociais são descarregadas em agendas e blocos de notas (FENTRESS; WICKHAN, 1994, p. 31). Vive-se em uma sociedade em que a escrita é fundamental, é a base da comunicação e transmissão de informações e teve sua importância ampliada pelas novas tecnologias de informação (KESSEL, 2004, p. 57). Assim, enquanto a narrativa é um processo dinâmico e conservado pela memória viva, a escrita é estática, contida em livros, documentos, e em outros meios de registros.

Segundo Fentress e Wickhan (1994, p. 34-35), as culturas letradas tendem a descrever “coisas” em significados, em contrapartida, as culturas não letradas tendem a coisificar “palavras”. A experiência é diferente, mas o resultado é o mesmo, assim percebe-se que a cultura é a medida determinadora.

Benjamin (1994, p. 10-11) distingue três principais condições que levaram ao desprestígio da memória e da arte de narrar:

- a) A transmissão da experiência deve ser comum entre o narrador e o ouvinte: o distanciamento dos grupos humanos, em especial das gerações, causado pelo rápido desenvolvimento capitalista destruiu as condições de vida. Enquanto no passado a pessoa idosa era considerada a depositária privilegiada de experiência, hoje ele não passa de um sujeito cujo discurso é arcaico e inútil.
- b) A comunhão entre vida e palavra apoiou-se na organização pré-capitalista do trabalho, particularmente na atividade artesanal: o ritmo lento e orgânico do trabalho artesanal se inscreveu em um tempo de contar em oposição à rapidez do processo de trabalho industrial. O movimento preciso do artesão, de respeito à matéria que transformava, possuía uma relação restrita com a atividade de narrar, já que mantinha a junção secular entre mão e voz, entre gesto e palavra.
- c) A experiência funda a dimensão prática da narrativa: o compartilhar da experiência da pessoa, muitas vezes, toma a forma de moral, conselhos e advertência, o que leva o ouvinte, em seu mundo particular e privado, a sentir-se aborrecido.

Com esse panorama, Benjamin (1994, p. 11) afirma que a desvalorização da memória parte do declínio de uma experiência coletiva, ligada ao trabalho e ao tempo partilhado no mesmo universo de prática e de linguagem. Contudo, segundo Bosi (2003, p. 25), convém verificar que a perda e a desvalorização da narrativa foram causadas pela classe que extrai a energia, a força e o conjunto dos bens, ou seja, a classe dominante. Neste contexto, os acontecimentos aparecem com menos nitidez e descontinuidade das relações vividas; consequência da alienação, do grande turvo da cognição, da mera observação do mundo e do conhecimento do outro.

Para Kessel (2004, p. 55), a narrativa, meio que favorece o compartilhar da memória, não tem mais lugar na sociedade contemporânea, pois ela não é mais necessária para aprender como participar desta sociedade, como desempenhar o trabalho, e como se comportar. “Quando o velho narrador e a criança se encontram, os conselhos são absorvidos pela história: a moral da história faz parte da narrativa como um só coro, gozando as mesmas vantagens estéticas (as rimas, o humor...)” (BOSI, 2003, p. 34).

Pode-se perceber que a narrativa sempre possui uma dimensão utilitária que pode consistir em um ensinamento moral, em uma sugestão prática, em uma norma, ou seja, o narrador é uma pessoa que sabe dar conselhos. Segundo Benjamin (1994, p. 198), o conselho tecido na essência viva recebe o nome de sabedoria. Entretanto o autor afirma que a prática

de narrar está em baixa, ao perceber que acontecimentos históricos foram e são escritos sem a escuta da sabedoria de quem presenciou e viveu tal fato.

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiências comunicáveis. E o que difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Entre o ouvinte e o narrador, de acordo com Bosi (1994, p. 90), deve nascer uma relação de interesses comuns para que se conserve o narrado, a fim de que este seja reproduzido.

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. (BOSI, 2004, p. 61).

A arte de contar histórias sempre foi a de recontá-las, e elas se perdem quando não são conservadas, isso acontece porque ninguém mais permanece ou tece enquanto ouve a história. Com essa conjuntura, Benjamin (1994, p. 205) cita: “O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvidos.”

O processo que expulsa radicalmente a narrativa da esfera da oração viva introduz uma nova perfeição ao que está oculto, desenvolvendo em conjunto com a evolução das forças produtivas. Assim, de acordo com Benjamin (1994, p. 201), nada seria mais tolo na sociedade do que levar a narrativa ao sintoma de decadência e substituí-la a uma característica moderna.

De acordo com Benjamin (1994, p. 198): “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”

Porventura, se a oralidade não representa mais o meio fundante para a transmissão de informação, ela é insubstituível para compartilhar certos tipos de saberes. Assim, o acesso às experiências das gerações não seria possível senão pela narração (KESSEL, 2004, p. 57).

Segundo Bosi (1994, p. 88), a narração possui uma forma artesanal de comunicação, ela não visa transmitir a experiência por si só, ela a tece até obter uma boa



forma. Todavia a narrativa tecida ao longo de muitos séculos desfia-se freneticamente, ao ser substituída pela informação impressa e, a cada dia, perder seu espaço de escuta.

A pessoa, quando narra, não está preocupada em transmitir a informação ou o relato por si só, o que a interessa é mergulhar profundamente dentro do seu passado e rememorar momentos. Em outras palavras, a rememoração emerge ao lado da memória e manifesta-se através da narrativa (BENJAMIN, 1994, p. 211-212).

Para Diehl (2002, p. 101), a narrativa do passado via rememoração não implica somente na reconstrução do passado, mas na mudança do presente. Logo a relação entre passado e presente implica no encontro transformador de ambos. Nesse processo de integrar o passado com o presente, faz surgir o vínculo essencial entre narrativa e história.

A linguagem contada na narrativa é uma espécie de reatualização da origem e, portanto, ela possui uma vinculação com o futuro utópico no passado. É, em última análise, restabelecer os vínculos com as ideias de futuro no presente e as ideias de futuro que se tinha no passado. Então, a tarefa da narrativa não é apenas a reestruturação do idêntico esquecido, mas a possibilidade do diferente. (DIEHL, 2002, p. 101).

Neste contexto, a oralidade se desenvolve no tempo, falam no tempo e do tempo, o que recupera o fluxo circular que a memória estabelece do presente para o passado e destes para o futuro. Bosi (2004, p. 45) afirma que a narrativa da memória de vida compara-se mais com a música do que com o discurso escrito, pois trazem conotações afetivas, expressivas como projeções de vida que não se contenta com a ordenação das palavras ou de frases: “[...] precisa do tom, do andamento, do ritmo para dizer-se.” (BOSI, 2003, p. 47).

Toda memória divulgada pelo narrador inscreve-se dentro da sua própria história e de seu tempo: o seu nascimento, vida e morte. É justamente pela narrativa do cotidiano, julgada como senso comum que se aprende acerca da cultura e da memória (KESSEL, 2004, p. 57). Segundo Benjamin (1994, p. 221), é o acervo de toda sua vida que o narrador circunda:

[...] uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.

Segundo Bosi (2003, p. 66), a narrativa é sempre uma escavação própria do sujeito, em tensão permanente contra o tempo organizado pelo sistema, e esse tempo interior é a maior riqueza que o homem possui; assim, todo o vivido, toda a sabedoria podem repassar

por seus lábios. Deste modo, rememorar estimula o lado íntimo e esquecido dos fatos e emoções do narrador (MEIHY, 2002, p. 66). Deve-se, então, refletir que a omissão, o esquecimento e as esmiúças de trechos de narrativas são exemplos de como incidiu e traçou a sensibilidade dos fatos cotidianos ao sujeito.

Para Lourenço e Massi (2011, p. 86), a linguagem permite que o sujeito dê significado à sua história e sentido à sua existência. Nesse contexto, a narrativa tem sentido singular no processo de envelhecimento, pois é por meio dela “[...] que o sujeito consegue (re)significar a velhice, transformar a linguagem e por ela ser transformado.” (LOURENÇO; MASSI, 2011, p. 84). Logo, a memória oral é fecunda quando influi a função intermediária entre cultura e geração.

*Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.*  
(BENJAMIN, 1994, p. 213).

### 2.3 A valorização da memória entre as gerações

*As chaves do futuro e de utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos.* (BOSI, 2003, p. 208).

A pessoa idosa, em algumas culturas, era a guardiã das tradições e a referência em ensinar aos jovens todos os costumes, já que ela tinha muita experiência devido ao tempo vivido, carregando consigo lembranças. Segundo Debert (1999, p. 53), a continuidade das tradições estava estreitamente relacionada com as gerações, pois nelas o ciclo da vida era renovado e os costumes eram redescobertos e revividos. Neste contexto, a pessoa idosa possuía um papel singular em comparação aos homens de outras idades, o preceito de lembrar.

Gusmão (2003, p. 53) cita que: “Nas nações do leste da Ásia (Coréia, China e Japão), os velhos são muito respeitados, não só por deterem autoridade intrafamiliar, mas também por serem responsáveis pela perpetuação dos valores, princípios e crenças que dão sustentação a toda a sociedade.”

A memória das pessoas idosas tornou-se indispensável a essas sociedades, pois transmitem mais do que uma simples informação, constituem verdadeiros documentos

históricos vivos (COSTA, 2007, p. 40). Remete-se que o passado é o prestígio da pessoa idosa, e esta é o tesouro de toda uma sociedade (HALBWACHS, 1925, p. 142 apud BOSI, 1994, p. 63). No entanto vale ressaltar que não são todas as sociedades que exigem das pessoas idosas a função de lembrar. Em outras palavras, o nível de expectativa e exigências não são os mesmos em todos os lugares (BOSI, 1994, p. 63).

Pode-se notar que, na sociedade capitalista, o adulto ativo ocupa-se cada vez menos de lembrar e exerce a memória com menor frequência, enquanto que a pessoa idosa é habituada a evocar o passado. Em suma, o passado tem mais interesse para a pessoa idosa ao compará-la ao adulto, mas isso não quer dizer que esteja em caráter de evocar mais lembranças do que quando era adulto, nem que imagens antigas venham a transpor a consciência só então. Para o adulto ativo, segundo Bosi (1994, p. 60), a vida é prática, enquanto que a memória é fuga e contemplação.

Para Benjamin (1994, p. 10), a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque o compartilhar pleno de uma experiência não tem lugar na sociedade moderna. Segundo Debert (1999, p. 53), esse cenário tornou-se real pela perda do sentido de continuidade de vida, já que as conexões entre troca de gerações se quebraram, e o conceito de geração passou a fazer sentido apenas cronologicamente; assim, as práticas de uma geração serão reproduzidas se forem justificados.

O curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo, como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada [...]. (DEBERT, 1999, p. 53).

De acordo com Debert (1999, p. 53), a efetividade das gerações ultrapassa as relações familiares e atinge a esfera política. No entanto a sociedade capitalista veda a lembrança e o compartilhar das gerações, usa a força servil do velho e denega seus conselhos. Bosi (1994, p. 18) descreve, apropriando-se das palavras de Espinosa, que “[...] não merece o nome de cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie.” Essa mesma sociedade, segundo a autora, desarma a pessoa idosa de modo a oprimi-la, além de destruir memórias e substituir lembranças pela história oficial celebrativa.

Outro fator que influencia na desvalorização da memória é o tecnicismo. O meio de redes de globalização difundida pela tecnicidade acarreta grande perda ao validar a memória como inútil, ainda mais se essa memória advier das pessoas idosas. Bosi (1994, p. 20) afirma que “[...] os preconceitos da funcionalidade demoliram paisagens de uma vida inteira.” Com

isso, é possível perceber a degradação e o banimento a que a velhice e a memória estão submetidas.

Bosi (2003, p. 19) ressalta que a memória, construída de territórios, paisagens, bem como momentos vividos e refletidos, é direito de cidadania entre os homens, já que ela é parte da sua humanidade. É um direito humano fundamental, para Simone Weil (1949 apud BOSI, 1994, p. 443), “Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.” Sob o ponto de vista da autora, a realidade apresentada deriva do predomínio das relações de dinheiro sobre os vínculos sociais, refletindo no desenraizamento desagregador da memória. Acredita-se que ter um passado é um direito das pessoas idosas, entretanto é cruel a opressão econômica sobre elas, de modo a espoliar suas lembranças.

Para Benjamin (apud MATOS, 1992, p. 11):

O forasteiro, o velho, a criança, o imigrado, o proletário, o narrador, enfim, todas aquelas personagens que estão em processo de extinção, ou seja, em uma fronteira – nem recusados, nem aceitos – são os únicos capazes de relação com o tempo, com o passado, com a memória e, assim, só a essas personagens o futuro pertence.

Debert (1999, p. 201), cita que nos países onde as raízes culturais são fracas não se vê valor em resgatar o passado, esquecendo-se de que a pessoa idosa pode ser a fonte de reconstrução do novo. No mesmo modo, Bosi (1994, p. 18) alerta que o velho, dentre todos esses personagens, foi desarmado, o que convoca toda a sociedade para lutar por ele, entretanto acredita-se que esse convite se faz para que a luta seja com ele, estando a pessoa idosa a desempenhar o papel de protagonista. “Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.” (BOSI, 1994, p. 18).

Tal convocatória é significativa ao passo que a pessoa idosa é a fonte que emana a essência da cultura, na qual o passado se conserva e o presente se prepara e o futuro se constrói, ou seja, “[...] só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado.” (BOSI, 1994, p. 18). O presente, imerso às suas incertezas e regresso somente para o futuro imediato, seria um encarceramento a todas as gerações (BOSI, 2003, p. 19).

Em nossa época o tempo tem sido identificado à velocidade para que possa servir às forças de mercado erigidas como valor supremo, ainda que muitas vezes invisíveis aos homens e às mulheres, às sociedades e às nações. Essa identificação conduz à absolutização do presente, considerando o único tempo real, a fragmentação da percepção e a transmutação da realidade em espetáculo, como uma sucessão de fatos e imagens sem sentido e nexos. Essa lógica permite que se deixe de atribuir sentido ao passado e se instrumentalize o futuro de maneira a tornar secundário o movimento da história. (AZEVEDO, 2007, p. 12).

Percebe-se que a lógica capitalista está embutida no movimento da história, visto que não se tem tempo de dividir momentos de uma vida, trazida pelas palavras da pessoa idosas, devido à velocidade invisível de servir as forças do mercado. O discurso apregoador por aquela lógica atribui ao passado uma realidade estagnada de sucessão de fatos e sem sentido, e não permite que ele instrumentalize o futuro de modo a contribuir para o movimento da história.

Para Kessel (2004, p. 55), as lembranças têm muito pouco espaço e tempo, visto que os momentos de compartilhá-las estão sendo suprimidos, o que faz crescer o fosso entre as gerações. Com esse contexto, compreende-se que a sociedade capitalista é venéfica para a pessoa idosa, pois “[...] nela todo sentimento de continuidade é destroçado, o pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo dela terá notícias. Destruirão amanhã o que construímos hoje.” (BOSI, 1994, p. 25). Deste modo, limitado de lembrar e de ensinar, a pessoa idosa sofre o infortúnio da desagregação do corpo à medida que a memória torna-se mais viva. “A sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.” (BOSI, 1994, p. 20).

Pelas lembranças das pessoas idosas que a história social se cristaliza, pois esses sujeitos vivenciaram momentos únicos:

[...] atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referências familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições do presente que a solicita muito mais intensidade do que a uma pessoa idosa. (BOSI, 1994, p. 60).

Momentos esquecidos ou até mesmo perdidos podem ser compreendidos por quem não os viveu por meio das pessoas idosas (BOSI, 1994, p. 83). De acordo com Bosi (1994, p. 83), “[...] um momento social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos.” Para a autora, a rememoração da pessoa idosa faz reviver momentos, histórias, tradições que foram perdidos, o reviver dos que já partiram, enfim, esses sujeitos têm o poder de trazer à tona, na família ou na sociedade, algum hábito ou saber decorrido. O que não se deve fazer é deixar para trás esse fortúnio, como sendo desnecessário. Deste modo, Maldonato (2009, p. 11) destaca que “O tempo humanizado de sua poética torna-se patrimônio do homem e fonte de uma inédita ciência existencial.”

Ao lembrar o passado, a pessoa idosa não está descansando, tampouco se entregando aos prazeres do sonho, ela está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância da sua vida (BOSI, 1994, p. 60). “Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranqüilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens [...]” (BOSI, 1994, p. 22).

A dimensão de acumulação de experiência de momentos vividos faz da pessoa idosa educadora das novas gerações, a fim de que alcancem a plenitude do conhecimento (BOSI, 1994, p. 74). Estar vinculado com outra época e ter suportado e compreendido muita coisa trazem à pessoa idosa o júbilo de mostrar e demonstrar sua competência, e, se ela encontrar ouvidos atentos, sua vida acaba por ganhar uma finalidade (BOSI, 1994, p. 22). A memória dos velhos pode ser um mediador entre as gerações e as testemunhas do passado. “A memória se alimenta da possibilidade de ser compartilhada. Ela se fortalece quando cultivada em grupo.” (KESSEL, 2004, p. 55).

“Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração com um valor. As ideias de memória e conselho são afins [...]” (BOSI, 1994, p. 481). A função social da pessoa idosa, segundo Bosi (1994, p. 18), é lembrar e aconselhar, unir o início e o fim, enlaçando o que foi e o que virá, como um processo contínuo rejuvenescedor e revivente. Entretanto, de acordo com a autora, os conselhos, as trocas de experiências e uma simples conversa são vistos como aborrecimento pelas pessoas de outras gerações. Desta forma, vive-se na época da informação, mas a busca por sabedoria perdeu sua força e foi substituída pela opinião.

Crook III e Adderly (2001, p. 29) enfatizam que o conhecimento das pessoas idosas beneficia adultos, jovens e crianças, especialmente no que se refere à experiência do seu próprio passado. Sendo assim, os autores afirmam que as pessoas idosas ajudam a evitar a chamada “amnésia cultural”, já que “[...] foram os mais velhos que mantiveram a sabedoria popular, as aventuras históricas e os eventos significativos de sua comunidade ou cultura vivos em benefício das gerações seguintes.” (CROOK III; ADDERLY, 2001, p. 29).

[...] o passado experimentado por cada um possa existir como uma referência para o presente e para o futuro. As marcas e o registro do tempo nas pessoas e lugares, se desvelados, podem nos levar a recuperar o papel e o lugar da história para compreensão do próprio tempo, das relações sociais e dos direitos e deveres dos cidadãos. (AZEVEDO, 2007, p. 12).

Graças à memória das pessoas idosas que fragmentos da história podem se reproduzir de geração em geração de modo a cruzarem muitos outros fios e prolongar o ocorrido original (BOSI, 1994, p. 90). A conversa com uma pessoa idosa é sempre uma experiência profunda, marcada por nostalgia, revolta, resignação, ou seja, ela é semelhante a uma obra de arte, ninguém pode expressar de forma tão íntima acontecimentos e vivências se não ela própria (BOSI, 1994, p. 83).

Segundo Bosi (1994, p. 91), a pessoa idosa tem o prazer de compartilhar sua memória até o fim, sem pavor, graças ao talento de narrar a sua própria experiência advinda dos momentos de dor e de alegrias. Quem a ouve percebe o contraste da riqueza das emoções e a potencialidade do homem enquanto criador de cultura, em contraponto ao mísero cenário do consumismo atual. A pessoa idosa transmite a sua própria experiência e a transforma em experiência para os que a escutam (BOSI, 1994, p. 85). Assim, a simples conversa com a pessoa idosa pode ser, para as gerações, desalienante (BOSI, 1994, p. 83).

Ao se criar a oportunidade de conectar sua experiência à experiência dos mais velhos, refaz-se, para os jovens, o fio da memória, o que lhes possibilita reconhecerem-se como parte de sua comunidade. E para os idosos é possível perceber continuidades a partir de suas experiências. (KESSEL, 2004, p. 56).

Debert (1999, p. 92) sobreavisa que a integração entre as pessoas idosas e os jovens devem ser estimuladas, uma vez que a juventude têm nos velhos a fonte única de reinterpretação da sua história e cultura, ameaçada de extinção. Sendo assim, Gusmão (2003, p. 49), descreve que as atitudes das crianças e jovens em relação à pessoa idosa são fortemente influenciadas pelas experiências pessoais na interação com os velhos, nas informações e no aprendizado que recebem de maneira formal e informal sobre a velhice, nas crenças e valores familiar e cultural do local onde vivem.

A transferência de experiências entre pais e filhos tem início no seio familiar, assim a valorização da memória entre gerações também deve ter início neste grupo. O aumento da expectativa de vida interferiu positivamente nesta questão, são filhos, netos, avós e bisavós que convivem, na maioria das vezes, muito próximos ou até mesmo na mesma casa. Desta forma, as relações estabelecidas proporcionam trocas diárias entre memória e tradições (COSTA, 2007, p. 41).

As relações entre as gerações constituem, de acordo com Alves (2007, p. 133), o mecanismo básico de transmissão de saberes, costumes e práticas entre sujeitos. Esse acervo constitui a base das sociedades. Nesse contexto, percebe-se que a convivência entre

gerações proporciona um aprendizado mútuo. Esse contato sem fronteiras, segundo Gusmão (2003, p. 49), é entremeado de paciência e afeto, de modo a causar trocas ricas e verdadeiras, banindo qualquer tipo de discriminação que pode vir afetar essa relação.

Na vivência diária [...] juntos, eles definem novos valores ou alterem os já existentes, possibilitando assim um revigoramento da cultura. Um dos aspectos fundamentais para a preservação e a compreensão da cultura é a conduta social manifestada por meio de ritos, tradições, crenças, simbolismos, linguagens e costumes. (GUSMÃO, 2003, p. 53).

A convivência beneficia ambas as partes, tanto as crianças e os jovens, quanto a pessoa idosa, visto que permite haver a troca de experiências, o estabelecimento de vínculos afetivos, o reconhecimento das peculiaridades e possibilidades do outro como sujeito, além de possibilitar a quebra de estereótipos. O contato intergeracional, ocasionado pela memória oral, é o caminho de mão dupla na prática educativa e cultural (GUSMÃO, 2003, p. 51). “Cada momento vivido é uma nova experiência e em qualquer idade há muito o que aprender.” (DEBERT, 1999, p. 132).

Mead (2002, p. 35 apud ALVES, 2007, p. 133) afirma que:

As relações intergeracionais corresponderiam a três modelos (ou culturas): pós-figurativo, co-figurativo e pré-figurativo. A cultura pós-figurativa é aquela em que “as crianças aprendem primordialmente com os mais velhos; a co-figurativa é aquela em que tanto os adultos quanto as crianças aprendem com seus pares, e a pré-figurativa aquela em que os adultos também aprendem com os mais jovens.”

Percebe-se assim que a mudança e a variação individual não estão fechadas, a transformação acontece de maneira quase imperceptível e é incorporada na repetição da vida social; desta maneira, o aprendizado das relações intergeracionais é mútuo e todos os sujeitos são responsáveis por essa permuta.

Por meio da sociabilidade entre as gerações, Diehl (2002, p. 122), afirma que é possível nascer ou renascer a tradição, na qual o coletivo e o individual se fundem originando o nível anímico comum, capaz de transmitir às futuras gerações quanto que a vivência isolada produz um homem sem história, ou seja, um homem sem memória. Para Kessel (2004, p. 57) “O compartilhar dessas experiências propicia aos jovens integrar o narrado à sua própria memória.”

André (2003, p. 144), apresenta a realidade da região Kimdundu, na Angola, em que os papéis desenvolvidos pelas pessoas idosas representavam orgulho por parte de seus netos e da família em geral, que diziam “[...] *mucano ya muadoquine mutundo dizzo yabolo*,



*kitunda maka yabolo*”, que significa “[...] na boca do mais velho é possível sair dentes podres, mas não palavras infundadas”, essa é a demonstração do reconhecimento daquela sociedade em relação ao papel positivo da pessoa idosa na educação das crianças.

Deve-se ressaltar que a questão primordial na relação entre as gerações é o respeito pelas características do outro. Desse modo, Kaufman (1982, p. 72 apud OLIVEIRA, 1999, p. 164-165) destaca que:

É importante que os velhos compreendam os jovens, aceitem suas novidades e até provocações, que no fundo são esforços de auto-afirmação. Os velhos também têm de ser respeitados, que não lhes retirem as atividades sob o pretexto de protegê-los que não ironizem quando desejam construir sua vida.

Segundo Kessel (2004, p. 58), a abertura para o compartilhar da memória entre as gerações faz emergir muitas histórias e experiências vividas pela pessoa idosa, pela criança e pelos jovens, assim é inadmissível que conteúdos tão ricos sejam perdidos. É preciso estimulá-los e recuperá-los, seja pelo prazer da recordação, ou pela possibilidade de torná-los ponto de partida para novas ações.

Precisa-se aguçar a vontade política e social para acatar e abraçar a causa da valorização da memória das pessoas idosas, como patrimônio de uma nação, de todos que fizeram parte do passado, que fazem parte do presente e que integrarão o futuro (OLIVEIRA, 1999, p. 165).

O encontro da felicidade no passado deve-se à dimensão acolhedora das relações sociais que fica ofuscada pelo caráter coercitivo dessas mesmas relações quando elas são vividas. Pela memória, essas relações podem ser revividas no que tiveram de acolhimento, de amizade, de afetuoso cuidado. Não tivéssemos vivido essas relações não teríamos, na memória presente, um passado acolhedor ao qual retornar. (MANCUSO, 2000, p. 5).

A memória das pessoas idosas precisa ser reconhecida socialmente, e políticas eficazes capazes de resgatar, valorizar e conservar essa memória, no transmitir do seu conhecimento acumulado às novas gerações precisam ser pensadas, pois, se isso não ocorre, “[...] temos que procurar sozinhos o conselho esquecido, caminhando entre destroços num chão atulhado pelos tempos mortos que nos são impostos.” (BOSI, 2004, p. 34).

Segundo Mead (2002, p. 109 apud ALVES 2007, p. 137), a ausência de modelos fortes de interação entre os pares para a construção dos códigos comuns, renovados a cada momento, resultaria no fim da troca intergeracional. Para tanto, a autora alerta que “[...]”

precisamos nos convencer de que nenhuma outra geração experimentará o que nós experimentamos.”

Deste modo, Oliveira (1999, p. 68) afirma que se deve pensar na criação de processos educativos na valorização da memória experiência e cultural das pessoas que envelhecem, e não apenas na supervalorização do capital por si só, como vem ocorrendo. Portanto o futuro depende de todos os grupos humanos: os jovens aprendem; os adultos produzem e agregam às realizações dos que hoje são pessoas idosas; e essas últimas permanecem no processo, apoiando e contribuindo com seu conhecimento e sua experiência de vida no desenvolvimento de todas as gerações (SALGADO, 1988, p. 8).

*[...] respeitar os costumes das gerações passadas é respeitar a si mesmo, saber que um dia farão parte desse grupo. (COSTA, 1998, p. 17 apud FREITAS; COSTA, 2011, p. 203).*

### **CAPÍTULO 3**

### **LEMBRAR, CONTAR E COMPARTILHAR: O CAMINHO DA PESQUISA**

### 3.1 A definição do método: o trajeto da pesquisa

*[...] quanto mais emoção colocarmos nas nossas pesquisas, mais vida elas terão. Não podemos pensar que, para mantermos a objetividade, devemos ocultar a emoção. Não existe vida sem emoção. O sujeito não pode ser oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades! (MARTINELLI, 1999, p. 26).*

A discussão em torno do envelhecimento humano, no Brasil, deu-se por volta dos anos de 1980 e 1990, por pesquisas que demonstravam o início do crescimento da população idosa e apontavam as repercussões dessa transformação da pirâmide etária (COUTRIM, 2010, p. 29).

As pesquisas que são desenvolvidas em torno da questão do envelhecimento oferecem um importante mapeamento das condições da velhice no país, bem como os desafios e conquistas por qual passa a categoria das pessoas idosas. A aproximação com a temática abordada deu-se no ano de 2008, com o ingresso da pesquisadora na graduação, mas foi em 2011, com a finalização da pesquisa de conclusão de curso intitulada “O impacto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) no processo de socialização dos idosos unatianos do Campus de Franca/SP”, que nos chamou atenção o fato de as falas das pessoas idosas participantes da pesquisa remeterem, constantemente, a interessantes recordações e relatos sobre os trabalhos que desenvolveram ao longo da vida. Com o propósito de dar existência à memória das pessoas idosas, em especial à memória experiência, à memória do passado vivido no período de trabalho, buscou-se resgatar as lembranças de “velhos trabalhadores”, considerados assim pela sociedade do capital.

A pesquisa foi realizada no primeiro Centro de Convivência do Idoso (CCI) do município de Franca/SP, nomeado de “Centro de Convivência do Idoso Lions Clube Sobral” (inaugurado em 3/8/2009). O universo escolhido deu-se pelo fato de ser um espaço que propicia às pessoas idosas lazer, troca de experiências e, conseqüentemente, lembranças e recordações do período de trabalho; por possuir Assistente Social no quadro de profissionais e por demonstrar, desde o início, interesse em participar da pesquisa.

“A reflexão sobre a realidade já é um diálogo com a teoria e já traz as indagações de como se vai fazer a pesquisa e como vai ser o método de investigação.” (BAPTISTA, 1999, p. 37). Logo, a pesquisa fundamentou-se sob o teórico-metodológico do materialismo histórico dialético, proposto por Karl Marx, de abordagem da realidade. Segundo Triviños (2011, p. 51) o materialismo histórico dialético “[...] é a ciência filosófica do marxismo que

estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social entre os homens, no desenvolvimento da humanidade.” Em outras palavras, “É toda a atividade material, orientada a transformar a natureza e a vida social.” (TRIVINÕS, 2011, p. 64).

Entende-se por materialismo, por meio da concepção marxista, a existência do mundo exterior, independentemente, da consciência humana, por exemplo, a árvore existe independente da ideia que o homem tenha dela. Os objetos distinguem-se pelo tamanho, cor, forma, estrutura, dentre outros, mas todos têm algo em comum que os une, sua existência própria. Para Richardson (1999, p. 44) as características fundamentais da matéria são:

[...] o movimento (o mundo material está em permanente movimento e mudança); o volume, dimensão, extensão, espaço e tempo. Assim podemos chegar à seguinte definição de matéria: qualquer objeto ou fenômeno natural com existência e características próprias que ocupa um lugar no tempo e no espaço.

Assim, o materialismo é uma categoria que indica a realidade objetiva concedida ao homem através de suas sensações e que existe, independente, da consciência dele.

A historicidade é outra categoria do método, pois é por meio da história que se encontra a vida dos sujeitos pesquisados e seu passado, além de ser a partir dela que o ser humano se desenvolve e se humaniza. A história, segundo Costa (2007, p. 57), é criada pelo homem e este mesmo a executa e a transforma na cotidianidade através das relações sociais.

A história tem sua origem num processo dialético, no qual se encontram mergulhados os homens, fazendo parte da história. Aqui o homem é visto como produtor e reproduzidor da história e de si mesmo. [...] A história avança porque cada geração não começa de zero, mas retorna o trabalho anterior e o vai superando. (COSTA, 2007, p. 57).

A história possui, essencialmente, um processo dialético, no qual o homem é o produtor e o reproduzidor da história e de si mesmo. Esse movimento é marcado de novos acontecimentos em superação dos acontecimentos antigos, a história é uma constante roda vida. Desta forma, a história valoriza a vida através dos tempos, e tem-se, como propulsor da historicidade, a experiência de vida das pessoas idosas.

A dialética é o pensamento crítico que busca compreender a “coisa em si”, realidade além das aparências, ao entendê-la como processo que está em constante movimento e mudança, que carrega nos fatos novos, velhos acontecimentos e, a partir daí, transforma-se (KOSIK, 1986, p. 20). Desta forma, entende-se que a sociedade é permeada por relações sociais condicionadas pelo modo de produção capitalista e todas as consequências advêm

deste processo. Considera-se que a dialética está em processo contínuo de transformação e nada é acabado.

O movimento geral da realidade faz sentido, quer dizer, não obstante é absurdo não se esgota em contradições irracionais, ininteligíveis, nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. (KONDER, 1981, p. 59 apud COSTA, 2007, p. 52).

Desse modo, de acordo com Richardson (1999, p. 45), a dialética, em sua essência, é a investigação das contradições da realidade, já que são essas as forças propulsoras do desenvolvimento da natureza. Nesse contexto, a realidade é um processo no qual a humanidade e o sujeito realizam a própria verdade, conduzindo a humanização do homem.

A dialética tem a preocupação de desvendar a realidade, atingindo a essência do fenômeno, já que a realidade se apresenta de forma imediata e caótica. Kosik (1986, p. 16) observa que:

Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível.

A realidade deve ser interpretada mediante o desenvolvimento e ilustrações de suas fases, momentos e movimento, e não pela redução a algo diverso de si mesma. Assim, o conhecimento, realiza-se com a separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, a fim de conhecer a realidade e mostrar aquilo que se esconde.

O fenômeno só tem sentido quando articulado com os demais fenômenos e com o todo. O todo cria a interação das partes, ou seja, a natureza é um todo coerente em que objetos e fenômenos são ligados entre si, tudo se relaciona.

[...] a compreensão da reação todo/parte, que supera a colocação de que as instituições refletem estruturas mais amplas, pede por uma explicação que mostre como tal instituição coopera ativamente para produzir e/ou reproduzir as relações sociais existente. (CURY, 1985, p. 35 apud COSTA, 2007, p. 55).

As relações de produção, suas contradições, os reflexos dessa sociedade, tais como os aspectos culturais, econômicos, sociais, políticos, dentre outros, fazem parte do processo de totalização, já que este não é um todo já feito (COSTA, 2007, p. 55). Com relação à totalidade, nada é isolado, ela está sempre em processo de estruturação e desestruturação. Para Kosik (1986, p. 60) “[...] a totalidade sem contradições é vazia e inerte, as contradições

fora da totalidade são formais e arbitrárias.” Assim, a totalidade busca compreender as determinações que compõem cada realidade.

Diante do exposto, pode-se inferir que não se deve desprezar a pessoa idosa, tampouco sua memória em função do moderno. A categoria da totalidade ao longo desta pesquisa permitiu fazer relações com muitas esferas do real, quando se buscou debater a temática do envelhecimento humano pautada na memória de pessoas idosas, alicerçada na crítica marxista sobre a lógica da expropriação da força de trabalho e do tempo de trabalho para a produção e reprodução do sistema.

Em toda a pesquisa, entendeu-se ser de extrema importância e necessidade o confronto entre a visão teórica e os dados obtidos da realidade, o que constitui a práxis, a interlocução das teorias com a vivência da realidade do problema estudado. Desta forma, pesquisa, segundo Demo (1993, p. 128 apud Baptista, 1999, p. 35), é “[...] um diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando com a elaboração própria e na capacidade de intervenção. Em tese, pesquisa é a atitude de “aprender a aprender”, e, como tal, faz parte de todo o processo educativo e emancipatório.”

A partir desse propósito, utilizou-se o método da história oral sob a perspectiva da história de vida, a fim de registrar, com maior aproximação, as experiências vivenciadas pelas pessoas idosas. A história oral, segundo Meihy (2002, p. 53-54), pode ser definida como um recurso para arquivar e analisar estudos fundamentados à vida social de pessoas, bem como para prover explicações de fatos sociais por meio da experiência pessoal.

[...] a evidência oral é de particular valor para o historiador da vida operária preocupado com o processo de trabalho propriamente dito – não simplesmente sua tecnologia, [...] mas a experiência de trabalho e as relações sociais que desta resultam. (THOMPSON, 1992, p. 144).

Para Thompson (1992, p. 15), a história oral possui uma riqueza e importância no resgate da memória dos sujeitos anônimos, pois ela é a alternativa perfeita para a história social. O autor afirma que a história oral contribui, ainda, no remir da memória nacional, mostrando-se como um método promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. A história oral, para ele, é também um instrumento capaz de colaborar para a construção de uma sociedade mais justa.

[...] o mérito da história oral não é o de trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim o de levar os historiadores a tomarem consciência de que sua atividade se exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social e que tem implicações políticas. (THOMPSON, 1992, p. 10).

Por meio da história oral, as pessoas buscam compreender as revoluções e mudanças que passam em suas próprias vidas. Assim, ela pode ser um meio de transformar o enfoque da história de quem a compartilha quanto à finalidade da história propriamente dita. Segundo Thompson (1992, p. 25), a experiência de vida das pessoas é utilizada, pela história oral, como matéria-prima, na qual a história ganha uma nova dimensão.

A possibilidade de utilizar da história oral com finalidades sociais e pessoais faz do método valorizar a vida de todos os entrevistados. Ele baseia-se na fala, e não na habilidade da escrita. Desta forma, o gravador foi um instrumento importante no registrar de todas as palavras faladas.

[...] o uso da voz humana, viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata. As palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história. (THOMPSON, 1992, p. 41).

Permitiu-se perceber com as gravações o quanto é rica a capacidade das pessoas de se expressarem, independentemente das condições sociais em que elas se encontram. Assim, a palavra falada põe o leitor na presença das próprias pessoas.

Deve-se ressaltar que, antes de realizar a entrevista da história oral, foi realizada, nos dias 19 e 20 de março de 2013, a aproximação com 52 pessoas idosas participantes do CCI, sendo elas: 42 mulheres e 10 homens. O objetivo de tal aproximação, além de conhecer as pessoas participantes, foi identificar o sexo, a idade, os lugares, as funções e as atividades que desempenharam ao longo da vida (APÊNDICE A). Constatou-se com a tabulação dos dados que duas pessoas idosas do sexo masculino, em comparação a oito mulheres, tinham o perfil que segue o objetivo da pesquisa, analisar a memória de velhos trabalhadores que exerceram atividade laborativa na indústria calçadista de Franca.

Mediante a primeira aproximação, foram elaborados os critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa, sendo eles: escolher pessoas que sejam ativas, termo usado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para referir-se às pessoas idosas que tenham participação na vida social e que podem decidir por si próprias, ou seja, pessoas idosas que não são tuteladas; que tenham de sessenta e cinco anos a setenta e cinco anos de idade, para não apresentar um salto significativo no que diz respeito à geração; que tenham exercido atividade laborativa em fábrica de calçado, principal atividade econômica do município; que frequentem o CCI há mais de dois anos, já que a instituição possui cinco anos de existência; e que manifestem interesse em participar da pesquisa. Seguindo tais critérios, propôs-se



entrevistar quatro pessoas idosas, duas do sexo masculino e duas do sexo feminino de modo a compreender o trabalho sob as diferentes visões de gênero.

As entrevistas individuais e gravações aconteceram nos dias 17 e 18 de março de 2013, no Centro de Convivência do Idoso Lions Clube Sobral, em uma sala providenciada e reservada pela Assistente Social da instituição. Nesses dois dias, foram entrevistados duas mulheres, Leo e Maria, e dois homens, Fernando e Chico Bento<sup>12</sup>. Vale ressaltar que o importante “[...] não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o significado que esses sujeitos têm, em função do que estamos buscando com a pesquisa.” (MARTINELLI, 1999, p. 24).

Estruturou-se a entrevista da história oral com perguntas amplas e divididas pelos eixos: memória trajetória de vida; memória trabalho; memória família e velhice (APÊNDICE B). No decorrer da entrevista, novos aspectos foram trazidos pelos memorialistas, termo usado por Bosi (1994, p. 42). É indispensável para a construção da história, além da “voz”, a manifestação dos gestos, emoções, movimentos e silêncio. Propôs-se não apenas colher histórias de vida, mas dar existência a essas memórias. Segundo Bosi (1994, p. 21), “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugida.”

A história contada oralmente possibilitou interpretar os processos históricos sociais qualitativamente, procurando focar a análise nos contextos que surgiram da experiência dos autores sociais. O registro da oralidade permitiu conhecer e divulgar a memória de uma sociedade.

Foi realizada também, uma entrevista com a Assistente Social do Centro de Convivência do Idoso Lions Clube Sobral, a fim de pensar a contribuição do Serviço Social na valorização e apropriação da memória das pessoas idosas para a atuação profissional (APÊNDICE C). Para tal, utilizou-se a entrevista semi-estruturada que, segundo Minayo (2012, p. 64), é uma organização que combina perguntas abertas e fechadas, em que o entrevistado tem a possibilidade de transcorrer sobre o tema em questão, esse procedimento busca obter informações pela fala dos autores sociais que vivenciam uma determinada realidade não sendo, entretanto, uma conversa despreziosa e neutra. Deste modo, procurou-se compreender se houve ações facilitadoras ou estimulantes voltadas ao resgate de lembranças dos idosos participantes da instituição e a atuação do profissional deste contexto.

---

<sup>12</sup> A pesquisa segue os princípios éticos da Resolução n.466 de 12 de dezembro de 2012, os quais preveem a proteção da imagem de todos os participantes envolvidos. Deste modo, os nomes divulgados são fictícios, não obstante, foram escolhidos pelas próprias pessoas idosas entrevistadas.

Ainda que a entrevista seja reconhecida como uma forma de discurso, não se deve esquecer que ela é também um testemunho. Logo, após as gravações dos testemunhos das quatro pessoas idosas e da assistente social foram feitas as transcrições completas das falas de cada participante, pois, para Thompson (1992, p. 293) “[...] no final das contas, porém, não existe nada que substitua uma transcrição completa.”

A análise das entrevistas compreendeu três fases: a da organização e estruturação dos dados, que constituiu-se na transcrição dos dados e na leitura das entrevistas; a da classificação dos dados, que se fundamentou em diversas leituras em torno das falas a fim de encontrar a coerência interna e as ideias centrais; e, por fim, a da interpretação dos dados à luz do quadro teórico e empírico de estudo. A realização de todas essas fases baseou-se na definição de Thompson (1992, p. 302), que acredita que “A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica. Além disso, a evidência, em cada história de vida, só pode ser plenamente compreendida como parte da vida como um todo.” Nesse contexto, procurou-se analisar, de modo sensível, humanista e respeitoso as falas dos participantes da pesquisa.

A fim de dimensionar os retratos da realidade e buscar o real em movimento, em sua plenitude, de modo a trazer a tona a memória dos participantes e a fala do profissional de Serviço Social, buscou-se, na abordagem qualitativa, o contato direto com os sujeitos da pesquisa. “Se queremos conhecer modos de vida, temos que conhecer as pessoas. Esse é o motivo pelo qual as pesquisas qualitativas privilegiam o uso de uma abordagem, em que o contato do pesquisador com o sujeito é importante.” (MARTINELLI, 1999, p. 20). Desse fato, é imprescindível reconhecer a singularidade do sujeito e o reconhecimento e importância que sua experiência social possui.

É em direção a essa experiência social que as pesquisas qualitativas, que se valem da fonte oral, se encaminham, é na busca dos significados de vivências para os sujeitos que se concentram os esforços do pesquisador. Procuramos não operar com pressuposições em relação aos significados, tratando de desvendá-los na relação com o sujeito. (MARTINELLI, 1999, p. 20).

Pode-se afirmar que, com a abordagem qualitativa, a realidade apresentada pela narrativa oral do sujeito é conhecida a partir dos significados que por ele lhe são atribuído. Desse modo, Baptista (1999, p. 35) alerta que os dados na pesquisa qualitativa se dão na fluidez das relações, num processo de ida e volta entre a interação dos sujeitos.

[...] são fenômenos que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos, é preciso ultrapassar a sua aparência imediata para descobrir a sua essência. (CHIZZOTTI, 1991, p. 84 apud BAPTISTA, 1999, p. 36).

Todos os fenômenos são importantes na abordagem qualitativa, já que, por trás da oralidade aparente, existe a essência do silêncio, dos gestos, das entonações e das emoções, e essa deve ser interpretada. Esse processo é vital e, para tanto, buscou-se descobrir o significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais.

Considera-se que a abordagem qualitativa não é excludente, ou seja, ela não implica a descaracterização ou exclusão de outra modalidade, daí a importância de ampliar as possibilidades operacionais. Logo, apropriou-se também da abordagem quantitativa para demonstrar, de forma numérica, o perfil das pessoas idosas participantes do CCI Lions Clube Sobral. Acredita-se que:

[...] a pesquisa qualitativa tem como pressupostos de ordem epistemológica outros paradigmas, que não os da pesquisa quantitativa. Os fenômenos são compreendidos dentro de uma perspectiva histórica e holística – componentes de uma dada situação estão inter-relacionados e influenciados reciprocamente, e se procura compreender essas inter-relações em um determinado contexto. (BAPTISTA, 1999, p. 35).

Desta maneira, segundo Minayo (2012, p. 22), os conjuntos de dados quantitativos e qualitativos não se opõem como se fossem incompatíveis. Ao contrário, se complementam e se articulam, já que a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. Contudo entendeu-se ser significativo recorrer à quantificação para melhor conhecer a realidade, pois ambas são igualmente eficazes no aproveitamento e conhecimento do tema em estudo.

No decorrer de toda a pesquisa, na construção do conhecimento, o estudo bibliográfico se fez presente. Recorreu-se a pesquisas de clássicos relacionados ao assunto do trabalho, como Antunes, Lukács e Marx, bem como obras sobre o envelhecimento, memória e história oral, como Bosi, Debert, Beauvoir, Thompson e Halbwachs, que possuem uma grande gama de estudos sobre essas temáticas; sobre Serviço Social e sua atuação na valorização da narrativa dos seus usuários, como as obras de Teixeira e Martinelli, nas quais, foi possível notar que há poucas obras referentes a essas temáticas. Outro recurso utilizado foram os artigos publicados na revista “A Terceira Idade” do (SESC) São Paulo, que possuem riquíssimo valor teórico.

Paralela à pesquisa bibliográfica, procedeu-se a pesquisa documental. Fez-se o levantamento de documentos internos do Centro de Convivência do Idoso Lions Clube Sobral

e dos cadastros das matrículas das pessoas idosas participantes dos anos de 2013 e 2014. Para obter informações referentes à população idosa de Franca/SP, realizou-se o contato com o Conselho Municipal da Terceira Idade (COMUTI).

O estudo obedeceu todos os procedimentos éticos, sendo mantido o anonimato dos participantes, a confidencialidade das informações, e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Atualmente, a pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Campus de Franca.

Contudo, com a defesa da dissertação, o material obtido será disponibilizado para os sujeitos entrevistados e para o Centro de Convivência do Idoso Lions Clube Sobral, conforme a ética em pesquisa propõe, como também, a publicação e a contínua participação da pesquisadora em eventos na divulgação dos resultados adquiridos e no debate da temática estudada.

*[...] não estamos no mundo para olhá-lo ou para suportá-lo; nosso destino não é o da servidão, há uma ação que pode apoiar-se sobre o que existe para fazer existir o que queremos ser. (CASTORIADIS, 1991, p. 71 apud MARTINELLI, 1999, p. 27).*

### **3.2 A população idosa de Franca: breve histórico da cidade**

O município de Franca, situado no nordeste do Estado de São Paulo, próximo à fronteira com o Estado de Minas Gerais, tornou-se conhecido nacionalmente como a “capital do calçado”, por ter se destacado na produção de calçados masculinos no país. Tal posição fez com que vários pesquisadores debruçassem-se sobre o desenvolvimento da atividade fabril. Pretende-se, nesta seção, esboçar um breve histórico de Franca, quantificar as pessoas idosas do Município e conhecer os equipamentos e instituições que atendem essa população.

A formação econômica de Franca deu-se no século XIX, caracterizada pela exploração agrária e, fundamentalmente, pelo cultivo do café. Segundo Souza (1983, p. 61), a atividade cafeeira foi o fator predominante do desenvolvimento de toda a base aristocrática da região do café. Essa cultura, de acordo com a autora, foi a responsável no surgimento da burguesia comercial e industrial que fomentou a expansão do município.

A circulação em grande escala do capital cafeeiro pela antiga Vila Franca do Imperador, concomitante à abolição do trabalho escravo e à chegada dos primeiros imigrantes (sobretudo italianos) na região trouxeram em seu bojo transformações na estrutura da propriedade, nas técnicas de produção agrícola, na configuração da mão de obra [...]. (LEITE, 1997, p. 217 apud FARINELLI, 2003, p. 81).

Antes de 1930, havia, em Franca, indústria de características artesanais, com a fabricação de produtos advindos do couro, como correias, selas sapatões, dentre outros. Nessa fase, com o início das primeiras fábricas, a migração européia foi significativa no trabalho com a lavoura, na intensificação do crescimento urbano e na constituição de um amplo mercado consumidor local (SOUZA, 1983, p. 61). Nota-se que a matéria-prima, o couro proveniente da pecuária, foi o elemento fundante para o desenvolvimento da indústria de calçados no município (REZENDE, 2006, p. 28).

[...] o desenvolvimento gradativo da indústria fez com que a população das áreas rurais vizinhas e também de cidades próximas do estado de São Paulo e do estado de Minas Gerais se sentisse atraída pelos postos de trabalho criados pela industrialização do couro em Franca. (CANÔAS, 1993, p. 51 apud FARINELLI, 2003, p. 83).

Com o declínio do setor cafeeiro no início do século XX, provocado pela Crise de 1929, a produção de calçado despontou como a atividade capaz de absorver grande parte da mão de obra excedente. Nesse século, o governo estimulou às indústrias a desenvolverem e ampliarem o mercado consumidor e a investirem em maquinários para a produção de calçados (REZENDE, 2006, p. 31).

Segundo Farinelli (2003, p. 82), o processo de industrialização em Franca, intensificou-se a partir de 1930, com a instalação de máquinas na produção fabril, o que derivou na substituição dos artesões do couro, que eram detentores do meio de produção e fabricantes de produtos em pequenas escalas. Logo, com a produção de longa escala e com a divisão do trabalho, o artesão do couro, que acompanhava todo o processo de confecção do calçado, tornou oficial do sapato, e passaram a ser intensificadas a fragmentação e a desqualificação de suas tarefas.

Rezende (2006, p. 35) apresenta que a atividade calçadista ultrapassou, a partir de 1945, o montante de capitais implicados na fabricação do couro e calçado, passando a reger a vida de vários segmentos da sociedade. Esse marco foi ocasionado com a criação de diversas fábricas dentro do espaço urbano, no qual gerou maior competitividade da indústria calçadista de Franca em relação a outras localidades do país.

[...] a indústria calçadista local teve como característica fundamental a evolução gradativa da fase artesanal, passando à manufatureira para só depois de quase meio século alcançar o estágio de grande indústria. [...] Em Franca, o grande capital esteve ausente da formação da indústria do calçado, somente se fazendo presente a partir dos anos 60, quando o setor já se encontrava plenamente consolidado no município. (BARBOSA, 2004, p. 50 apud FARINELLI, 2003, p. 37).

Foi nos anos 1960 que a produção industrial de calçado em Franca intensificou-se, devido à implementação de novas tecnologias, ao desenvolvimento político e econômico e à abertura para o mercado externo. Nessa época, a cidade transformou-se num dos maiores polos calçadistas do país. E nas décadas seguintes, 1970 e 1980, a exportação impulsionou ainda mais o desenvolvimento do setor calçadista de Franca (FARINELLI, 2003, p. 83).

Esse setor conta, atualmente, com um número bastante expressivo de indústrias, e, embora tenha sofrido redução nos últimos anos, o município continua a ser um dos maiores polos calçadistas do Brasil, não só pela quantidade de empresas, mas também pelo número de mão-de-obra empregada e pelas receitas geradas. As empresas estão concentradas em duas áreas de atuação: as produtoras de calçado e artefatos de couro, que somavam 467 empresas no ano de 2011; e as prestadoras de serviços, ou seja, as bancas de pespontos que prestam serviço de costura para as produtoras, que totalizavam 265 empresas no mesmo ano (SINDFRANCA, 2011, p. 32).

A produção de calçados em Franca é favorecida pela facilidade de aquisição de matéria prima e contratação de mão de obra, resultado de anos de experiência dos trabalhadores na indústria calçadista (FARINELLI, 2003, p. 83). Entretanto a competitividade das empresas está associada com a redução do custo, principalmente com a mão de obra. De acordo com Cintra et al. (2010, p. 277), esse cenário construiu uma rede de informalidade nas relações de trabalho, o que ocasionou na fragmentação dos serviços que deveriam ser desenvolvidos nas fábricas, para as residências dos próprios trabalhadores. Nesse cenário, o setor informal tornou uma opção para grande parte da população de Franca, bem como para as pessoas idosas.

Dados estatísticos mostram que, em 2010, a cidade possuía 318.640 habitantes (IBGE, 2010, online), sendo que 36.349 eram pessoas que tinham mais de 60 anos, o que representava 11,4% de sua população. Projeções apontam que, no ano de 2013, havia, aproximadamente, 40.755 pessoas idosas. No município, existiam oito homens com idade entre 60 a 69 para cada dez mulheres da mesma idade, enquanto com relação àqueles que possuíam mais de 80 anos, essa relação era de seis para dez (SEADE, 2010, online). Observa-se, com os dados apresentados, a expressividade do número de idosos, além de

perceber o predomínio das mulheres em relação aos homens, ou seja, a feminização da velhice em Franca.

Os dados a seguir apontam o crescimento da população idosa na cidade

**Quadro 1 – Número de pessoas idosas em Franca 2006/2020**

<b>ANO</b>	<b>Nº DE IDOSOS EM FRANCA</b>
2006	30.541
2010	36.349
2015	47.103
2020	59.557

Fonte : Plano de Ação 2013 do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral.<sup>13</sup>

O cenário do envelhecimento populacional de Franca deve ser visto não como um problema, mas como uma expressão do impacto positivo de diversas áreas, ou seja na qualidade de vida dos francanos. Essa mudança impactua nas políticas sociais, principalmente àquelas destinadas às pessoas idosas.

Diante do contexto apresentado, a gestão da assistência social tem papel primordial nas respostas de enfrentamento ao envelhecimento populacional. Conforme disposto no Decreto n. 1.948, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Lei 8.842 , Política Nacional do Idoso (PNI), e, dentre outras disposições, cabe à Assistência Social coordenar as ações relativas à Política do Idoso; promover a capacitação de recursos humanos para atendimento à pessoa idosa; estimular a criação de formas de atendimento não-asilar; e prestar assistência social à pessoas idosas em situação asilar e não-asilar.

O trabalho social voltado ao atendimento à pessoa idosa em Franca é realizado pelo Poder Público e Sociedade Civil organizada. Quanto ao Poder Público Municipal, destacam-se os seguintes serviços/ações:

- Na área da saúde, o Projeto Vida Viva, que prevê o acompanhamento médico, social e atividades físicas para as pessoas idosas e o acompanhamento de especialidades médicas nos Centros de Convivência do Idoso. Nesses espaços são desenvolvidos ações nas áreas da cultura e esporte ;

<sup>13</sup> Dados obtidos através do documento interno do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, denominado Plano de Ação 2013. Tal documento fez uma análise do contexto e da realidade de Franca, a fim de traçar as metas e objetivos a serem atingidos no ano de 2013.

- Na área da Assistência Social, em programas e ações de Proteção Social Básica, os Centros de Referências da Assistência Social (CRAS) fazem acompanhamento aos beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC), assim como grupo de idosos em algumas regiões da cidade. Dentro da Proteção Social Especial de Média Complexidade, o Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) realiza atendimento à pessoas idosas vítimas de violência.

Destaca-se também a Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI), mantida pelo Estado, na Universidade Estadual Paulista (UNESP) Campus de Franca, que oferece vagas para alunos ouvintes nos cursos de Direito, História, Serviço Social e Relações Internacionais, além de oficinas e cursos nas áreas de biodança, atividades físicas, coral, alfabetização, história da arte, entre outras, a fim de interagir com as pessoas idosas pra que possam usufruir no espaço educacional e cultural da Universidade na ampliação de conhecimentos, educação continuada, convivência social e troca de experiências de vida (SOARES; DI GIANNI, 2008, p. 11).

Há ainda em Franca, grupos de convivência de pessoas idosas que desenvolvem atividades de integração cultura e lazer. Estes reúnem-se no Serviço Social da Indústria (SESI), no Clube da Velha Guarda, na Associação dos Idosos, na Associação dos Aposentados do Grupo Amazonas, nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), entre outros.

Visto o número crescente de pessoas idosas, o município vem intensificando a ampliação de instituições não residências, com o foco de prevenir situações de risco social e isolamento, a fim de que os laços afetivos e a convivência familiar não sejam rompidos ou fragilizados. Para tanto, Franca possui hoje cinco Centros de Convivência do Idoso (CCIs), sendo eles: Centro de Convivência do Idoso “Lions Sobral”, Centro de Convivência Leste, Centro de Convivência do Idoso “Judas Iscariotes”, Centro de Convivência do Idoso “Núcleo Avelina Maria de Jesus” e o Centro de Convivência do Idoso “Voluntárias Sociais de Franca”.

É importante ressaltar que estas instituições não residenciais contribuem muito para o envelhecimento ativo do segmento idoso. Contudo, vale destacar a desresponsabilização do Estado Neoliberal frente ao trato das expressões da questão social que concerne o envelhecimento “[...] resta, assim, o apoio da família [...] e o recurso à filantropia, enquanto amparo a velhice dos ‘condenados da terra.’” (PAIVA, 2014, p. 133).

Os investimentos privados na questão social têm aumento significativamente através das instituições (organizações não governamentais do chamado “terceiro setor”), Teixeira (2008, p. 209) enfatiza que a execução das políticas sociais está vinculada a um modelo econômico e político de organização de forças produtivas e das relações sociais.



[...] é no terreno da constituição de uma “cultura corporativa de responsabilidade social” que as mudanças nos padrões e práticas empresariais tecem novas formas de inserção do empresariado na questão social, ou seja, seu traço inovador é que não se restringe à busca do consentimento dos trabalhadores no local de trabalho, mas expande sua ação para a comunidade, difundindo uma nova cultura solidarista entre as classes sociais, isto é, a convivência pacífica e solidária nas relações regidas pelas leis capitalistas de mercado. Tem-se, assim, uma alternativa de trato das refrações da questão social, que é reveladora de um conjunto de inovações potencialmente constituidoras de hegemonia das classes dominantes, redefinindo de modo substantivo as relações entre o Estado e a sociedade civil, que desqualifiquem o Estado como espaço da ação pública e garantidor de direitos sociais. (TEIXEIRA, 2008, p. 211).

Mediante o breve histórico da cidade de Franca e o panorama das instituições prestadoras de serviço não asilar, faz-se necessário apresentar a instituição que é o universo da pesquisa em questão, o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral.

### 3.3 Universo da pesquisa: o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral<sup>14</sup>

*Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida.*  
(BRASIL, 1988).

O Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, inaugurado em três de agosto de dois mil e nove (03/08/2009), na região Norte de Franca/SP, foi o primeiro Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Serviço de Proteção Social Básica para pessoas idosas. Esta região do município possui a maior concentração populacional e o maior número de domicílios com indicadores de alta vulnerabilidade.

Segundo o Decreto n. 1.948, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Lei 8.842 (PNI), no seu Art. 4º, inciso I, Centro de Convivência é o “[...] local destinado à permanência diurna do idoso, onde são desenvolvidas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para a cidadania”, ou seja, ele é uma modalidade não asilar de atendimento, objetivando a socialização da pessoa idosa.

De acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS n. 109/2009) os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) são :

<sup>14</sup> Os dados e informações do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral apresentados no decorrer desse subcapítulo adveio do documento interno da Instituição denominado “Plano de Ação 2014”. Tal documento fez uma análise do contexto e da realidade de Franca/SP, a fim de traçar as metas e objetivos a serem atingidos no ano de 2014. Com isso, percebe-se que a Instituição está em um momento de transição, reordenamento, onde o público alvo e as atividades estão sendo programas de acordo com as normas da Organização dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos estabelecido pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais.

[...] serviços realizados em grupos, organizados a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situação de risco social. Forma de intervenção planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. (BRASIL, 2009, p. 8).

O SCFV organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver a identidade e o sentimento de pertença, fortalecer os vínculos familiares e incentivar a convivência comunitária. Possui caráter preventivo, pautado na afirmação de direitos e expansão de potencialidades e capacidades, para o enfrentamento da vulnerabilidade social. Prevê também o desenvolvimento de ações intergeracionais e heterogeneidade na composição dos grupos.

Segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS n. 109/2009)<sup>15</sup>, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para pessoas idosas está organizado no nível de Proteção Social Básica<sup>16</sup> e tem como foco:

[...] o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento de autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social. A intervenção social deve estar pautada nas características, nos interesses e demandas dessa faixa etária e considerar que a vivência em grupo, as experimentações artísticas, culturais, esportivas e de lazer e a valorização das experiências vividas constituem formas privilegiadas de expressão, interação e proteção social. Devem incluir vivências que valorizam suas experiências e que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir. (BRASIL, 2009, p. 9).

Percebe-se que a Tipificação Nacional de Serviços Sociassistenciais trouxe ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para as pessoas idosas a valorização das experiências vividas, de acordo com o ciclo de vida de cada sujeito e estimulou a construção e reconstrução das histórias de vida individual e coletiva com apoio a ações intergeracionais. Além dos objetivos gerais do (SCFV), a Tipificação Nacional de Serviços Sociassistenciais define os seguintes objetivos específicos para os serviços com pessoas idosas:

<sup>15</sup> A Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução n. 109/2009) é organizada por nível de complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS): Proteção Social Básica, Proteção Social Especial de Média e Alta Complexidade. As duas proteções são complementares e estão organizadas hierarquicamente.

<sup>16</sup> De acordo com a Lei Orgânica da Assistência Social (Lei n. 8.742 de 07 de dezembro de 1993) no seu Art. 6ºA “I- proteção social básica: conjunto de serviços, programas, projetos e benefícios da assistência social que visa a prevenir situações de vulnerabilidade e risco social por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários;”

- Contribuir para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo ;
- Assegurar espaço de encontro para os idosos e encontros intergeracionais de a promover a sua convivência familiar e comunitária;
- Detectar necessidades e motivações e desenvolver potencialidades e capacidades para novos projetos de vida ;
- Propiciar vivências que valorizam as experiências e que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir. Isso contribuirá para o desenvolvimento da autonomia social dos usuários (BRASIL, 2009, p. 12).

Os SCFV para pessoas idosas poderão ser ofertados em Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), em Centro de Convivência do Idoso, como é o caso do Centro de Convivência Lions Sobral, ou em outra unidade pública ou entidade assistencial inscrita no Conselho de Assistência Social do Município ou do Distrito Federal e que estejam na área de abrangência do CRAS e a ele referenciados.

Vale destacar que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos deve ser capaz de afincar, como prevê a Política de Assistência Social (PNAS) (BRASIL, 2005), a segurança de acolhida; a segurança do desenvolvimento da autonomia individual, familiar e social; e a segurança do convívio ou vivência familiar, comunitária e social. Do ponto de vista da Proteção Social Básica essas proteções constituem em:

- Segurança de acolhida: todo cidadão tem direito de ter suas demandas e necessidades acolhidas, ouvidas e respeitadas, recebendo as devidas informações e acompanhamento apropriado (BRASIL, 2005);
- Segurança do desenvolvimento da autonomia individual, familiar e social: compreende a necessidade do cidadão se desenvolver de forma independente, respeitando sua liberdade de escolha, poder de decisão e condição de exercício de cidadania. Abrange o desenvolvimento de habilidades e potencialidades que possibilita a aquisição de novos aprendizados. Fundamenta-se na capacidade de os indivíduos sociais e coletivos transformarem a própria vida e a realidade em que estão inseridos (BRASIL, 2005);
- Segurança do convívio ou vivência familiar, comunitária e social: a necessidade do cidadão estar em grupo com a família e com os grupos a que pertence. Os grupos a que pertencem fazem parte da construção da identidade de cada pessoa e de cada grupo (BRASIL, 2005).

Os objetivos dessas três seguranças para a pessoa idosa, de acordo com Tipificação Nacional de Serviços Socioassistencias, é proporcionar vivência e experiência para o autoconhecimento e autocuidado (BRASIL, 2009, p. 13).

Mediante toda a realidade apresentada, o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral vem passando, no ano de 2014, por um reordenamento, a fim de seguir as orientações dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para pessoas idosas, conforme previsto na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. O reordenamento visa unificar a oferta de (SCFV) para as pessoas idosas e os recursos repassados pelo Governo Federal. Essa iniciativa foi uma deliberação consensual e pactuada com as instâncias representativas da gestão da Assistência Social do Município e do Estado. Perante o reordenamento, o Município executará e planejará os serviços, de acordo com a realidade local e com a demanda dos usuários.

Atualmente o CCI Lions Sobral atende 287 pessoas idosas, contudo a meta aprovada pelo poder público Municipal subsidia o atendimento de 200 usuários e os 87 são subsidiados por orçamento próprio da Instituição do Lions. Assim, seguindo o reordenamento, a identificação dos usuários passou a ser realizada, no ano de 2014, pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da região Norte com o registro no sistema de informação do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CADÚNICO)<sup>17</sup> e acompanhado pelo Sistema de Informação do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SISC)<sup>18</sup>. Mediante tais mudanças, o CCI Lions Sobral está em um momento de transição, reordenando as atividades desenvolvidas e o perfil das pessoas idosas atendidas.

O público alvo do CCI passou a ser pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 anos, independentes fisicamente, que possuam autonomia nas tomadas de decisões, residentes na região norte da cidade de Franca, em situação de vulnerabilidade social; em especial pessoas idosas beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC)<sup>19</sup>; pessoas idosas de famílias beneficiárias de programas de transferência de renda, pessoas idosas com vivências de isolamento por ausência de acesso a serviços e oportunidades de convívio familiar e comunitário e cujas necessidades, interesses e disponibilidade indiquem a inclusão no serviço

---

<sup>17</sup> Devem ser incluídas no Cadastro Único as famílias com renda mensal per capita de até meio salário mínimo ou três salários mínimos domiciliar/familiar.

<sup>18</sup> O (SISC) é uma ferramenta de gestão do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que acompanha e monitora os serviços executados pelo Município.

<sup>19</sup> O (BPC) é uma transferência mensal de renda destinada às pessoas com deficiência e pessoas idosas maiores de 65 anos, em ambos os casos com renda família per capita inferior a um quarto do salário mínimo. O direito a um salário mínimo para aqueles que atendem tal perfil foi estabelecido na Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Sociais (LOAS), em 1993. Embora o programa seja coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social de Combate à Fome (MDS), o benefício é operacionalização pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) (MEDEIROS; BRITTOS; SOARES, 2007, p. 5).

Assim, os usuários estão sendo cadastrados pelo CRAS, e aqueles que tiverem renda de até três salários mínimos, ou apresentarem alguma situação de vulnerabilidade social citada anteriormente são encaminhados ao CCI Lions Sobral. Todas as pessoas idosas que já participam do CCI desde sua criação também passarão, até setembro de 2014, pela acolhida do CRAS, entretanto aqueles que não possuírem o perfil não serão desligados da Instituição.

Cada pessoa idosa participará de atividades de convívio pelo menos uma vez por semana<sup>20</sup>, conforme escolha do mesmo. A participação em demais atividades será analisada pelo Serviço Social do CCI Lions Sobral, que verificará a frequência do último semestre e a disponibilidade de vagas, com limite a três atividades de convívio. As atividades planejadas foram divididas em três eixos:

ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL: contribui para a melhoria no processo de envelhecimento biológico, psicológico, emocional, espiritual e social. Incentiva práticas de estilo de vida mais saudável e de autoconhecimento. São atividades desse eixo: ginástica, vôlei, tai chi chuan, pilates, coreografia, ioga, artesanato com terapeuta ocupacional, musicoterapia, arte terapia, grupo com psicóloga, grupo sobre orientações alimentares, bem como as campanhas de promoção de saúde, “Mais Saúde (CCI)”, e de memória saudável, “(CCI) Malhando a Cuca”.

CONVIVÊNCIA SOCIAL E INTERGERACIONALIDADE: desenvolve a socialização e a promoção de trocas, valoriza a pessoa idosa no meio familiar e social, fortalece o sentimento de utilidade, enriquece o aprendizado das novas gerações, incentiva a autonomia, o protagonismo e a efetivação dos seus direitos. As atividades desse eixo são: grupo solidário, alfabetização, informática e o grupo de convivência “Gerando Renda”.

AUTONOMIA E PROTAGONISMO: desenvolve a autonomia, potencializa a capacidade pessoal de produção, de escolha e decisão, valoriza experiências de independência, fortalece a autoestima, a identidade, valoriza o talento individual, promove o aprendizado e a socialização. As atividades realizadas nesse eixo são: pintura em tecido, pintura em tela, desenho, tricô, crochê, bordado, cultivo de orquídeas, orquestra de violeiros, coral, violão, roda de samba, tênis de mesa e jogos de salão (baralho, damas, dominó).

O participante também escolherá um dia e período da semana para frequentar os encontros regulares semanais, que serão constituídos por atividades reflexivas e vivenciais.

---

<sup>20</sup> De acordo com Orientações Técnicas do SCFV.

Serão trabalhados os cinco percursos temáticos: Percurso 1 – O grupo criou vida! Propósito: constituir grupo; Percurso 2 – O grupo se viu! Propósito: refletir sobre ser pessoa idosa, envelhecimento e relação familiar; Percurso 3 – O grupo olhou o mundo! Propósito: refletir sobre a comunidade e a contribuição social da pessoa idosa; Percurso 4 – O grupo reinventou sua casa! Propósito: exercitar capacidades criativas, participação social e construção de projetos pessoais e coletivos; Percurso 5 – E o grupo voou... Propósito: encerrar o grupo e criar possibilidades de encontros entre os participantes.

Também realizar-se-ão oficinas com os participantes dos encontros regulares, com o objetivo de aprofundarmos os temas desenvolvidos no grupo. Ao final dos percursos serão realizados encontros de final de percurso, para realizar o fechamento de um tema podendo envolver familiares, comunidade e diversos grupos. Serão utilizados recursos lúdicos, culturais e recreativos, bem como ações intergeracionais, homenagens em datas comemorativas, passeios culturais, rodas de conversa com temáticas sobre saúde, bem estar e espiritualidade, bailes, bingos, encontros de integração em locais externos, encontros entre demais CCIs. Para o desenvolvimento de todas essas atividades, a pessoa idosa assume o papel de protagonista, a fim de contribuir para o planejamento das ações.

Nesses encontros, serão trabalhados os temas transversais, conforme necessidade ou indicação do grupo. Os encontros vêm a complementar o trabalho social com famílias executado pelo CRAS, com o objetivo de que os participantes façam aquisições progressivas, prevenindo a ocorrência de situação de risco social. Também serão organizadas a Comissão de Representantes dos Conselhos (CMAS e COMUTI), a Brigada de Emergência (CCI) e representações nos Jogos Regionais do Idoso (JORI), na Semana da Pessoa Idosa e no Desfile “7 de setembro”.

A pessoa idosa que venha a faltar das atividades matriculadas deve se justificar. Caso não ocorra, o Serviço Social é notificado para entrar em contato com a pessoa idosa para saber o motivo das faltas e a data prevista para o retorno às atividades.

O CCI Lions Sobral conta com espaço físico próprio para atividades lúdicas e ocupacionais, refeitório, salão para atividades coletivas e área livre para prática de atividades físicas e de lazer. As atividades são realizadas em período integral das 07h às 11h e das 12h30 às 17h, de segunda a sexta-feira. O engajamento das pessoas idosas nas atividades é de livre escolha e sua participação pode ser nos períodos da manhã e/ou da tarde. O CCI conta também com uma equipe de trabalho composta por profissionais contratados pela Instituição Lions e por profissionais terceirizados, cedidos e voluntários.

Os atendimentos individuais ocorrem diariamente no CCI Lions Sobral, através do acolhimento em local adequado, com atendimento humanizado, entrevista, acompanhamento, formação de grupos, encontros e vivências, visando melhorar o relacionamento, a convivência, a participação comunitária, a autoestima, a valorização de si mesmo, bem como propiciar momentos de reflexão e exercício de cidadania. Serão realizados encaminhamentos para a rede, buscando garantir o atendimento das necessidades apresentadas pelos usuários deste serviço.

O Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral tem como objetivo melhorar a condição de sociabilidade de todas as pessoas idosas, a fim de reduzir e prevenir situações de isolamento social (segregação de idosos) e de institucionalização, assegurando o direito à convivência familiar e comunitária, tendo como impacto social esperado, um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo.

Com a breve explanação da organização do CCI e das legislações sobre as quais este se apoia, faz-se necessário apresentar o perfil das pessoas idosas atendidas no ano de 2014 e a realidade social que vivenciam:

**Quadro 2 - Sexo dos participantes do CCI Lions Sobral**

<b>SEXO</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS IDOSAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Feminino	226	78,7%
Masculino	61	21,3%
<b>TOTAL:</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri.

São vários os poderosos antecedentes que influenciam no desenvolvimento do envelhecimento, porque sintetizam o influxo genético-biológico e sociocultural; assim, idade e sexo são indicadores de trajetórias de vida possíveis para homens e mulheres que compartilham do mesmo espaço geopolítico e cultural. Perante os dados apresentados, falar da feminização da velhice remete a essas importantes ideias (NERI, A. L., 2007, p. 47).

O número expressivo do sexo feminino na inserção do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral (78,7%) faz entender que hoje existe uma flexibilidade entre as classes sociais em relação ao passado. Debert (1999 apud NERI, A. L., 2007, p. 49) aponta que a liberdade da procriação, do cuidado com os filhos, netos, marido e com a casa é vista como um ganho na nova velhice feminina, com mais autovalorização e autoafirmação, as mulheres participam de atividades sociais fora de casa mais do que no passado. O mesmo autor acrescenta que “A liberdade social dos idosos é afetada pelas novas formas de viver a velhice. A

longevidade com mais saúde e participação dá origem à consideração de novas fases e denominações no curso da vida.” (DEBERT, 1999 apud NERI, A. L., 2007, p. 49).

**Quadro 3 – Faixa etária dos participantes do CCI Lions Sobral**

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS IDOSAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
60 a 65 anos	69	24%
66 a 70 anos	101	35,2%
71 a 75 anos	62	21,6%
76 a 80 anos	37	12,9%
81 a 85 anos	14	4,9%
86 a 90 anos	04	1,4%
<b>TOTAL:</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri.

Nota-se o predomínio do número de pessoas idosas com a idade entre 66 e 70 anos (35, 2%) participantes do CCI Lions Sobral, seguido dos participantes com idade de 60 a 65 anos (24%), ou seja, mais da metade dos usuários atendidos estão entre estas duas faixas etárias. Todavia é animador notar que entre a faixa etária de 86 a 90 anos, a Instituição atende quatro pessoas idosas. Desta maneira, fica evidente a participação daqueles com mais idade e o aumento do prolongamento dos anos de vida.

**Quadro 4 - Escolaridade dos participantes do CCI Lions Sobral**

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS IDOSAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Não alfabetizado	23	8%
Alfabetizado	12	4,2%
Ensino Fundamental incompleto (1ª a 4ª série)	124	43,2%
Ensino Fundamental incompleto (5ª a 8ª série)	30	10,45%
Ensino Fundamental completo	60	20,9%
Ensino Médio incompleto	06	2,1%
Ensino Médio completo	20	7%
Ensino Técnico incompleto	00	00%
Ensino Técnico completo	03	1%
Ensino Superior incompleto	01	0,35%
Ensino Superior completo	08	2,8%
<b>TOTAL:</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri.



A baixa escolaridade é um dado presente entre as pessoas idosas. Conforme os dados apresentados, 8% delas não foram alfabetizadas, e somando a porcentagem do número de ensino fundamental incompleto (1ª a 4ª série e 5ª a 8ª série) tem-se o equivalente a 53,65%, o que se refere pouco mais da metade dos usuários. Apenas 20,9% concluíram o ensino fundamental. O número decai quando se refere ao ensino médio, apenas 7% dos participantes concluíram-no. Somente 1% deles cursou e concluiu o ensino técnico, e 2,8% concluíram o ensino superior.

Deve-se destacar que a época em que essas pessoas idosas eram crianças e adolescentes a educação era restrita e elitista. A grande maioria integrava a força de trabalho de suas famílias muito cedo, e as escolas eram majoritariamente distantes e escassas. Não havia obrigatoriedade de as famílias manterem seus filhos na escola e fora do trabalho infantil como presencia-se atualmente. O ensino escolar não era prioridade para a formação do trabalhador, já que o trabalho apresentava mais exigências. Dessa configuração cultural, resultou os baixos níveis de escolaridade e, conseqüentemente, o de renda (SANTOS; LOPES; NERI, 2007, p. 77-78).

**Quadro 5 – Renda dos participantes do CCI Lions Sobral**

<b>RENDA</b>	<b>QUANTIDADE DE IDOSOS</b>	<b>PORCETAGEM</b>
01 salário	158	55,1%
02 salários	75	26%
03 salários	08	3%
Acima de 03 salários	07	2,4%
Acima de 04 salários	06	2,1%
Não possui renda	33	11,4%
<b>TOTAL:</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri.

Observa-se que mais da metade das pessoas idosas possuem renda de 01 salário mínimo (55,1%), seguida por aqueles que possuem renda de 02 salários mínimos (26%). Entretanto uma questão chama atenção: 11,4% das pessoas idosas que frequentam o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral não possuem renda, assim, essa porcentagem está associada a várias outras parcelas da população brasileira que se encontram desprotegidas pelo Estado. Faz-se necessário compreender de onde vem a renda dos 254 participantes.

**Quadro 6 – De onde vem a renda dos participantes do CCI Lions Sobral**

<b>DE ONDE VEM A RENDA</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS IDOSAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Aposentadoria	153	53,3%
Pensão	38	13,24%
Aposentadoria e Pensão	32	11,15%
BPC	19	6,62%
Auxílio-doença	05	1,74%
Bolsa-família	01	0,35%
Ainda trabalha	06	2,1%
Não possui renda	33	11,5%
<b>TOTAL:</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri.

A renda advinda da aposentadoria representa 53,3%, o que corresponde a mais da metade dos idosos participantes do CCI Lions Sobral, em segundo lugar está a pensão, com 13,24%. As pessoas que não possuem renda estão na terceira posição (11,5%), e isso é uma questão preocupante quando se pensa em que condições sobrevive essa população. Em seguida, está a renda proveniente de aposentadoria e pensão, com 11,15%, estas pessoas, provavelmente, recebem dois ou mais salários mínimos por mês. Outro ponto a ser destacado são aqueles que dispõem do Benefício de Prestação Continuada (BPC) como renda (6,62%), ou seja, é transferido um salário mínimo mensal para aqueles com idade acima de 65 anos, extremamente pobres, cuja renda familiar é inferior a um quarto do salário mínimo mensal. Há ainda as pessoas idosas que permanecem integradas ao mercado de trabalho (2,1%), e dependem da renda proveniente das atividades que desempenham para manterem sua sobrevivência. A renda de 1,74% das pessoas idosas resulta do auxílio doença, benefício destinado àqueles que estão incapazes para o trabalho por motivo de doença. O bolsa família é a renda de 0,35% dos participantes, ou seja, uma pessoa idosa está inserida no programa de transferência de renda do Governo Federal, devido sua situação de pobreza.

Estes dados exibem o quanto é desumana a sociedade capitalista, deste modo, Paiva (2014, p. 130) demonstra que a “[...] lógica do longo e árduo processo de vida e trabalho, desumaniza a velhice dos(as) trabalhadoras(as); lógica que responsabiliza e culpabiliza o indivíduo pela tragédia da qual é parte.”

Mediante esse panorama, percebe-se que o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral atende as normas estabelecidas pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais para os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para pessoas idosas.

**Quadro 7 - Com quem residem os participantes do CCI Lions Sobral**

<b>COM QUEM RESIDE</b>	<b>QUANTIDADE DE PESSOAS IDOSAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
Companheiro(a); sogro(a) e sobrinho(a)	01	0,35%
Companheiro(a)	99	34,5%
Companheiro(a) e irmã	01	0,35%
Companheiro(a) e mãe	01	0,35%
Companheiro(a) e filho(a)	19	6,62%
Companheiro (a) e neto (a)	05	1,74%
Companheiro(a); filho(a) e irmão(ã)	01	0,35%
Companheiro(a); filho(a) e neto(a)	02	0,7%
Companheiro(a); filho(a); nora/genro e neto(a)	01	0,35%
Filho(a)	32	11,15%
Filho(a) e neto(a)	08	2,9%
Filho(a) e irmão(ã)	01	0,35%
Filho(a) e nora/genro	05	1,74%
Filho(a); nora/genro e neto(a)	05	1,74%
Irmão(ã)	01	0,35%
Mãe	01	0,35%
Neto(a)	06	2,1%
Sozinho(a)	98	34,1%
<b>TOTAL:</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri.

Nota-se que 34,5% das pessoas idosas participantes do CCI Lions Sobral residem com companheira (o), denominado por Moragas (2010, p. 155) de família de procriação, já que é formada por duas pessoas de sexo e sangue diferentes, unidas pelo casamento e que deram origem a uma descendência comum. Entretanto a diferença mínima entre os que residem com seus companheiros(as) e os que moram sozinhos contrasta e chama atenção. Dessa realidade suscitam as indagações, os 34,1% das pessoas idosas que residem sozinhas são totalmente independentes? Há alguma pessoa que as auxilia quando necessário? Se sim, quem é essa pessoa? Se, porventura, essa pessoa idosa vier a ser dependente, quem cuidará dela e com quem ela residirá? Importante se faz pensar nestas questões, pois essas pessoas idosas esbarrarão nas políticas públicas. Muitos participantes residem com os filhos (11,15%), pois estes preferem estar pertos para intervir quando necessário, além de tentar satisfazer alguns aspectos: necessidades físicas, socialização apoio psíquico e econômico. Outro aspecto a ser levantado é que os filhos estão voltando para a casa dos pais para esses auxiliarem economicamente, desse modo, a porcentagem de pessoas idosas que residem com companheiro(a) e filho(a) é de 6,62% (MORAGAS, 2010, p. 174).

As pessoas idosas contemporâneas não são somente avós, mas também bisavós e trisavós; logo, os laços geracionais fazem com que elas residem e tenham mais contato com seus netos, assim, os que moram com filho(a) e neto(a) correspondem a 2,9%, enquanto que os que residem apenas com neto(a) resultam em 2,1%. Aqueles que residem com “companheiro(a) e neto(a)”, “filho(a) e nora/genro”, “filho(a) e nora/genro e neto(a)” refletem 1,74% cada. Por fim, os que residem com “Companheiro(a); sogro(a) e sobrinho(a)”, “Companheiro(a) e irmão(ã)”, “Companheiro(a) e mãe”, “Companheiro(a), filho(a) e irmão(ã)”, “Companheiro(a), filho(a); nora/genro e neto(a)”, “Filho(a) e irmão(ã)”, apenas “Irmão(ã)” e apenas a “Mãe” representam 0,35% cada.

Os dados apresentados sobre sexo, faixa etária, escolaridade, renda, de onde vem a renda e com quem reside são importantes para traçar o perfil das pessoas idosas participantes do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral e para o estudo da velhice, pois desmistificam a ideia de homogeneidade do processo de envelhecimento e permitem compreender, sutilmente, o desenvolvimento da própria sociedade e de cada história de vida.

Portanto, para compreender a história de vida dos sujeitos da pesquisa, apresentam-se as narrativas dos participantes, objetivando apreender o significado da memória dos “velhos” trabalhadores.

### 3.4 A voz dos velhos trabalhadores

*Crescendo numericamente,  
Os velhos se tornam objeto de estudo.  
Propostas aparecem  
Pela boca da ‘ciência’, do Estado,  
dos meios de comunicação...  
Enquanto isso a história não se altera.  
Não muda a história do trabalhador,  
Não muda a história do menino,  
Não muda a história do velho,  
Não muda a história do homem.  
(HADDAD, 1986, p. 17).*

Constitui-se neste subcapítulo a parte fundante da dissertação, pois buscou apresentar a voz e a trajetória da história de vida de cada pessoa idosa participante, alicerçada às ideias e conceitos de autores. Buscou-se equilíbrio teórico com articulação harmoniosa das narrativas.

Os nomes fictícios que serão apresentados foram escolhidos pelos entrevistados, sendo eles : Leo, Fernando, Maria e Chico Bento. Manteve-se o anonimato dos participantes e a

confidencialidade das informações, logo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todo o processo da pesquisa obedeceu rigorosamente os preceitos éticos.

**Quadro 8 – Situação de vida das pessoas idosas entrevistadas**

<b>NOME FICTÍCIO</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>FONTE DE RENDA</b>	<b>NÚMERO DE FILHOS</b>	<b>COM QUEM RESIDE</b>
Leo	Feminino	68	divorciada	aposentadoria	02	Sozinha
Maria	Feminino	70	Casada	aposentadoria	02	Sozinha
Fernando	Masculino	66	Solteiro	BPC	0	Sozinho
Chico Bento	Masculino	67	Casado	aposentadoria	02	Esposa

Fonte: Elaborado por Cristiane de Fátima Poltronieri

As histórias de vida das pessoas idosas entrevistadas são permeadas pelo trabalho, pelo baixo poder aquisitivo e pela convivência com a família. Mediante esse panorama, a economia e o desenvolvimento da cidade fazem parte da construção do cotidiano de cada um desses sujeitos e vice-versa. As pessoas falam com satisfação sobre as conquistas que tiveram com a criação dos filhos, na compra de bens e no auxílio de seus descendentes, mas também demonstram a vida sofrida e a exaustão da atividade laborativa, em especial, o trabalho na indústria de calçado.

Uma questão observada, que acompanhou toda a rememoração e que merece destaque, foi a articulação de expressões e gestos. Para Bosi (2003, p. 90):

As mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela voz. Tiram segredos e lições que estavam dentro das coisas, fazem uma sopa deliciosa das pedras do chão [...] A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.

Os narradores, ao rememorarem as vivências de suas histórias de vida, de seu trabalho, de sua família e de sua velhice fizeram uso constante das mãos. Percebeu-se que, por alguns momentos, as falas vinham pronunciadas pelo auxílio das mãos, como a extensão da memória.

A pesquisa permitiu colher alguns resultados sobre a memória e trajetória de vida, a memória e trabalho e a memória, família e velhice ; enfim, sobre a substância social da memória. Expõem-se agora algumas reflexões.

### 3.4.1 Memória trajetória de vida

*Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro. (BOSI, 1994, p. 83).*

As mais distintas lembranças são relatadas, em geral, pela evocação de testemunhas. As imagens remotas, as mais antigas que são evocadas, em sua maioria, foram sustentadas pela memória do grupo a que o sujeito pertence ou pertencia; assim, acontecimentos ganham concretude à medida que são compartilhados e que outras pessoas passam a ter conhecimento. Se isso não acontecesse, talvez as lembranças da infância deslizassem para a ilusão (BOSI, 1994, p. 406).

Desta maneira, na infância, a criança não recebe apenas os dados da história escrita, mas mergulha na história vivida e sobrevivida das pessoas que as rodeiam. Assim, para narrar o início da história de vida, percebe-se que cada sujeito resgata em seu íntimo os acontecimentos que presenciou e aqueles que foram contados e compartilhados pelos seus pais e avós:

Quando meu pai veio da Bahia ele veio de caminhão aí ele começou a trabalhar de empregado na região de Sertãozinho em fazendas, sabe?! Ai minha mãe trabalhava também em fazenda, aí eles se conheceram e casaram. (FERNANDO).

Nós era em 19 irmãos e a gente morava na roça, né! Teve irmã que eu nem cheguei a conhecer porque eu não era nem viva, eu não era nem nascida. Sou uma das mais novas porque as mais velhas já partiram já faz alguns anos. Nós era em 19 irmãos e só restam 4. (LEO).

Meu avó, quando faleceu, eu deveria ter uns 5 ou 6 anos, mas, pela história, toda vida ele trabalhou em fábrica de laticínio lá de Minas, em fábrica de queijo. (MARIA).

De acordo com Bosi (1994, p. 407), muitas das recordações que incorporam o passado não são do próprio sujeito, elas, simplesmente, foram relatadas por seus parentes e agora são reproduzidas, já que são acontecimentos que acompanham e enriquecem a história de vida. Dessa maneira, Bosi (2003, p. 31) afirma que a configuração mais intensa da memória é quando sobre ela incide o brilho de um significado coletivo.

Halbwachs (1990, p. 124) cita que:

Sem sair da família, a memória do pais e da mãe os transportam ao tempo que se seguiu ao casamento: ela explora uma região do passado que as crianças não conhecem a não ser por ouvir falar: estas não se lembram de um tempo em que não tinham despertado ainda para a consciência do meio de seus pais [...].

Desse modo, ao relatar a vinda de seu pai da Bahia e o encontro de seus pais, Fernando apropriou-se da memória de uma terceira pessoa que lhe contou ainda quando jovem, pois ele não estava presente quando tudo aconteceu. O mesmo acontece quando Leo conta sobre seus irmãos que faleceram sem mesmo tê-los conhecido, e Maria cita o trabalho que os avós desempenhavam na fábrica de laticínio. Assim, a memória que todos apresentaram adveio de uma memória coletiva, e, como essa fez sentido em suas vidas, eles aderiram-na e declararam-na como sua, transformando-a em memória individual.

Perante isso, segundo Bosi (2003, p. 41), os fenômenos surpreendentes da memória individual são aflorados pela lembrança de uma voz, de um lugar ou de um acontecimento, principalmente, quando se refere a momentos da infância. Nesses as lembranças vêm à tona com a mesma intensidade e timbre com que foi transmitida e apreendida.

Outro aspecto percebido com as falas foi a sucessão de etapas da memória, períodos marcados e divididos por momentos significativos, seja eles bons ou ruins, contudo foram ocasiões que ajudaram a construir e levantar os degraus de uma história repleta de sentidos: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, empregos, dentre outros.

De acordo com Bosi (2003, p. 45), “[...] na história de vida, perder o tempo é perder a identidade, é perder-se a si mesmo.” Dessa forma, o passado temporizado leva à origem, ter acesso a ele significa retornar ao ser (MALDONATO, 2009, p. 10).

Eu morei em vários lugares, porque meu pai trabalhava em fazendas, ele não tinha lugares fixos, por isso morei em vários lugares [...] Morei em uma fazenda, não me recordo o nome, que morei até os 6 anos, aí depois de 6 anos mudei para Monsenhor Paulo, lá eu cresci e estudei até quando a gente tinha que estudar e lá fiquei adulta até casar. A gente mudava por questão de trabalho, a gente ficava uns 3 anos, aí a outra fazenda oferecia melhor condições aí a gente ia [...] Então nós mudava por causa disso, tinha fazendeiro que pagava mais, mas ele não trabalhava no cabo da inchada não, ele mexia só com gado. Minha mãe não trabalhava, só meu pai. Aí quando a gente tinha idade de escola a gente foi pra cidade e aí comecei a trabalhar. . Eu era a mais velha da família, eu e meu irmão era um ano e pouco de diferença [...] e eu cuidava dos meus irmão e foi a aí que eu aprendi, também via minha mãe a fazer e eu ajudava. (MARIA).

O emprego do papai era na roça, né! Era carpina café, fazer plantação de milho, arroz e feijão. Ele nunca ficou desempregado. Toda vida ele trabalhou, mas tudo o que ele plantava tinha que ser pro patrão e quando colhia o patrão dava aquele tantinho pra ele, então a vida era muito sofrida, né! Vim pra Franca com idade de 10 anos e morava com meu tio, a mamãe ficou na roça e a gente ia quase todos os meses ver ela. Eu vim pra cá pra mim trabalhar e estudar porque a vida da roça é muito ruim, a gente não tinha nem roupa direito pra gente vestir nem calçado, então dava geada e nós sem blusa, sem nada, né! [...] o papai era um homem muito severo, e a gente tinha respeitar porque era educação que ele teve. (LEO).

Minha mãe sempre foi doméstica e meu pai sempre trabalhou com a lavoura, ele era agricultor. Nasci na fazenda, fui pra Guará e depois vim pra Franca. Na época a gente era mais novo e a gente tinha que acompanhar os pais para essas mudanças, sempre buscando o melhor no trabalho, tanto pra eles quanto pros filhos. Já aconteceu dos meus pais estarem desempregados, por isso essas mudanças. (CHICO BENTO).

Meu pai sempre foi da roça, ele era baiano, então ele mexia só com negócio de lavoura, de roça, ele era empreiteiro. Esse negócio de roça também fica desempregado quando vai de uma roça pra outra, mas eu não sei dizer porque eu não participei [...] Eu nasci em Sertãozinho, ai com 13 anos vim pra Franca. Viemos pra cá porque meu pai era empreiteiro, ai então ele pegou um serviço, aí trouxe nós pra cá e acabamos ficando aqui. Nessa época entregavam lenha nas padarias com carro de boi, meu pai tinha e eu sabia mexer com tudo isso. Foi tocando, e a vida foi melhorando. (FERNANDO).

Importante destacar que os memorialistas refletem sobre o tempo vivido, e esse lhes aparece como luz atrás de uma cortina esgarçada, os momentos não são todos nítidos e se apresentam distorcidos e esfumados, pois o passado se conserva, no entanto não de forma homogênea (BOSI, 2003, p. 45).

De acordo com Coutrim (2010, p. 66), com resgate das histórias de vida é possível visualizar as transformações sociais que a sociedade industrial vem passando e esse resgate:

[...] oferece uma análise acurada do processo de envelhecimento dentro da dimensão dos estudos históricos. Sob uma ótica micro, porém com poder de generalização, os estudos do curso da vida possibilitam conhecer as transformações da vida individual dentro do contexto da vida familiar.

Com a análise das falas, é possível notar os momentos de transição pelos quais passa a família, e os diferentes papéis desempenhados pelos seus membros ao longo de sua história. Nota-se, com o resgate da memória de todos os sujeitos pesquisados, que o trabalho predominante por seus pais era o desempenho na roça, no cultivo da lavoura ou na criação de gado. Contudo, aufere Chico Bento e Maria que as mães não trabalhavam com a terra, pois cuidavam da casa e dos filhos, o que remete à figura do pai o provedor de toda a família. Percebe-se que a identidade do homem confunde-se com a de trabalhador, enquanto que a da mulher constitui-se, no máximo, em ajuda em tempos de crise. Segundo Coutrim (2010, p. 143), ao homem é reservado o esforço diário para obter o dinheiro para o sustento da família, enquanto que à a mulher é guardado o papel de dona de casa e cuidadora dos filhos.

Predominam, em todas as falas, as diversas mudanças que realizaram até chegar na cidade onde habitam hoje, Franca. Tal trajetória é marcada pela busca de emprego e melhores salários, com o intuito de manter e garantir a sobrevivência de toda família. É visto,



com o depoimento de Chico Bento, que a família não tinha outra opção a não ser acompanhar o pai, pois esse procurava o melhor para garantir a manutenção da sua prole.

Diante de todas essas variações de espaço, explícitas nas narrativas, ocasionadas pelo trabalho e pela sobrevivência familiar, os memorialistas recordam, com orgulho, a luta constante de seus pais, a fim de oferecer-lhes melhores condições de vida. Para Costa (2007, p. 128) a sobrevivência se sobrepõe a muitas situações, e, assim, os homens, para atender às suas necessidades econômicas e familiares, a elas se submetem.

Percebe-se, com a fala de Maria, que foram tantos os lugares em que morou com seus pais, que não recorda os nomes das fazendas que percorreu, mas lembra com precisão a idade que possuía quando residiu pela última vez na zona rural. Para Bosi (2003, p. 18), o esquecimento e omissões que desafiam a narrativa são exemplos de como se deu a incidência do fato histórico e dos traços que deixou na sensibilidade individual da época.

Leo comenta as dificuldades que passou quando morava na roça, dificuldades financeiras que impediam ela e seus familiares de terem calçados e roupas apropriadas para se aquecerem quando geava. Ela recorda da periodicidade em que ia visitar a mãe na roça quando veio morar com seu tio na cidade de Franca. A distância da família, mesmo com a pouca idade, dez anos, foi ocasionada pela busca de estudos e trabalho. A memorialista conta também a educação severa que recebia do seu pai e o respeito que tinha por ele e reconhece que a forma como ele a educou foi consequência da educação que ele havia recebido.

A partir das palavras de Leo, faz-se necessário destacar que a família possuiu um importante papel no processo de formação da força de trabalho, o que resultou não apenas ensinar um ofício das primeiras atividades laborativas, mas também fornecer um conjunto de normas, valores, concepções, dentre outros ensinamentos (REZENDE, 2006, p. 59).

Fernando rememora que seu pai trabalhava na lavoura e como empreiteiro, e, por causa desse último, vieram para Franca. Ele recorda como as mercadorias eram transportadas no comércio e cita que seu pai tinha carro de boi para levar lenhas às padarias; logo, aprendeu como dirigir aquele veículo.

Com a história de vida rememorada por Maria e Leo, percebe-se que ambas aguçaram, desde muito pequenas, o desejo de sair da realidade de onde nasceram, queriam “bater asas” e dar os primeiros vôos na cidade grande em busca de trabalho e estudo; contudo essa aspiração fez com que tivessem responsabilidades muito cedo, pois foi preciso deixar a casa dos pais e residir com parentes. Como se pode perceber, são trabalhadoras que deixaram a vida rural pela via urbana: o conhecido êxodo rural, que é responsável por caracterizar a maior parte dos operários brasileiros (COSTA, 2007, p. 150).

Pelo resgate da trajetória de vida, cada memorialista recorda com precisão a vida difícil que seus pais tiveram e o que faziam para garantir a manutenção de toda família. Todas as falas demonstraram um reviver de imagens do passado (BOSI, 2003, p. 45), no qual é possível perceber os momentos de aflições que passaram, bem como o orgulho e o respeito por tudo o que seus pais e mães fizeram e, acima de tudo, a esperança de condições melhores.

Percebeu-se, com os relatos da trajetória de vida, que nenhum dos participantes mencionou algum tipo de brincadeira ou momentos em que aproveitassem a sua infância, assim, aponta-se que a fase de brincar foi substituída, muito cedo, pela fase de trabalhar.

Tendo perdido as ânforas da infância,  
ânforas que tomadas ou aspiradas  
derramavam no ar a substância  
de que as coisas bebiam inebriadas;

tendo perdido o verde som dos hortos  
descer pelas ramagens dos silentes  
degraus, ainda vejo no sol posto  
o fruto ou flor fechada e rescendente.

Sonho com as espigas debulhadas  
em grãos que a luz unia ou separava  
para cobrir o chão de áureo tecido

e meus pés afundavam na dureza  
macia desses grão que me fugia  
sem que ouvisse no ar o seu gemido.  
(BOSI, 1994, p. 84).

A meninice e a juventude foram marcadas pela percepção da aventura da responsabilidade, brincavam fora da jaula do estereótipo, sem haver o constrangimento dos limites. Portanto o esforço abstrato para recriar impressões passadas e exprimirem palavras hesita na reminiscência da alegria de outrora. Segundo Bosi (2003, p. 69) “[...] uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar [...].”

Bosi (2003, p. 35) indaga se as histórias e trajetórias de vida devem ser contadas, e a mesma responde dizendo que sim, pois, ao contar uma experiência profunda, os acontecimentos perdidos na memória se corporificam e se enrijecem na fala, já que, se o mutismo permanecer, as lembranças paralisam e sedimentam-se no fundo da garganta, “[...] presa ao fundo da garganta como uma rocha de gritos.”

*Foi assim que a memória – levando o homem de volta às origens – coloriu-se de poesia, assumindo expressões épicas [...]. (MALDONATO, 2009, p. 10).*

### 3.4.2 Memória trabalho

“Ao produzir os meios de vida, o homem produz sua vida material.” (IAMAMOTO; CARVALHO, 1982, p. 17). Essa concepção faz pensar na reprodução do modo de vida dos sujeitos sociais condicionado à produção dos meios de vida. Em outras palavras, a produção da vida de trabalhador se dá na dupla relação natural e social. Portanto o modo de produzir compreende a cooperação de muitos indivíduos, os quais envolvem o cotidiano da vida em sociedade.

O processo capitalista de produção expressa a maneira histórica dos homens produzirem as condições materiais de existência humana e as relações sociais. Nesse processo, reproduzem-se, concomitantemente, as ideias e representações que expressam essa relação. Assim, segundo os autores, “[...] a produção social não trata de produção de objetos materiais, mas de relação social entre pessoas, entre classes sociais que personificam determinadas categorias econômicas.” (IAMAMOTO; CARVALHO, 1982, p. 30).

Pela produção das condições materiais e da reprodução das relações sociais que a memória do homem se sustenta. Para tanto, Coutrim (2010, p. 134) defende que, pelo fato do trabalho ocupar papel importante na vida do trabalhador desde muito cedo, a leitura de vida deve perpassar pela lembrança da sua história profissional. Em vista disso, no estudo das lembranças das pessoas idosas, o tempo de lembrar, segundo Bosi (1994, p. 15), traduz-se pelo tempo de trabalhar; assim, sem a memória do trabalho, a narração perderia sua qualidade épica. Portanto, é por meio da gama de matrizes da lembrança vinculada ao trabalho que transparece a voz dos sujeitos entrevistados.

Com 11 anos, eu trabalhava em casa de família. Antes, com 5 anos, eu trabalhava na roça no cabo da enxada [...] Eu estudava, mas como a gente achava muito difícil, então a gente preferia trabalhar. Eu já fiquei desempregada por muito tempo, porque depois eu também casei. Casei com 19 anos, tive meus filhos e tudo e aí depois, quando minha filha mais nova estava com 6 anos e o outro com 7 anos, e passei a trabalhar fora de copeira em firmas e, depois disso, passei muitos anos a trabalhar em fábrica de calçados como coladeira e aparadeira de peças, fazia vários serviços. (LEO).

Eu tinha 9 anos, aí eu ia pra casa dela tomar conta dos filhos dela e fazer pão, tomava conta da casa até ela sair do serviço, aí ela me dava aula. [...] cozinhava com essa idade, a professora amassava o pão e deixava crescer e o pior serviço ela deixava pra mim de por no forno. Já tive desempregada, o meu primeiro emprego registrada eu era nova ainda, trabalhei pela prefeitura [...] eu tenho só a oitava série, mas naquela época a gente podia dar aula na roça, então eu fui substituir uma professora, eu devia ter uns 16 a 17 anos na época. Aí, depois de um tempo, eu não pude mais porque começou a formar professores né, aí eu tive que parar e trabalhei como doméstica. Mas antes de trabalhar na fábrica de calçado, eu casei, fui pra São Paulo e trabalhei em fábrica de peças como a Volkswagen, trabalhei fazendo peças

e, lá em São Paulo, eu trabalhei num hospital na enfermagem. Aí eu vim pra Franca, mas eu não tinha onde deixar os filhos e eu tinha que cuidar. Eu tinha 5 filhos, eu tinha dois e três com o marido. Aí eu fui trabalhar na fábrica e depois eu trabalhei muito anos em casa, costurando sapato. Quando eu entrei na fábrica, eu tinha uns 30 e poucos anos aí eu fiquei na fábrica uns 4 a 5 anos, porque meu marido abriu uma lanchonete e eu saí pra ajudar, mas aí não deu certo, aí eu costurei sapato em casa. Aí em 1982 eu prestei concurso para merendeira, aí eu passei e trabalhei 15 anos na escola. (MARIA).

[...] quando saí da escola, o meu primeiro emprego foi com 14 anos no sapato. Eu aprendi a ser costurador manual, porque meu irmão trabalhava lá na fábrica. Meu irmão me levou pra lá e me ensinou a ser costurador manual. Eu ganhava um salário, ganhava por peça, por produção, por par. Eu guardei um dinheiro, e na época começou os juros, essas coisas, aí eu falei vou partir pra isso. Minha mãe tinha as freguesas, aí eu comecei a ter amizade com elas [...] e descontava cheque e ia ganhando muito mais que costurador. Eu ganhava bem mais e era mais fácil, mas era perigoso, podia perder [...]. (FERNANDO).

Eu trabalhei muito na roça, eu era bem pequeno. Naquela época, podia trabalhar de menor, então a gente chegava da escola almoçava e pegava a enxada e começava a trabalhar. Eu acho que eu deveria ter uns 8 anos por aí. Eu trabalhava junto com meus pais, eu nem recebi, só ajudava meus pais. Agora, aqui em Franca, o meu primeiro emprego foi no Amazonas. Antes de me aposentar eu fui auxiliar de perito, que ia, fazia o levantamento das firmas que falia que eu mandava pro fórum, e o fórum mandava fazer leitão com os maquinários. (CHICO BENTO).

Ao ouvir os depoimentos orais constata-se que o sujeito que recorda não lembra apenas de uma ou outra imagem, ele evoca, dá voz, faz dizer, fala de novo o conteúdo de suas vivências. Evidenciam o reconhecimento e a elucidação que a rememoração regressa do passado, ele está revivendo hoje e com uma intensidade nova a sua experiência (BOSI, 2003, p. 33-44).

Leo relembra o primeiro contato que teve com o trabalho, tinha cinco anos quando começou a ajudar a família no campo, “no cabo da enxada” e, aos onze anos, ao vir para cidade, foi trabalhar em casa de família. Ela conta da dificuldade que tinha com os estudos, já que era difícil conciliar as aulas com o trabalho, assim teve que optar por um dos dois, então decidiu deixar a escola, pois não poderia deixar de executar o trabalho, visto que precisava se manter financeiramente; outra dificuldade que passou foi o longo tempo que permaneceu desempregada. Leo relata a idade que tinha quando se casou, dezenove anos, e narra sobre o nascimento e o desenvolvimento dos filhos, momentos em que ficou afastada do trabalho. Assim, quando sua filha mais nova tinha seis anos, voltou a trabalhar fora de casa, desta vez, como copeira em empresas e, em seguida, em fábricas de calçado, onde desempenhou várias funções, dentre elas a de coladeira e a de aparadora de peças.

Maria também relembra a idade que tinha quando iniciou o trabalho, nove anos, e relata o primeiro emprego como babá e empregada na casa da professora. Nota-se, na fala de Maria, que a lembrança marcante que tem desse momento era de colocar o pão no forno e

cuidar da casa, até que a professora chegasse e lhe desse aula. Percebe-se, no seu tom de voz, o desagrado que tem quando conta sobre esse momento, pois, com a pouca idade, matinha contato com atividades perigosas, como o fogo e a responsabilidade de cuidar de uma criança. A mesma remete-se a uma das formas de pagamento que recebia neste primeiro trabalho, a troca de mão de obra com aulas que a professora lhe oferecia quando chegava em casa. Maria relata também que já esteve desempregada, mas diz, com orgulho, sobre o seu primeiro emprego depois disso, dar aula para crianças da roça, com carteira assinada, aos dezesseis/dezessete anos. Destaca que só cursou até a oitava série, mas que era o suficiente para dar o seu melhor na alfabetização dos alunos, entretanto, com o passar dos anos, novas exigências foram impostas, e Maria teve que deixar o trabalho na escola e procurar outra atividade, foi quando começou a trabalhar como doméstica. Recorda que antes de trabalhar na fábrica de calçado, ela se casou e foi para São Paulo, onde trabalhou em empresa de peças e hospital; mas, com o nascimento dos filhos, retornou a Franca. Maria esclarece que teve cinco filhos, dois de seu marido e três de outro relacionamento que seu marido tivera. Ela conta que, ao voltar para Franca, também foi trabalhar em fábrica de calçado, mas, depois de alguns anos, saiu para ajudar o seu marido no novo negócio que a família montou, uma lanchonete. No entanto o comércio não deu certo, e Maria voltou a trabalhar com o calçado, desta vez na sua própria casa. Em 1982, Maria recorda que foi aprovada no concurso público da prefeitura de Franca para trabalhar como merendeira nas escolas, trabalho que durou 15 anos, até que ela se aposentasse. Percebe-se, com a história de vida narrada por Maria, que o trabalho sempre foi, desde muito nova, o motivo de muitas mudanças, sejam elas de cidade ou até mesmo de atividade laborativa.

A memória de Chico Bento sobre o trabalho surge desde a infância. Começou a trabalhar no campo quando criança, com oito anos de idade e relata que, na época, o trabalho infantil era permitido. Então, quando chegava da escola, almoçava e já “pegava na enxada”, a fim de ajudar seus pais. Ele menciona que o primeiro emprego na cidade foi no “Amazonas”, famosa fábrica de calçado de Franca.

Nota-se, a partir das quatro falas, que o trabalho adentrou muito cedo na história de vida de cada um deles, adquiriram responsabilidades ainda quando criança. O trabalho no campo foi a atividade que predominou como o primeiro contato com atividade laborativa. Na época, o trabalho infantil não era proibido, e era comum tirar as crianças da escola para ajudar os pais nessa atividade. Essa realidade é percebida nas falas de Maria e Leo, quando tiveram que deixar a escola para permanecer no trabalho, enquanto que Chico Bento relata que conciliava o estudo com o trabalho. Assim, a infância e os cuidados de criança foram

substituídos pelo manuseio de ferramentas pesadas e perigosas. Rezende (2006, p. 59) explica que, pelo fato de a escola ter sido vista, naquela época, como papel relativamente secundário, tem-se como resultado o baixo nível de escolaridade da maioria dos trabalhadores.

Neste contexto, a importância concedida ao trabalho, segundo Costa (2007, p. 60), sustenta a vida do homem desde muito cedo, para aqueles que não tiveram oportunidade de frequentar o espaço escolar. “Pode-se afirmar que o homem, no mundo capitalista, está representado pelo trabalho, recebendo, desse modo, a preparação para este precocemente.”

A história de vida de Fernando em relação ao primeiro trabalho foi diferente em comparação aos outros depoimentos, mas não divergente quando se compara à idade. Ele não trabalhou no campo e estudou até os quatorze anos, após esse período, iniciou sua atividade laborativa na fábrica de calçado com o auxílio de seu irmão, que já trabalhava na fábrica. Fernando relata que a primeira aproximação com o calçado foi proporcionada pelo irmão, este o ensinou as técnicas de como costurar sapato, o que o tornou costurador manual. Conta que o pagamento era de acordo com a quantidade de pares produzidos, em torno de um salário mínimo por mês. Mesmo com o baixo salário que recebia, ele relembra que conseguiu guardar dinheiro para sair dessa profissão, foi quando viu nas clientes de sua mãe a possibilidade de uma nova atividade: emprestar dinheiro com juros e descontar cheques. Assim, Fernando conta que recebia muito mais dinheiro e de forma mais fácil do que se tivesse continuado na fábrica como costurador manual, mas reconhece que era perigoso e arriscado, pois poderia perder muito dinheiro caso alguém não o pagasse.

No resgate da memória de Maria, Fernando e Chico Bento é possível perceber o interesse por sair da fábrica de calçado e trilhar uma nova profissão. Ela, depois de ser aprovada no concurso público, foi ser merendeira escolar, enquanto Fernando passou a ser agiota, e Chico Bento foi ser auxiliar de perito. No entanto, Leo, mesmo saindo do chão da fábrica, continuou com a costura do sapato em casa.

É fácil notar, com as falas de Leo e Maria, a recordação que têm sobre a constituição da família, o nascimento e desenvolvimento dos filhos, justaposto com o trabalho. Ambas narram que, em muitas circunstâncias, estiveram desempregadas para se dedicarem ao cuidado com os filhos e com a casa, mas que não podiam ficar afastadas do mercado de trabalho por muito tempo, pois precisavam do salário para complementar a renda familiar.

Rezende (2006, p. 117) cita que muitas operárias nem sempre podiam se dar ao luxo de ficarem afastadas do trabalho fabril para dedicar-se ao cuidado dos filhos, pois apenas o salário do companheiro era insuficiente para as despesas familiares. Logo, os depoimentos

apresentados de inferência ao trabalho e da trajetória de vida familiar podem ser perfeitamente observados na realidade da grande maioria das trabalhadoras.

Antes de adentrar às lembranças do labor na fábrica de calçado, faz-se necessário sintetizar a transformação do mundo do trabalho, apresentado pelas narrativas dos memorialistas, assim, apropria-se das palavras de Iamamoto e Carvalho (1982, p. 16):

À medida que a satisfação das necessidades sociais se torna mediatizada pelo mercado, isto é, pela produção, troca e consumo de mercadorias, tem-se uma crescente divisão do trabalho social, a qual pode ser considerada nas suas formas gerais (no mercado mundial, por grupo de países, no interior de um país, entre agricultura e indústria, cidade e campo, etc.), passando pelas formas singulares e particulares dentro dos ramos de produção, até a divisão do trabalho no interior da oficina.

A partir desta percepção, faz-se necessário resgatar os momentos pelos quais passaram dentro das fábricas de calçado em que trabalharam, de modo a entender como era a atividade desempenhada e a realidade que vivenciaram neste espaço. Destaca-se agora a memória de Leo, Maria, Fernando e Chico Bento na fábrica de calçado.

Quando eu comecei a trabalhar na fábrica eu tinha por volta de 17 a 18 anos. Era uma fábrica grande, trabalhavam homens e mulheres todos juntos. Tinha bastante contato com meu chefe e com a pespontadeira, companheira minha, que eu colava e passava pra ela e, como ela ficava muito apertada, eu falava “pode vir que eu te ajudo”. Aí ela pespontava e passava o serviço pra mim, eu arrumava direitinho na caixa e colocava na esteira e ia mandando. Lá, de jeito nenhum, podia conversar, eu só podia ter contato com a minha pespontadeira, né! [...] tinha a esteira no meio, ela do lado de lá e eu do lado de cá, sempre controlada pela esteira, e o chefe lá e, então, não tinha como conversar muito, na hora no trabalho era trabalho mesmo. Não tinha nada de diversão, era só na hora do almoço que a gente saía pra almoçar, que a gente andava, ia debaixo de uma mangueira, pegava manga. A fábrica nunca fez nenhum momento de diversão. Meus patrão foram muito bom pra mim, meus chefe sempre foram muito bacana comigo, nunca tive maltrato não. Ah, eu achava muito bom o meu trabalho na fábrica, eu gostava demais da fabrica, eu só não gostava muito quando eles pediam pra fazer serão à noite, isso pra mim já não era legal. Aquele tipo de serviço que a gente fazia estava ótimo. Na minha época, nunca houve chance de promoção, pra mim não, nem pra outro também porque cada um já tinha sua profissão daquilo ali né, então a gente permanecia ali como sempre. Eu era sócia do sindicato dos sapateiros. Tinha demais divergência, briguinhas entre os trabalhadores e patrão. Geralmente era por causa do salário porque tinha vez que a pessoa ganhava mais, sei lá, era mais protegido. Eu não participava porque eu não gosto, nunca gostei desses negócios de greve, eu nunca participei disso não, porque eu não gosto não. A gente chegava e ficava parado, porque o chefe falava, senta aí e fica parado, nós ficava sentado dentro da fábrica e o povo na rua. Eu só trabalhava mesmo na minha seção e eu não sabia como a fábrica era dirigida porque dentro de uma fábrica tinha vários artigos, botas, sapato de homens e mulheres, muitas coisas. (LEO).

Entre 17 e 18 anos Leo começou a trabalhar em uma grande fábrica de calçados, que produzia vários artigos como bolsas, botas masculinas e femininas. Ela relata que a empresa era composta por trabalhadores do sexo masculino e feminino e que só conhecia a realidade da sua seção. Ela recorda o estreito laço de amizade com sua colega de trabalho e o contato que tinha com seu chefe. Leo descreve como era o trabalho que desenvolvia, colava o calçado e passava para a pespontadeira, sua companheira, e quando a demanda aumentava uma ajudava a outra. A memorialista relembra que, no horário de trabalho, não era permitido nenhum tipo de conversa, a não ser que fosse com sua colega pespontadeira, pois o tempo era controlado pelo movimento da esteira que ficava entre elas e pela fiscalização do chefe; então o único momento em que era permitido o contato com todos os trabalhadores era no horário de almoço. Assim, Leo narra com ternura o momento em que saía para o intervalo do almoço e andava até um pé de manga, lá comia a fruta e aproveitava para descansar por alguns minutos. Ela cita que nunca fora maltratada por seus superiores, todos tratavam-na bem. Leo relembra que a única coisa de que não gostava na fábrica de calçado era quando pediam para que Lea trabalhasse no período da noite, mas que adorava o trabalho e a função que desempenhava. Segundo ela, na época não havia chance de promoção, sua função seria sempre de coladeira. Ela lembra que o espaço da fábrica de calçado era tomado por divergências e brigas entre chefe e empregados, geralmente, por questões salariais, já que havia pessoas protegidas e que, conseqüentemente, recebiam mais em comparação aos outros trabalhadores. No entanto Leo conta que nunca participou de greves ou qualquer tipo de manifestação, mesmo sendo sócia do Sindicato dos Sapateiros, pois não gostava dessas situações, então, quando havia alguma paralisação, ela e outros trabalhadores que não aderiam ao protesto ficavam sentados dentro da fábrica parados, sem trabalhar, enquanto os manifestantes estavam na rua. Ao relatar sobre os momentos de greve, Leo demonstra não aprovar tal ato, pois refere-se, com satisfação, que nunca esteve inserida em qualquer movimento a esse respeito.

Dentre os quatro entrevistados Leo foi a única que desempenhou a função de coladeira na fábrica, os outros três trabalhavam com a costura do sapato. Contudo percebe-se, com as falas de Maria, Fernando e Chico Bento, que a realidade na fábrica não se difere com a atribuição de diferentes funções.

Quando eu trabalhava na fábrica, eu costurava, eu não sei mexer com nada de sapato a não ser a costura. Aí, minha filha, para eu aprender foi uma penitência, porque eu não queria, eu não gostava do serviço de costurar sapato. Eu estava em Franca e estava sem serviço, aí minha sogra falava “vai costurar sapato”, aí quando a pessoa fica com muita pressão, a gente não toma gosto do que vai fazer, aí de tanta pressão, ela arrumou uma menina de 8 anos para me ensinar, tudo bem, eu fui mas não



conseguia aprender, foi muito difícil pra mim. Eu não tinha com quem deixar as crianças, tinha meu filho com um ano e pouco e minha filha com quase 3 anos. Mas de fábrica eu não entendo outra coisa a não ser costurar sapato. Na fábrica, tinha bastante pessoas. Todos ficam sentados assim, tinha o chefe e as pessoas que distribuía os sapatos, aí dava um pé pra cada um, soltava pra todo mundo e costurava e eles marcavam a quantidade de cada um, não dava os dois pares pra costurar porque não dava conta, não rendia, então era dividido um em um. Na fábrica, a gente podia conversar, não podia parar né, mas parar para conversar não podia não, só na hora do almoço. Eu gostava de trabalhar na fábrica, o que eu não gostava era o calor e da comida, eu não sei se era algum tempero, eu creio que era salitro. Então eu não gostava só depois do almoço, isso eu acho que era todo mundo. Bom, todo mundo que trabalha na fábrica é afiliado no sindicato dos sapateiros. Eu nunca usei o sindicato, eu nunca precisei de nada do sindicato. No meu setor era tudo calmo, não tinha nenhuma divergência. Quando eu saí da fábrica eu fui costurar em casa [...] fazia 90 a 100 pares por fim de semana [...]. (MARIA).

A atividade que Maria desempenhava na fábrica era a costura, ela cita por duas vezes que não entendia de outra coisa que diz respeito ao calçado senão costurar. Ela conta que, quando estava em Franca, ficou desempregada, e sua sogra insistentemente a pressionou para que fosse aprender a costurar sapato, chegando até a contratar uma criança de oito anos para lhe ensinar. Pela fala de Maria, percebe-se que essa não era sua vontade e recorda com aflição a dificuldade que teve para aprender essa profissão. Conta que seus filhos eram pequenos e não tinha com quem os deixar enquanto ia trabalhar. Ela lembra que havia muitos trabalhadores na fábrica e demonstra, com as mãos, como ficavam sentados e como os chefes distribuía os sapatos; estes davam um pé para cada costurador e anotavam a quantidade que cada um fazia. Ela explica também que não entregavam os dois pares porque o costurador não conseguia costurá-los com rapidez, então o trabalho não rendia. Maria rememora que podia conversar durante o trabalho, desde que não parasse e atrapalhasse o serviço que estava sendo desenvolvido, caso contrário, a conversa era permitida apenas no horário de almoço. Ela conta que gostava da atividade que realizava na fábrica, mas avilta quando se refere do calor da empresa e do tempero da comida que era fornecida. Maria relembra que era afiliada ao Sindicato dos Sapateiros, como todos os outros empregados, mas nunca precisou ou usou de seu serviço, e narra que o setor em que atuava era calmo e nunca houvera qualquer discordância entre os empregados e os patrões. A memorialista recorda que, quando saiu da fábrica, trabalhou com o marido na lanchonete da família, mas logo voltou a costurar sapato na sua própria residência, chegando a fazer de noventa a cem pares por fim de semana.

Trabalhei no Francado, Flausino, Terra e em todas essas fábricas mais antigas. A atividade era costurar manual o sapato, só isso eu fiz na fábrica. Na época, tinha uns 10 pra costurar, pra mais, era umas duas mesas de costurador. Eu trabalhava com meu irmão, tinha o chefe o gerente, tinha tudo isso. Eu trabalhei em várias fabriquetas. Nós fala fabriqueta porque produz menos em relação à fábrica. Naquela época, a gente podia conversar, hoje já é mais rígido, lá a gente conversava, era uma

amizade, eu jogava futebol pra fábrica. Todo primeiro de maio tinha um torneio de quadra e eu jogava futebol, eu não era ruim não, eu era bom, aí eles me pegavam, às vezes eles me arrumavam serviço para outra fábrica pra eu jogar [...] Eu achava o trabalho na fábrica muito cansativo, eu não gosto de ficar preso. Eu chegava às sete horas, saía às onze pra comer, voltava meio-dia e ia até a cinco [...] então, eu trabalhei em pé o dia inteiro e cansava demais [...] Eu pertencia ao sindicato dos sapateiros, era obrigado, mas não resolvia muita coisa não. Toda vida tinha briguinhas entre patrão e empregado, uns queriam aumento, outros não davam e toda vida foi essa coisa. Eu não participava do sindicato não porque era o que a gente combinava na fábrica. Na época costurar sapato era um serviço limpo, só usava as mãos, não trabalhava com máquina, não tinha nada de sujeira. [...] minha mãe ficou doente, aí meu pai saiu de casa, foi morar com outra mulher, eu tinha 17 anos, aí eu peguei a responsabilidade de casa, meu irmão casou e foi embora, então nós éramos em 4 e aí ficou dois, aí minha mãe começou a ficar doente e tudo o que ela fazia eu tinha que estar frente as coisas [...] então, eu fazia um negócio, minha mãe fazia outro e foi levando e fomos seguindo a vida. Eu trabalhava porque precisava, mas quando eu achei um meio pra sair eu vazei. Eu não gostava do trabalho que eu fazia, mas muitas vezes a gente tem que fazer o que a gente não gosta, a vida é assim, às vezes a vida obriga você a fazer aquilo porque você não acha outro, não tem saída mais você fica lá até você sair. Na vida a gente tem que pensar sempre em sair do lugar onde você está, nunca se acomodar, entendeu como é a vida? [...] a gente também tem que ter sabedoria, se você tem que saber que vai ganhar pra se sustentar, tem que fazer o planejamento da vida, eu sempre fui assim. Passa dificuldade, mas a gente lutou, aí ela faleceu e agora estou sozinho. (FERNANDO).

Fernando narra que trabalhou em várias fábricas de caçado de Franca e cita o nome de todas elas, mas lembra com precisão da fabriqueta em que trabalhou com seu irmão, o responsável por ter lhe ensinado a função de costurador. Neste espaço havia em torno de dez profissionais como ele, divididos em duas mesas de costura. Fernando faz questão de explicar a diferença de fabriqueta e fábrica, a primeira produz menor quantidade de sapato em relação à segunda. Ele relembra que, quando trabalhava na fábrica, conversava e mantinha uma relação estreita de amizade com seus colegas de profissão, no entanto reconhece que essa abertura tenha sido modificada com o passar do tempo. Fernando rememora, com entusiasmo, as vezes em que disputou o torneio de primeiro de maio representando a empresa que trabalhava e enaltece sua habilidade no futebol, visto que, em sua fala, muitas fábricas o contratavam e ofereciam emprego para que fosse jogar o campeonato. O memorialista narra a sua rotina diária na fábrica: chegava às setes horas da manhã e saía às cinco horas da tarde, durante todo esse período, trabalhava em pé na costura do sapato e tinha apenas uma hora de intervalo para poder almoçar e descansar. Assim, Fernando afirma que o trabalho era cansativo e que não gostava do que fazia e de ficar preso. Ele recorda que era afiliado ao Sindicato dos Sapateiros porque era obrigado, mas desataca que não participava, pois combinava todas as coisas com o seu chefe, no entanto enfatiza que sempre houve desavenças entre patrão e empregados por motivos salariais. Lembra Fernando que, na época em que trabalhava, a costura do sapato era manual e os trabalhadores não se sujavam. Paralelo à sua atuação profissional, Fernando narra o momento em que seu irmão se casou, seu pai os

abandonou para constituir outra família, e sua mãe ficou doente, ficando sob sua responsabilidade e cuidados, relata também que, com o apoio dela, conseguiram seguir a vida. Ele conta que realizava a função de costurador na fábrica porque precisava, mas que, ao encontrar outra opção de emprego, saiu daquela função. Ao lembrar o passado, Fernando aconselha dizendo que nem sempre na vida o que se faz é o que se gosta, e sim o que se tem ou o que é preciso, o importante é nunca se acomodar e, além de tudo, ter sabedoria para planejar a vida. Ele recorda que sempre seguiu esse pensamento mesmo passando por dificuldades e ficando sozinho com a morte de sua mãe.

Eu tive na Amazonas, depois fui pro Samello, Baraldo, no Miter Maia e depois na massa falida de Niterói, tudo fábrica de sapato. Deu uns 35 anos trabalhando na fábrica. Assim que eu saí da lavoura e a gente veio pra cidade eu já comecei. Na fábrica, eu fazia mais costura de sapato, sabe aquele sapato coxinha? Aqueles de costura manual, a maioria foi costura. Aprendi a costurar olhando os outros, vendo. As fábricas que eu trabalhei eram grandes, com homens e mulheres. Nas fábricas podia conversar bem pouco, tinha os limites, às vezes por questão de serviço mesmo. Sempre tinha churrasco, futebol tinha essas coisas. Eu era tratado bem pelo meu patrão porque eu sempre aprendi o respeito em casa, então quem faz o patrão é o empregado e quem faz o empregado é o patrão, é uma troca porque eu cumprio com os meus deveres e ele cumpre com os deveres dele. Eu achava bom o meu trabalho na fábrica, mas eu não gostava muito do trabalho, a gente sempre tinha uma ambição, querer melhorar, mudar, eu não queria um cargo elevado não, eu queria ser um cortador, por exemplo, e eu não cheguei lá, cheguei a fazer algum corte pra tentar aprender, mas não cheguei ao extremo. Toda fábrica tem a possibilidade de ser promovido, depende das pessoas. Tinha o sindicato dos sapateiros, até às vezes era descontado na folha, mas eu nunca participei, nunca tive uma ligação. Às vezes surgiam algumas discussões por questão de salário e uma série de coisas, horário de chegada, falta e a gente via muito isso. A gente percebia que tinha uma divergência. (CHICO BENTO).

Chico Bento relembra os nomes das empresas para as quais já trabalhou e o tempo em que atuou nas fábricas de calçados, 35 anos ao total, desde quando saiu do campo para cidade; narra que todas elas eram grandes e que os funcionários eram compostos por homens e mulheres. A função que desempenhava na fábrica era a costura, lembra que aprendeu olhando as outras pessoas a costurar e cita o modelo de sapato que mais costurava, o “sapato coxinha”. No período de trabalho, podia conversar bem pouco com os outros companheiros, para não atrapalhar o andamento da função que desempenhava. Ele conta que, nas fábricas em que trabalhou, havia confraternização com churrascos e jogos de futebol, dentre outros momentos de lazer e descontração de que desfrutavam. Chico Bento narra que sempre foi tratado bem por seu chefe e aproveita para aconselhar que “quem faz o patrão é o empregado, e quem faz o empregado é o patrão”, sendo uma troca de deveres e obrigações. Ao recordar seu emprego, ele afirma que era bom, mas que ele, particularmente, não gostava do trabalho porque tinha a ambição de buscar um cargo melhor dentro da fábrica para aumentar o salário,

assim via na função de cortador uma alternativa, contudo percebe-se em sua fala, a frustração por não ter atingido com êxito aquele desejo. Mesmo assim afirma que toda fábrica tem espaço para que o funcionário seja promovido, o que depende da vontade do funcionário. O memorialista relembra que percebia as divergências entre patrão e empregados por conta de salário, horário de trabalho, faltas, dentre outros. Recorda que, apesar de nunca ter participado, contribuía ao Sindicato dos Sapateiros, pois era descontada do seu pagamento uma taxa.

Mediante todas as recordações, entende-se que o grande mérito dos depoimentos são as experiências vividas daqueles que compartilharam da mesma época, e não a grande quantidade de informações factuais, ou seja, é colher e fazer emergir uma visão do mundo (BOSI, 2003, p. 19).

O momento narrado pelos memorialistas é reflexo da vivência dos anos 1970 e 1980. Nesta época, segundo Antunes (1997, p. 71), o mundo do trabalho presenciava profundas transformações, intensas modificações no processo de trabalho e de produção capitalista. Esse cenário fez com que a classe que vive do trabalho presenciasse a mais aguda transformação que afetou a sua forma de ser.

Foram citadas as principais fábricas de calçados e responsáveis pelo início da economia do setor calçadista de Franca. Ao lembrarem-se da organização e estruturação delas, as pessoas idosas destacaram a composição de funcionários, sendo eles homens e mulheres, e a divisão de setores de trabalho, além do setor de chefia e administração. As falas mostraram também a grandiosidade das fábricas na produção de calçados, bolsas, acessórios, dentre outros artigos e produtos. De acordo com Rezende (2006, p. 98):

As indústrias de calçados do município caracterizaram-se ao longo da história pela significativa heterogeneidade de seu porte, comportando um número reduzido de grandes indústrias que empregavam a maior parte da mão-de-obra formal do setor, e um grande número de pequenas indústrias, as quais individualmente empregavam poucos trabalhadores.

A entrada neste espaço de trabalho é trazida pela narrativa de Maria como uma decisão compelida por sua sogra, fica visível a sua insatisfação, a priori, com a função que desempenhava na costura de sapato, mas, aos poucos, ela foi se habituando. Um ponto a ser destacado é a recordação de Maria do aprendizado da costura manual do calçado, uma criança de oito anos a ensinou, isso reflete uma das principais expressões de exploração da força de trabalho infantil pela indústria calçadista de Franca (REZENDE, 2003, p. 84). Em

contrapartida, Fernando aprendeu com seu irmão a função de costurador, e Chico Bento aproximou-se da profissão vendo os outros costuradores desempenharem a atividade.

De acordo com Farinelli (2003, p. 49), esses trabalhadores possuem o saber prático, aprendido e aprimorado na execução das atividades durante o decorrer da sua vida profissional, as atividades desenvolvidas são monótonas, cansativas e alienadoras. Essa alienação deriva do fato de os trabalhadores não deterem os meios de produção, não se identificarem com o processo de produção, sendo incompreensível o produto do seu trabalho.

O não reconhecimento do produto produzido pelo trabalhador é consequência da divisão das forças produtivas sociais do trabalho. Sob a égide do capital, segundo Yamamoto e Carvalho (1982, p. 16), o processo laborativo passa a ser realizado sob forma de cooperação de muitos trabalhadores e de máquinas no interior das fábricas. Mediante esse parcelamento de atividades, cria-se o trabalho parcial, onde surge o parcelamento do próprio indivíduo.

O contato entre funcionários dentro da fábrica foi lembrado por todos os participantes como estrito, permitido apenas nos casos de necessidade para o desempenho do serviço. Com a fala de Leo, foi possível perceber que sua função, coladora, era em conjunto com a pespostadora. Esse contato foi notado também na narração de Maria, Fernando e Chico Bento, no entanto o exercício desempenhado por eles, de costurador, era realizado na companhia de outros trabalhadores da mesma função. Todos recordam que era no horário de almoço que o contato entre funcionários se estreitava, pois conversavam com os colegas de trabalho e aproveitavam para andar e apanhar frutas das árvores próximas do local de trabalho. Entende-se com a memória dos sujeitos entrevistados que:

Não só o ritmo natural é violado no trabalho: todo o organismo é forçado a se dobrar ao ritmo da máquina que determina até a hora da refeição do trabalhador, o que tanto indignava Marx. Os ritmos sociais são também rompidos, as horas de encontro, de refeição, o serão. O ritmo de vida familiar perde toda coerência. (BOSI, 2003, p. 62).

Para tanto, os entrevistados desvendam a organização de sua rotina e a repetição sistemática de suas ações, com o controle rígido da produtividade, gerador de fadiga física e mental, desse modo:

[...] a repetição de suas ações vitais é fixada na repetição de cada dia, na distribuição do tempo em cada dia. A vida de cada dia é divisão do tempo e é ritmo em que se escoa a história individual de cada um. A vida de cada dia tem a sua própria experiência, a própria sabedoria, o próprio horizonte, as próprias previsões, as repetições, mas também as exceções, os dias comuns, mas também os dias feriados. (KOSIK, 2002, p. 80 apud COSTA, 2007, p. 118).

A memoração da fábrica de calçado fez com que cada sujeito narrasse as repetições das ações cotidianas e, construísse, de acordo com seu ritmo, uma história de vida repleta de significados

Leo relembra que seu trabalho era controlado pelo movimento da esteira e por seu chefe e que, por isso, não podia se distrair. Maria cita que os sapatos eram divididos pelo chefe do setor e este ficava fiscalizando seu trabalho, e Fernando recorda que o salário resultava da quantidade de sapato produzido. Observa-se, nas falas, a intensificação do processo de produção advindo com as ideias do Fordismo:

[...] o trabalho torna-se repetitivo, parcelado e monótono. O trabalhador perde suas qualificações, as quais são incorporadas à máquina. É uma prática de gestão na qual se observa a radical separação entre concepção e execução. O processo de produção fordista fundamenta-se na linha de montagem acoplada à esteira rolante, que evita o deslocamento dos trabalhadores e mantém um fluxo contínuo e progressivo das peças e partes. (CATTANI, 1997, p. 89-90 apud COSTA, 2007, p. 150).

Desse modo, de um lado, estão os meios de produção, isto é, o capital; e do outro, aqueles que dispõem de sua mercadoria, a força de trabalho. Os primeiros mantêm relação de dominação e exploração sobre os trabalhadores, sem que eles a percebam.

[...] nas relações entre capital e trabalho, vemos que os donos do capital se enriquecem, ao passo que os trabalhadores dificilmente saem de sua condição: simples trabalhadores. Por que isso? Aí está, então, a segunda relação que se chama exploração, isto é, os donos do capital tiram, expropriam, exploram o trabalho dos que trabalham. (GUARESCHI, 1989, p. 18 apud COSTA, 2007, p. 126).

Segundo Antunes (2003, p. 215), homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, porque são despossuídos dos meios de produção, não têm outra alternativa de sobrevivência senão vender sua força de trabalho sob a forma do assalariamento. Entretanto, o trabalhador, ao vender sua mercadoria, a força de trabalho, contribuiu para que os chamados patrões acumulassem riquezas e não percebeu o alto grau de exploração a que foi exposto.

Os trabalhadores são considerados extensão da máquina que pertence ao capitalista, pois utiliza somente a habilidade física, executa e não pensa, enquanto que os supervisores e gerentes são os detentores de todos os contatos e decisões (FARINELLI, 2003, p. 42). Logo, apropria-se da ideia de Antunes (2007, p. 72) “O operário pensa e faz pelo e para o capital.”

O testemunho de Chico Bento e Leo mostra o quão intensa é a sua ligação com a fábrica em que trabalhavam, eles lembram que sempre mantiveram uma boa relação com seus

supervisores e patrões; Chico Bento, ao contar sobre o vínculo com seus chefes, ainda enaltece que sempre deve haver um relacionamento mútuo entre o funcionário e seus superiores. Percebe-se que os valores da ideologia burguesa encontram-se introjetados no discurso das pessoas idosas. Constata-se a concretização da divisão do trabalho e a dominação no interior das fábricas, a hierarquização do trabalhador.

Para Bosi (2003, p. 154), não há compreensão do espaço e do tempo do trabalhador manual, se a fadiga não estiver presente; assim, a autora cita que “[...] na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga. [...] E as alegrias que advêm desta participação no mundo através do suor e da fadiga: o sabor dos alimentos, o convívio das famílias e vizinhanças, o trabalho em grupo, as horas de descanso.” A partir disso, notam-se nas falas de Leo, Maria e Fernando as controvérsias que viviam no espaço da fábrica de calçado. Leo cita que não lhe agradava ter de trabalhar durante a noite. Maria lembra o calor que sentia no setor em que trabalhava e que se sentia mal com o tempero da comida que era fornecida aos funcionários, por isso não gostava de trabalhar depois no almoço. Fernando recorda que trabalhava o dia inteiro em pé e, no fim do dia, sentia-se muito cansado. Logo, os trabalhadores executavam seus serviços, extrapolando até mesmo limites físicos e emocionais.

O trabalho na sociedade capitalista é vivenciado de forma degradante e o que deveria ser a forma humana de realização torna-se apenas o meio de sobrevivência. Nesse contexto, Godotti (1983 apud Farinelli, 2003, p. 51), afirma que o homem pode realizar-se pelo trabalho ou perder-se nele, assim, por ser uma necessidade humana, o processo de trabalho, quando escapa do seu domínio, pode ser fruto da sua própria alienação.

As memorialistas Leo e Maria citam que gostavam da função e do trabalho que desempenhavam na fábrica de calçado, o mesmo afirma Chico Bento, no entanto, este revela que desejava ter exercido outra atividade dentro da empresa, a de cortador, pois almejava ter um salário maior e esta era uma profissão bastante requerida no setor calçadista naquela época. Fernando, em sua fala, é o único que deixou explícita a sua não apreciação em trabalhar na fábrica, estava no emprego porque precisava. Assim, ao relembrar sua atuação neste espaço, enaltece o conselho de que nem sempre o homem tem a possibilidade de escolher o lugar onde vai trabalhar, pois a necessidade, muitas vezes, não permite essa escolha.

O trabalhador não se sente responsável pelo seu trabalho, pois este se tornou degradado, portanto, sob sua visão, seu único objetivo é garantir a sobrevivência, enquanto que a finalidade do empregador é obter o lucro. Percebe-se a busca de lucros por parte dos capitalistas quando as narrativas das pessoas idosas, com exceção de Maria, descreveram as

divergências que havia entre trabalhadores e empregados, motivadas pela discordância de salário, de horários, dentre outras questões. No entanto foram unânimes as recordações dos entrevistados no que diz respeito às manifestações e mobilizações dos trabalhadores das fábricas de calçados, nenhum dos quatro memorialistas participaram de qualquer ato, nem mesmo sindicalizaram com sua categoria junto ao Sindicato dos Sapateiros de Franca, mesmo sendo contribuintes.

Deve-se levar em conta que a escolha por não aderirem a movimentos de trabalhadores e sindicalizar como membro do Sindicato dos Sapateiros pode ter sido uma escolha individual para manter-se no emprego. Ramalho e Santana (2003, p. 26) afirmam que o medo do desemprego tornou-se um poderoso fator de desmobilização sindical.

Todavia, a organização dos trabalhadores, citada pelos memorialistas, era construída de um espaço de partilha, de diálogo, de justiça e luta na satisfação das necessidades básicas. Contudo, mesmo não estando inseridos na partilha de reivindicação da categoria, foi importante terem reconhecido o espaço da fábrica como um local de contradições e conflitos, enquanto sujeitos sob a ótica do sistema capitalista (FARINELLI, 2003, p. 72). As narrativas de Leo e Maria evidenciam que a fábrica não as proporcionou nenhum momento de lazer ou diversão, no entanto Chico Bento e Fernando relembram com precisão e entusiasmo as confraternizações com churrascos e campeonatos de futebol de que participavam. A partir dessas narrativas, percebe-se que a fábrica se preocupava com a distração da mão de obra masculina, não se atentando a oferecer atividades às mulheres. A operária, segundo Bosi (1981, p. 97), sofre a exclusão do mundo do lazer, pois enquanto não se pensa em nenhuma atividade para ela, a não ser momentos de distração pela utilização de rádio e TV, para o homem são oferecidos momentos de tempo livre com jogos e campeonatos esportivos.

Dos memorialistas entrevistados apenas dois deles, Maria e Fernando, citaram a família justaposta ao trabalho. Maria lembra a dificuldade que tinha com quem deixar os filhos quando ia para o trabalho, pois eram pequenos e precisavam de cuidados. Fernando relembrou a fase complicada que sua família enfrentou, ficando sob sua responsabilidade os cuidados com sua mãe, mas recordou com satisfação os momentos de conquistas e a esperança que tinha e tem de superar os problemas.

Mediante a memória relacionada ao trabalho na fábrica de calçado, os recordadores destacam o prazer de terem trabalhado e de terem conquistado o direito da aposentadoria, que corresponde, então, ao descanso após décadas seguidas de esforço



(COUTRIM, 2010, p. 135). No entanto nota-se, com as narrativas, que, na maioria das vezes, não se prepararam para vivenciarem a vida após o período de trabalho.

O trabalho pra mim foi muito bom porque agora eu já estou aposentada né! Então, eu vejo que se eu não tivesse trabalhado eu não teria a chance de estar aí recebendo uma aposentadoria nem nada, porque agora eu recebo minha aposentadoria e tudo bem. Eu sempre quis estar onde eu trabalhei, eu gostava. Eu não me preparei para a aposentadoria. Eu sempre quis aposentar porque deu o tempo né, e então eu aposentei. Eu senti vontade de voltar a trabalhar depois de aposentada, mas depois é muito desgosto na vida da gente e a gente perde um pouco. A questão financeira foi o que me levou a querer a voltar a trabalhar. Eu acho que por causa da idade não tem problema nenhum desenvolver alguma atividade, mas tem coisas que a gente passa que perde aquele entusiasmo, sabe?! (LEO).

Percebe-se, na fala de Leo, o sentimento de dever cumprido por ter trabalhado em lugares de que gostava e por, no momento narrado, encontrar-se aposentada. Com isso, ela afirma que nunca se preparou para aposentadoria, mas que sempre quis que ela chegasse. Leo relembra que teve vontade de voltar a trabalhar depois que se aposentou, mas, em decorrência de acontecimentos da vida, ficou desgostosa para retornar a desenvolver alguma atividade. Lembra que um dos fatores que contribuiu para que quisesse voltar ao mercado de trabalho foi a questão econômica e acredita que a idade não interfere em qualquer atividade laborativa que venha a desenvolver. A memorialista abordou uma questão que muitas pessoas idosas brasileiras vivenciam, a redução do poder aquisitivo com o advento da aposentadoria. Essa realidade faz com que muitos sujeitos cortem o consumo e diminuam o padrão de vida, por isso eles sentem a necessidade de voltar ao mercado de trabalho (COSTA, 2007, p. 112).

Apropriando-se da fala de Leo, entende-se que a aposentadoria é uma importante conquista do trabalhador, mas que ela não significa a incapacidade da pessoa idosa em voltar ao mercado de trabalho. Assim, “[...] a aposentadoria não se constitui em um marco para adentrar a fase da velhice, mas como um ponto fundamental para a vida do trabalhador, pois, a partir deste momento, o destino da grande maioria dos homens será traçado.” (COUTRIM, 2010, p. 135).

O trabalho é tão gratificante, minha filha, que eu depois que aposentei tive que passar pela psicóloga, a minha mulher precisou passar pela psicóloga porque a gente levantava cedo e fica perdido, a onde eu vou? Levantava, coava o café, tomava e ficava dormindo porque a gente tinha saído daquela correria, então a gente ficou doente, pra você ver, o trabalho é gratificante. Dentro do ganho da gente o trabalho foi importante porque a gente aprendeu a economia em gastar, você tem que gastar aquele limite que você ganha, se você ganha mil reais você tem que viver com mil reais, se você ganha cinco, você vive com cinco. Então, as pessoas têm que entender a viver com aquele valor. Eu aposentei com 64 anos e eu não me preparei para aposentadoria e foi por isso que aconteceu tudo aqui que eu te falei, por isso que senti a necessidade de voltar ao trabalho. A necessidade que eu senti foi pessoal

porque eu já estava acostumado com meu salário, foi pessoal mesmo. (CHICO BENTO).

Para Chico Bento, o trabalho é gratificante. O memorialista recorda o momento em que ele e sua esposa tiveram que buscar ajuda de um profissional da psicologia para não ficarem doentes e se adaptarem à nova fase de aposentados. Ele lembra que se sentiu perdido, sem saber o que fazer com o tempo ocioso. De acordo com Bosi (1981, p. 88):

A carga de prazer e experiência pessoal cai pesadamente na extensa faixa de vida que escapou ao trabalho. Daí, o lazer tornar-se amiúde uma busca de excitação – substitutiva ou direta – para compensar a monotonia do trabalho e dar um sentimento de vivência.

Alguns estudos, segundo Coutrim (2010, p. 132), revelam que, ao aposentar-se, o indivíduo completa um ciclo de vida preenchido pelo trabalho e inicia outro ciclo que, como o anterior, é repleto de perdas e ganhos. Um dos ganhos mais significativos, citados pelo autor, é o tempo livre, que pode possibilitar a construção de novos laços de amizade e socialização, bem como a concretização de diversas atividades de lazer, prática de esportes, artesanato, estudos, dentre outras, embora possa resultar também em depressão.

Chico Bento relembra também da economia que fazia com o salário que recebia, assim, ele aconselha que se deva gastar com cautela, de modo a aprender a viver com a renda que se ganha. Aos sessenta e quatro anos, ele se aposentou e rememora a vontade que sentiu em voltar a trabalhar, já que não se preparou para a aposentadoria. No entanto essa vontade não surgiu por conta da questão financeira, como auferiu Leo em sua narrativa. Ele cita que já estava acostumado a receber e a viver com um salário parecido do que recebia quando estava no mercado de trabalho. A vontade de voltar a trabalhar, narrada por Chico Bento, foi a necessidade pessoal, de se ver perdido sem estar inserido em qualquer atividade laborativa.

O trabalho sempre foi importante, você tem que nascer com responsabilidade e isso tem que nascer com ela, desde criança tem que saber o que é a vida. O trabalho dignifica o homem, porque mesmo com situação difícil você sabe as barreiras, mas nunca pode desanimar, você se torna um homem seguro mesmo na hora difícil. (FERNANDO).

O trabalho para Fernando é importante para que a pessoa tenha responsabilidade e dignidade, deste modo, ele aconselha que este pensamento deva ser transmitido ao homem desde criança para que saiba enfrentar as dificuldades da vida sem perder a esperança e desanimar.

No decorrer das lembranças do período de trabalho narradas por Chico Bento e Fernando, notam-se os conselhos e os ensinamentos que fazem questão de transmitir. Os conselhos, segundo Bosi (2003, p. 34), são reflexos das experiências pelas quais cada sujeito passou, ou seja, integram a sua história e transparecem pela narrativa como um só corpo, gozando de rimas e humor.

[...] todo o vivido, toda sabedoria do agonizante pode perpassar por seus lábios. Ele pode examinar sua vida inteira, filtrar o seu significado mais profundo e quer transmiti-lo em palavras entrecortadas cujo sentido todos se esforçam para adivinhar e interpretar. (BOSI, 1994, p. 88).

Fernando recorda também do momento difícil que passou até que o seu pedido de Benefício de Prestação Continuada (BPC) fosse aceito e ele pudesse aproveitar de forma mais tranquila a vida após o período de trabalho. Em sua fala, é possível notar a atribulação que passou para que conseguisse se manter, para tanto, não teve outra escolha a não ser continuar a trabalhar, foi morar em um asilo e ser cuidador de pessoas idosas. Quando chegou à Instituição de Longa Permanência, recorda que estava em depressão, mas prefere não entrar em detalhes, todavia narra que conseguir sair daquela situação ajudando, em suas atividades diárias como dar banho e comida, os homens que residiam no lar. Durante o período em que residiu e trabalhou no asilo, por quatro anos, Fernando rememora a doença que teve, o glaucoma, a perda gradativa da visão, e da dificuldade que enfrentou para que o direito do Benefício de Prestação Continuada lhe fosse garantido, para que pudesse prosseguir normalmente sua vida. Ao pensar em sua saúde, em não prejudicar a visão, o memorialista afirma que não pretende voltar a trabalhar.

Se eu for te contar o que eu passei você vai achar que é mentira. Eu fui morar em um asilo, mas tudo serviu de experiência. Quando eu cheguei no asilo eu estava em depressão, não vou contar tudo porque é longo, e eu sai dessa situação cuidando de idoso, ajudando idoso, eu trabalhei lá 4 anos, então tudo isso serve de experiência. Eu morava num asilo particular, lá era só homem, eu ajudava tratar, dar banho, cuidar. Eu fazendo o bem pros outros me tirou da depressão. Isso foi antes da aposentadoria. Eu tive que fazer isso porque a aposentadoria não veio, eu entrei com os papéis, mas não veio. Hoje eu estou melhor, mas eu tive que esperar 4 anos porque se eu não fosse trabalhar eu ia comer o que?! Eu trabalhei por muito tempo, aí minha visão deu glaucoma, aí eu fui perdendo a visão, e nesse perder a visão eu fiz os papeis pra aposentadoria, vai em um INPS não passa, vai em outro também não passa, até quem enfim, demorou 4 anos, mas passei, aí eu aposentei e a minha vida foi normalizando. Por causa da minha visão eu não vou me prejudicar pra trabalhar não. (FERNANDO).

Toma-se como exemplo da fala de Fernando o embaraço das pessoas em entender a diferença entre aposentadoria e Benefício de Prestação Continuada. Ele não é aposentado e

confunde o recebimento do benefício com a aposentadoria oriunda da Previdência Social, no entanto essa confusão é comum entre a população. Pode-se vincular essa observação por vários elementos: talvez seja por falta de informação a respeito do benefício; ou até mesmo pela operacionalização do BPC ser através do INSS (SILVA, 2010, p. 60).

[...] no sapato não tinha registro, a gente costurava e não tinha registro. Eles não registravam a gente, mandavam embora assim sem direito, não pagavam nada. Para mim eu não fui, mas tinha uma amiga que trabalhava comigo, nós costurava sapato na mesma firma, eu sai primeiro porque eu vi que não estava dando muito certo, ela ficou um tempo, aí eles mandaram ela embora e não acertaram nada com ela, até eu fui testemunhar a favor dela e ela recebeu [...] Não tinha valor nenhum. Hoje está melhor. O trabalho é tudo pra mim porque quando a pessoa trabalha ela é diferente, eu não sei te explicar, mas é bom demais. Eu me aposentei já faz 10 anos e eu me arrependo até hoje de não trabalhar, eu queria trabalhar [...] eu não me preparei para a aposentadoria. Eu sinto a necessidade de voltar a trabalhar porque a vida toda a gente trabalhou e ai ficou o vazio, e até hoje, com sinceridade, o arrependimento que eu tenho é de não ter continuado [...]. (MARIA).

Paralelo ao reflexo da aposentadoria, Maria recorda que os trabalhadores que costuravam sapatos na época em que trabalhava na fábrica de calçado não possuíam registro em carteira. Ela lembra que a fábrica despedia os trabalhadores sem pagar seus direitos, até cita que testemunhou a favor de uma amiga que entrou na justiça para poder exigir seus direitos trabalhistas. Maria lembra que o trabalhador não tinha valor nenhum, no entanto, acredita que essa situação tenha mudado. Coutrim (2010, p. 138) afirma que em uma sociedade em que não se valoriza o operário, também não se valorizam os demais trabalhadores. Para Antunes (1997, p. 72), o operário vive formas transitórias de produção o que acarreta agudos desdobramentos no que diz respeito aos direitos de trabalho. Neste cenário, são desregulamentados e flexibilizados direitos e conquistas históricas do mundo do trabalho.

Mesmo com essa controvérsia, Maria enaltece o trabalho, pois, para ela, ele transforma as pessoas positivamente. Sua fala esbarra no pensamento de Marx, quando ele se refere que o trabalho é a essência do homem e através dele o homem transforma a si mesmo (COSTA, 2007, p. 60). Ela relembra que se aposentou há dez anos e lamenta que se arrepende de não ter voltado ao trabalho, porque trabalhou durante toda a sua vida e, ao se aposentar, sentiu um vazio.

As memórias trazidas relatam o quanto o trabalho é marcante, o que acaba por tomar conta do centro de suas vidas. Pelos depoimentos, percebe-se que o labor é intrínseco ao ser humano. De acordo com Costa (2007, p. 63):

[...] mesmo tendo cumprido extensas jornadas de labor, durante muitas décadas, após a aposentadoria, esses indivíduos buscam incessantemente inserir-se novamente no mercado de trabalho[...] pois relacionam o trabalho com a vida, e sem ele ocorreria o seu oposto: a morte.

Chico Bento e Maria narram que não se prepararam para a aposentadoria e, por isso, tiveram um intenso impacto com a nova fase da vida, ficando perdidos e com a sensação de vazio. Na sociedade capitalista, de acordo com Coutrim (2010, p. 134), a atividade do trabalho é um poderoso fator identitário, o qual assume significativa importância no fortalecimento da autoestima; assim, quando o sujeito se separa da vida produtiva pela aposentadoria ou pelo desemprego, há a desorganização de seu poder pessoal.

Vários autores afirmam que as mulheres sofrem menos impacto à adaptação a essa nova rotina de aposentado em comparação aos homens, devido àquelas se responsabilizarem pelos afazeres domésticos (NERI, M. C., 2007, p. 97). Todavia, nos casos apresentados, identificou-se que para ambos os gêneros foi difícil encarar a fase advinda com a aposentadoria, pois segundo suas narrativas, nenhum deles havia se preparado para essa nova etapa.

Segundo Coutrim (2010, p. 133-134), em certos casos, o aposentado identifica-se como tal a partir do momento em que confronta a vida que tornou-se passado, a vida de trabalhador, com a vida futura, a de aposentado. Maldonato (2009, p. 7) afirma que a temporalidade recordada do trabalho deve se inscrever na capacidade individual da própria futuração e planejamento futuro como possibilidade de construir-se no tempo histórico. A aposentadoria representa ao trabalhador um momento de questionamentos e incertezas, no entanto, Maldonato (2009, p. 9) observa que este momento de indagação e retrospectiva dirigido às origens pode transformar a própria pessoa, visto que “[...] os eventos do passado são diferentes daqueles futuros, já que podem ser modificados pela indagação do passado.” Desse modo, Bosi (2003, p. 67) afirma que “[...] o tempo da lembrança não é o passado, mas o futuro do passado.”

Com a apresentação de todas as narrações, aponta-se que o homem não é senhor pleno de seus pensamentos e de suas vontades, não escolhe permanentemente os acontecimentos de sua vida, tampouco os acontecimentos históricos, mas na maior parte do tempo, ele os escolhem (MATOS, 1992, p. 9).

*Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. (BOSI, 2003, p. 20).*

### 3.4.3 Memória família e velhice

*Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade. (BOSI, 2003, p. 16).*

Cada pessoa é um ser individual, único, mas necessita estar inserido no contexto familiar, nas relações sociais, e todas as ações influenciam de forma direta o seu comportamento. A comunidade familiar e grupal exerce a função, segundo Bosi (2003, p. 54), de apoio, como testemunha das experiências; dessa maneira, o conjunto de lembranças é também uma construção social da família e do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos para escolha e rejeição do que será lembrado. A família exerce influência significativa no processo de envelhecimento social. Ao longo de sua trajetória, passa por uma série de transformações que levam a mudanças necessárias nos hábitos e nas condutas dos indivíduos que a compõem, alternando significativamente as relações familiares (COSTA, 2007, p. 39). Essas mudanças são possíveis de serem observadas nas falas a seguir.

[...] eu e meu marido nós éramos unidos né! Ele trabalhava na fábrica de borracha. Nós era unido, nós tirava o pagamento e nós tirava as coisas pra pagar e quando sobrava dinheiro nós íamos passear. Eu tenho um casal de filhos. (LEO).

Nessa amostra, Leo recorda da união, tanto afetiva quanto financeira, que estabeleceu com seu marido. Ele trabalhava na fábrica de borracha e ela na fábrica de calçado, e juntos somavam os salários, pagavam as contas e, quando sobrava algum dinheiro, guardavam para atividades de lazer. Ela cita por duas vezes, com ternura e saudade, a união que havia no seu casamento de que resultou os seus dois filhos.

É importante destacar que a família se organiza de diferentes formas, pois, além das famílias constituídas por marido, esposa e filhos, há outras composições familiares. Observa-se nas falas de Fernando que sua família era composta por ele e sua mãe, bem como na narrativa de Maria que a família foi acrescida de outras pessoas, de laços consangüíneos ou não, que a ela se agregou (COSTA, 2007, p. 41).

Eu era o chefe da cada, então o que ganhava tinha que manter a casa, se eu for contar a história da minha família pra você vai longe porque tem coisas terríveis, passei dificuldades e muitas. Nós fomos vivendo com o dinheiro que ganhava. Meu pai ganhou muito dinheiro, mas ele gastava tudo [...] minha mãe era segura, mas não adianta, quando um puxa pro um lado e outro pro outro não adianta. Eu não tenho filhos, tem meu irmão, ele é casado e tem filhos. Desde jovem eu me tornei adulto, eu tinha responsabilidade, eu comandava dinheiro, eu sabia tudo, eu nunca fumei, nunca bebi, entendeu?! Sempre pratiquei esporte, eu apenas não me formei, eu não sou alguma coisa hoje por causa das situações da vida. Eu hoje seria alguma coisa,

mas as situações da vida da gente leva pra outro lado [...] eu converso com as pessoas sobre qualquer assunto, o que é?! É experiência de vida, tinha hora que eu tinha enfrentar muitas coisas e com isso você vai se aperfeiçoando, você vai aprendendo, mesmo sem estudo, você debate daqui, você debate daqui, você é chefe de casa, você tem que ser assim. Mesmo eu não tendo estudo, eu tenho coragem, eu não tenho medo não [...] Eu me conformei, a vida foi essa, então não adianta eu me desesperar, só que pra mim foi bom. (FERNANDO).

Fernando relata que se tornou adulto muito cedo, pois teve a responsabilidade de ser o chefe da casa e com o que ganhava com o trabalho de costurador na fábrica mantinha as despesas domésticas e os cuidados com a mãe. Ao lembrar desse momento, ele revela que passou por fases difíceis, lembra que seu pai ganhava muito dinheiro, mas que gastava muito, enquanto sua mãe, que era segurada, procurava poupá-lo. Por conta dessa obrigação de comandar as finanças da casa, ele conta que nunca bebeu, fumou e sempre praticou esportes. Analisa que, pelas situações que teve de viver, não se formou e não é alguém com uma profissão conceituada, mas que isso não interfere no contato que tem com as outras pessoas, pois, por ter enfrentado muitas coisas difíceis, ganhou experiência de vida. Fernando afirma que, mesmo não tendo estudo, ele tem coragem, e é assim que tem que ser quando se é o “chefe de casa”. Ao recordar tudo que passou, ele depõe que se conformou e que não adianta se desesperar porque tudo o que viveu foi positivo. Fernando não teve filhos e tem, hoje, apenas um irmão e seus sobrinhos.

Nota-se nas falas de Fernando que a responsabilidade de manter o sustento da casa era sua, percebe-se a mesma situação nas narrativas de Maria, que também desempenhou o papel de provedora da casa para a manutenção dos filhos.

Quando a gente trabalhava na fábrica, a gente saía cedo pro serviço e voltava à tarde, então a gente não almoçava em casa, e chegava em casa já tarde e tinha que fazer as coisas e meus filhos não tinha informação para sair de casa. E atrapalhou muito. Na época do meu filho mais novo, foi a época em que eu trabalhava demais, eu começava a costurar de manhã e ia parar só as 4 horas da manhã porque eu não dava conta, eu tinha os serviços de casa, os filhos e o serviço de fora e às vezes atrasava. Às vezes eu dormia de dedeira no dedo pra levantar e já costurar. Então, eu deixei de dar atenção para os filhos porque não tinha condições. Eu lembro uma vez que meu filho mais novo, não sei se era na escola, ele tinha seus 9 anos, e onde eu morava não tinha movimento, então eles brincavam muito ali na rua, aí teve um dia que ele pegou piolho, menina, aí no dia que eu estava mais folgada eu olhava a cabeça dele e quando estava apertada, aí não tinha jeito, eu não tinha tempo pra eles. Aí eu comprei um veneno pra por e depois raspou a cabeça dele. O cabelo dele é ruim desde aquele dia, hoje ele fala “É mãe isso daqui é a herança do sapato!” Então, por aí você vê que a gente não tinha tempo. Então quem trabalha assim tem tempo porque não quer não. Eu ajudava com a renda do sapato, eu trabalhava pra ajudar em casa. Eu tive um casal, mas eu fiquei viúva, aí casei de novo, ele tinha 31 anos e 4 filhos, a mais nova minha sogra criou, o mais velho eu criei, ia fazer 8 anos e a menina ia fazer 6. E assim a gente foi tocando a vida. (MARIA).

Maria relembra que o trabalho atrapalhou sua relação com a família, principalmente com os filhos, pois o tempo que tinha para ficar junto deles era somente quando voltava da fábrica, no fim do dia. Ela conciliava os serviços domésticos, os cuidados com os filhos e a costura do sapato, para tanto começava o trabalho logo pela manhã e parava apenas de madrugada, chegando até a dormir com a dedeira para que não perdesse tempo ao acordar. Esse depoimento reflete o grande desafio que a mulher enfrenta, a tripla jornada de trabalho. Segundo Bosi (1981, p. 98) a operária, além de estar inserida no mercado de trabalho, é responsável pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os filhos.

Maria lembra que, por causa do trabalho, deixou, muitas vezes, de dar atenção aos filhos, e narra um acontecimento que a marcou, seu filho mais novo pegou piolho e ela só conseguia cuidar da cabeça dele quando sobrava tempo, porque tinha dia que tinha muito trabalho a fazer. Por conta disso, ela relata que o cabelo do filho teve que ser raspado e ele diz que o cabelo ruim que tem hoje é herança da falta de tempo da mãe por causa do trabalho com o sapato. Maria lembra que essa falta de tempo ocorria por necessidade, porque a renda com o trabalho do sapato era para ajudar na manutenção dos filhos. Ela recorda de quando ficou viúva com o casal de filhos e do momento que se casou novamente com um homem que tinha mais quatro filhos, relatando que foi necessária a ajuda da sua sogra na criação das crianças.

A alteração da relação com a família por conta do trabalho também está presente na narrativa de Chico Bento, no entanto ele a enxerga de uma maneira positiva.

O trabalho ele sempre altera em relação com os filhos. Eu entrava na fábrica às sete e saía à 5. Nessa época eu era mais novo e eu gostava muito de futebol, eu me envolvi muito com o futebol, mas nunca deixei de dar assistência à família. A alteração que o trabalho provocou foi pra melhor pra ajudar a família. Eu tive dos filhos, um casal. (CHICO BENTO).

Chico Bento recorda que gostava de futebol e que participava de jogos no tempo livre, mas que, mesmo aliando o lazer a uma jornada longa de trabalho, nunca deixou de dar atenção à família. Ele narra que a alteração que o trabalho provocou foi motivada para garantir a subsistência de sua família, assim, conta com orgulho que teve dois filhos, um casal.

“A sirene apitou é o fim da jornada, a vida começou.” (BOSI, 2003, p. 182). As narrativas de Maria e Chico Bento destacaram muito bem esta fase ao relatarem que tiveram alterações familiares provocadas pelo trabalho. Na fala da memorialista, a falta de tempo decorrente da longa jornada de trabalho influenciou na convivência com os filhos, pois lhe sobrava poucas horas por dia, quando as tinha, para se relacionar com eles. No entanto,



percebe-se que os pais não tinham outra opção a não ser continuar a rotina de trabalho, já que precisavam do trabalho para garantir a manutenção de toda a família; contudo, mesmo com o tempo escasso, eles os memorialista procuravam amparar os filhos.

Segundo Bosi (2003, p. 53) o ritmo temporal que cada classe vive foi subjugado pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo “racionalizando” as horas de vida, assim vive-se “[...] o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil.”

Bosi (2003, p. 56) ainda afirma que a própria pessoa idosa vê sua vida, ou procura vê-la, dando-lhe uma configuração, um sentido próprio. Nota-se que, no decorrer das narrativas, os memorialistas tentam reconstruir uma sucessão de constelações compreensíveis de acontecimentos e momentos que conduzem ao estado e situação atual que se encontram.

Percebe-se, com a explanação de todas as narrativas, a heterogeneidade do processo de envelhecimento, pois a memória trajetória de vida, a memória trabalho e a memória família são o reflexo da condição atual de vida de cada pessoa idosa participante da pesquisa. Desta maneira, os sujeitos explicitaram como enfrentaram o processo de envelhecimento, e ilustraram a importância da participação social no Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral.

Eu encaro bem o envelhecimento porque na idade que eu to eu me sinto muito bem, tem hora que a gente é triste tudo, mas tem hora que a gente é muito alegre. De qualquer jeito a gente tem que aceitar a velhice porque a gente nasceu, cresceu, ficou moço e agora a gente fica velho, e a gente tem que aceitar até a hora que Deus achar que a gente tem que ficar. Agora eu participo do CCI, aqui tem várias coisas boas. Eu só participo daqui. Eu venho a semana toda, aqui eu faço alfabetização, curso de pintura de pano de prato, tem ginástica, tem pilates e tem aula de orquídeas. O momento que eu passo aqui é muito bom. (LEO).

O envelhecimento é considerado positivamente por Leo. Ela conta que se sente muito bem com a idade que tem, pois apesar de, em alguns momentos, sentir-se triste e, em outros, sentir-se muito alegre, como as outras pessoas. Para a memorialista, o envelhecimento deve ser aceito porque é a vontade divina, etapa natural do desenvolvimento humano. Leo enaltece sua participação em várias atividades que o Centro de Convivência do Idoso lhe proporciona.

A idade nunca foi motivo de nada porque eu não tenho doença, eu só tenho problema na visão, do resto do corpo eu não tomo remédio pra nada. (FERNANDO).

Ao referir à idade, Fernando narra que ela nunca o atrapalhou, já que cita que não tem nenhuma doença e que não faz nenhum tratamento com medicamentos, a não ser os cuidados que tem que ter com a visão. Desta forma, nota-se em sua fala que ele compartilha da ideia de que velhice é sinônimo de doença ou algum problema de saúde. Afirma-se, com a fala apresentada, apoiado no pensamento de Ribeiro (1992, p. 44), que existem alterações que ocorrem no organismo decorrentes do processo de envelhecimento, mas que por si só não levam necessariamente a doenças, a disfunções, ou até mesmo, à invalidez. De acordo com Magalhães (1988, p. 34) aquelas alterações resultam das condições que a pessoa idosa gozou ao longo de sua existência, em que saúde, educação, trabalho, lazer, alimentação, dentre outros, entram no somatório dos ganhos e perdas de cada um, a partir do nascimento.

É importante destacar que o envelhecimento humano não se limita aos aspectos biológicos, Paiva (2014, p. 140) cita que é “[...] também um processo cultural, devendo, portanto, ser apreendido no movimento histórico das relações de produção e reprodução social.”

Eu encarei muito bem o processo de envelhecimento, a velhice na minha vida é a melhor coisa. Hoje eu curto a vida, eu danço, eu faço vôlei, faço artes marciais, assisto aula de psicologia, faço teatro, faço muitas coisas que eu queria fazer e não podia, hoje eu faço. Hoje, na terceira idade, eu faço coisas que um jovem não faz. A velhice ela é boa se você tiver coragem, vontade de praticar esportes, fazer as coisas para a saúde. Eu achava que tudo estava terminado pra mim, que já não dava mais, mas Deus é bom, ele me virou de uma vez. O idoso não acabou não, quem pensa dessa maneira é mentira. Eu sempre falo aqui pra eles que não deve ficar pensando em morte, que acabou, essas coisas. A morte ela vem pra qualquer um, pro novo, pro velho, o dia que vier você não pode segurar, mas você tem que curtir os momentos da sua vida e a felicidade. (FERNANDO).

Fernando conta que aceitou muito bem o processo de envelhecimento, sendo que hoje vive sua melhor fase, a velhice. Com o tempo livre, ele comenta que faz tudo que não pôde fazer quando trabalhava, pratica esportes, assiste aula, faz teatro, dança, ou seja, muitas coisas que, para ele, jovens não fazem. Ao contar como vivencia a velhice, ele compartilha o conselho de que essa fase da vida é boa, se o homem tiver coragem de fazer atividades que beneficiam à saúde. Fernando admite que passou por um momento em que encarou sua nova realidade negativamente, mas, que ao se aproximar de Deus, mudou de opinião e hoje percebe que a pessoa idosa deve aproveitar cada momento da vida e ser feliz, pois a morte é o destino de todos. Esse pensamento, Fernando compartilha com os colegas que frequentam o CCI.

Não notei por causa da idade, até o momento ela não interferiu em nada, lá pelos 70 anos eu não sei, depois que aumentar uma bolinha eu não sei, a minha dificuldade mesmo é a financeira de ficar controlando os gastos. Eu encarei normal meu

processo de envelhecimento, do jeito que eu estou aqui é a minha vida, eu não tenho medo de envelhecer, mas, pra mim é normal. Todos nós temos que envelhecer, desde quando a gente nasce a gente envelhece, eu acho que a velhice é uma benção de Deus, eu me sinto abençoada por Deus de estar velha, eu agradeço à Deus toda hora porque quanto jovens já não foi, pra mim é uma beleza, pra mim é bom demais. A melhor coisa que fiz quando me aposentei é ter vindo pra cá, aqui é a melhor coisa que inventaram para os velhos, eu vim pra cá desde que inaugurou. Eu ajudei inaugurar, faz 4 anos, aqui faço vôlei, jogo de mesa e computação, fora daqui, eu não faço outra atividade porque eu não tenho tempo, eu fico o dia inteiro aqui. (MARIA).

A única dificuldade que Maria enfrentou com a chegada da velhice foi a financeira, mas ela demonstrou com humor a possibilidade de mudar alguma coisa quando fizer setenta anos. Ela recorda que encarou normalmente esse processo, pois relata que não esse processo é natural, todos nascem e envelhecem. A memorialista acredita que a velhice é boa, pra ela, uma benção divina, pela qual deve ser grata, já que muitos jovens não tiveram a sorte de gozar dessa fase, pois faleceram antes que ela chegasse. Maria destaca que a melhor atitude que tomou quando aposentou foi participar do CCI, visto que esse ambiente oferece várias atividades.

A lembrança de Leo, Maria e Fernando são parecidas quando se referiram ao envelhecimento. Ambos citaram que a idade não foi motivo, até o momento, de qualquer incapacidade. Narram também que encararam esse processo da melhor forma, já que ele é a consequência da existência humana (criança, jovem, adulto, velho) e hoje veem a velhice como a melhor fase da vida, na qual todos os desejos apagados podem vir a renascer. “A satisfação com o cotidiano atual eleva de modo positivo as expectativas futuras.” (COSTA, 2007, p. 37).

É possível notar que, quando o processo de envelhecimento acontece de maneira normal, isto é, dentro do entendimento que cada indivíduo tem sobre a existência humana, a pessoa idosa, ao voltar seu olhar para o passado, o faz para perceber as relações entre os acontecimentos. Segundo Netto (1995, p. 11 apud COSTA, 2007, p. 30) “Ele consegue, assim, visualizar as correlações entre tendências e realizações, conquistas e renúncias, alegrias e dores, e sente como se origina a extraordinária e maravilhosa estrutura chamada vida humana.”

Mediante esse contexto Ribeiro (1992, p. 45) declara que:

Nosso cérebro e nosso coração não têm limites e, para envelhecer bem, eu preciso usufruir ao máximo de ambos. De que adianta pensar se não posso sentir, de que vale sentir se não tenho consciência disto? Eis o grande desafio de envelhecer bem, continuar a ser um cérebro pensante com um coração capaz de sentir.

A partir desse pensamento, Ribeiro (1992, p. 46) afirma que independente da idade é preciso que a pessoa continue sonhando, já que não existe idade para criar, para realizar, para aprender para descobrir, para se doar e para amar. Quando se pensa em anos de vida, é fundamental pensar em dar vida aos anos

Leo, Maria e Fernando, quando narraram sobre a velhice, fizeram referência a Deus e o consideram responsável pela oportunidade de estarem vivenciando essa nova fase, que consideram como uma benção divina, por isso sentem que devem aproveitar os momentos e serem felizes. Ao contrário, Chico Bento diz que, apesar de o avanço da idade ser bonito, ele cobra um preço muito alto. Ele relata que não se preparou para envelhecer e que simplesmente deixou as coisas acontecerem naturalmente.

[...] sofri, a idade é muito bonita, mas ela cobra um preço muito alto. A gente sente que a gente foi ficando, em termo de trabalho, discriminado pela idade, e se a gente comparar a gente compara essa idade com a do futebol, futebol tem que ser pra novo e o trabalho também, a gente tem que sempre ceder pros mais novos e aceitar a idade, e tem gente que não aceita. Olha eu fui deixando as coisas acontecerem, eu não me preparei para a velhice. Olha, eu acho que a coisa mais linda que tem é a velhice, agora que eu estou no CCI eu passo os melhores momentos meu, se você quer saber. Aqui eu tenho minha liberdade, eu tenho meus amigos, eu faço educação física, eu faço o meu vôlei, eu faço minha viola, então tem uma série de coisas. Aqui, na terça-feira, que é hoje, tenho o vôlei, a física depois a tarde tem baralho. Na quarta eu tenho ensaio da orquestra de viola que eu faço aqui, na quinta volta a mesma coisa da terça, o vôlei e atividade física e na sexta eu não venho aqui porque eu também tenho minhas coisas pra fazer lá fora. Eu faço caminhada fora daqui, muito pouco, mas faz. (CHICO BENTO).

Chico Bento comenta que foi discriminado no trabalho pela questão da idade e, por esse fato, narra que a pessoa mais velha deve aceitar a idade e ceder lugar para os mais novos. Nota-se nessa fala o discurso da sociedade capitalista, o desprezo pelas coisas gastas, usadas, com marcas de trabalho e da vida. Para tanto, Bosi (2003, p. 167) cita que:

Preferem-se objetos novos, frios, protocolares. No entanto, os velhos objetos estão impregnados de biografia e de memória. Gandhi escolheu vivamente a não jogar fora os objetos quebrados, mas a repará-los, nem abandonar as coisas velhas, mas conservá-las em uso.

A influência exercida pela ideologia dominante reflete na cultura de um povo que supervaloriza os atributos da juventude. Através desses procedimentos, perpetuam os valores que cultuam a juventude, e as experiências transparecem na desvalorização. Costa (2007, p. 31) cita que a propagação desse pensamento é fruto de uma irracional submissão

aos interesses transmitidos pela cultura, no qual se tenta manter a eterna juventude e renega o envelhecimento.

Hoje Chico Bento consegue olhar para a velhice positivamente, pois passa os melhores momentos de sua vida no CCI e encontra, nesse espaço, liberdade e amigos. O memorialista apresenta a rotina cheia de atividades que desenvolve toda a semana dentro e fora do Centro de Convivência.

Nas falas, foi possível observar que as pessoas idosas preferem usufruir do seu tempo livre inseridas em programas e atividades que proporcionem melhoria na qualidade de vida, mesmo com a necessidade e desejo de voltar a trabalhar (COUTRIM, 2010, p. 68). Magalhães (1988, p. 33), reflete sobre o que fazer nessa nova fase da vida. Isso certamente dependerá do estado de saúde de cada sujeito, a aposentadoria, a experiência pessoal, a renda, os recursos culturais que darão condições e possibilidades de imaginar novas formas de vida e participação em sociedade. Mas há uma refutação factual, à medida que a pessoa idosa descobre meios de satisfação no dia-a-dia, ela passa a ser um agente de mudança tanto no âmbito da sua vida pessoal, como também no âmbito social.

Os depoimentos demonstram que, por causa da participação ativa das pessoas idosas, a vida passa a ser prazerosa. Desta maneira, o Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral foi destacado por todas as falas como o espaço responsável por dar sentido à velhice, pois nele os memorialistas relatam que compartilham conselhos, experiências, participam de aulas e atividades que auxiliam na qualidade física e mental e constroem amizades. As atividades desenvolvidas neste espaço podem ser um indicativo de bem-estar, equilíbrio entre as limitações e possibilidades de cada sujeito, pois a participação na vida social oferecida pela integração do sujeito na comunidade proporciona a ele melhor qualidade de vida (COSTA, 2007, p. 37). Também pode-se perceber que as pessoas idosas se sentem pertencentes do CCI, de acordo com Cardoso (2004, p. 44), nesse espaço “[...] o indivíduo se sente gente entre pares, o que permite concluir que aí se sente mais seguro do seu valor e da importância da sua participação na produção de uma história.”

É sobre esse diagnóstico que se justificam ações para prevenir a marginalização da memória e proporcionar através da participação, o fortalecimento das estruturas de sociabilidade e recriar vivências que superam a saída do mercado de trabalho ou que suprem as carências afetivas da família. Essas ações, segundo Teixeira (2008, p. 224) têm o propósito da convivência social, bem-estar e envelhecimento saudável.

A realidade que se revela nas falas dos memorialistas é repleta de exemplos de vida que buscam, num movimento dialético, a superação das limitações, e conseqüentemente,

resultam novas possibilidades, amparadas na vivência do passado. “O destaque é que acontece o desvendar do tempo presente a partir do vivido, e este supera o que já existia, descortinando novos horizontes.” (COSTA, 2007, p. 104).

Com essa concepção perguntou-se a opinião dos memorialistas sobre a importância de recordar o passado.

Eu não gostaria de ficar lembrando muito meu passado não porque foi muito triste, tem partes que são importantes de ser lembradas, tem outras que não tem necessidade de recordar. (LEO).

Leo narra que não gosta de lembrar o seu passado porque viveu momentos muito tristes, e estes, segundo ela, não devem ser recordados; contudo destaca que há partes importantes que merecem ser relembradas. É possível observar que, para Leo, lembrar do passado é desenterrar sofrimentos profundos, não resolvidos e que exigem uma reflexão mais profunda e prolongada. Thompson (1992, p. 208) afirma que para maioria das pessoas o sofrimento do passado é suportável por estar ao lado de boas lembranças de alegria, afeto e realizações.

Recordar, enfim, é sempre um ato de criação, pois se depara com os tropeços, tensões e conflitos da vida corrente. A existência do homem, segundo Bosi (2003, p. 62), se inscreve no que Lukács chama de “ética dos instantes”, já que a vida é composta de momentos cuja maioria vai se perder. Todavia alguns acontecimentos necessários serão remidos pela memória para que se salvem da voragem do esquecimento.

Já para Maria, Fernando e Chico Bento, a memória é um meio importantíssimo no compartilhar das histórias de vida das pessoas idosas, para que momentos especiais não sejam apagados, além de provocar a interação entre sujeitos na oitiva de suas experiências e contribuir com a sociedade.

É importante para todos os idosos resgatar a memória, por exemplo, se eu não começar a recordar logo, tudo vai apagar da minha mente, então, eu acho que a gente não pode parar. Eu tenho muita coisa marcante na minha vida, tem coisas que a gente pensa que não acontece com a gente e acontece. (MARIA).

Maria narra que o resgate da memória é importante para que as histórias não sejam apagadas da mente e para que elas tenham continuidade. Ela recorda ter muitos acontecimentos tão marcantes sem sua memória, que outros nem acreditariam que aconteceram. Desta forma, a narrativa de Maria esbarra no que Bosi (2003, p. 64) afirma, há

situações difíceis de serem lembradas e contadas já que parecem absurdas às próprias vítimas.

A emergência de compartilhar memória, segundo Kessel (2004, p. 58), faz despontar muitas histórias e experiências vividas pelas pessoas idosas, deste modo, é fundamental que conteúdos tão ricos não sejam perdidos, para tanto, é preciso recuperá-los, quer pelo prazer da reminiscência, quer pela possibilidade de torná-los ponto de partida para novas atividades.

A memória é muito importante, ela é tudo porque você pode usar sua memória em benefício do próximo, você se sente útil, que você pode fazer alguma coisa pra alguém. O idoso tem muita coisa a dar pra sociedade. Por isso que tem que valorizar a terceira idade. Hoje nós somos exemplo pros jovens. (FERNANDO).

Para Fernando a memória é muito importante, ele cita que a memória pode ser uma ferramenta para beneficiar as pessoas e, ao mesmo tempo, se sentir útil por saber que pode ajudar o próximo. O memorialista acredita que a pessoa idosa tem muito a contribuir com a sociedade a partir da sua memória, e que por isso esta deve ser valorizada. Fernando narra que ele e todas as pessoas idosas são o exemplo para os jovens. A memória das pessoas idosas desdobra e alarga os horizontes da cultura e faz crescer junto com ela a sociedade onde se insere (BOSI, 2003, p. 69). Kessel (2004, p. 58), afirma que, por meio da memória das pessoas idosas, a sociedade se reconhece e, assim, tem forças de concretizar a socialização para além dos limites da própria comunidade. Para o autor, “A cultura oculta emerge seu silêncio habitual. Todos se percebem como participantes da cultura e da história.” (KESSEL, 2004, p. 60).

A referência de Fernando sobre a valorização da memória e das pessoas idosas se deve pelo fato da sociedade contemporânea não levar em consideração a experiência de vida que essa população carrega. De acordo com Magalhães (1988, p. 33) a velhice é afetada pelo produtivismo e consumismo que desvaloriza o antigo, o tradicional, a memória e a lembrança.

É importante sim ter grupos que valorizam a memória, até aqui abriu um grupo que esta resgatando isso. As pessoas têm mais contato com um e outros, e um conta história pro outro. Eu acho muito importante porque nós, por exemplo, temos muita história pra contar. (CHICO BENTO).

O resgate e a valorização da memória são vistos por Chico Bento como importantes, pois acredita que as pessoas se aproximam umas das outras ao narrar e ouvir

histórias de vida. Ele comenta que o CCI começou um grupo que tem esse propósito, assim afirma que a pessoa idosa, por tudo que já vivenciou, tem muito a contar.

De acordo com a fala de Chico Bento, Kessel (2004, p. 57) enfatiza que a ação de lembrar e cultivar a memória demanda a convivência e a possibilidade de ser compartilhada em grupo. Tal ação exige que o que foi lembrado tenha espaço e seja objeto de interesse das outras pessoas. É por meio da narrativa oral que as memórias podem ser compartilhadas pelo grupo, o contar, assim, é o elemento fundamental para o trabalho com a memória.

A memória não é passiva, mas sim, forma organizadora da evolução da pessoa no tempo, portanto, segundo Bosi (2003, p. 56), é importante respeitar os caminhos que os recordadores abrem na sua evocação porque apresentam o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo.

Perante as memórias apresentadas, observa-se que a narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo em tensão constante contra o tempo passado e esta é a maior riqueza de que o homem dispõe. Assim, o passado reconstruído não é refúgio, ele é uma fonte, um manancial de razões para lutar (BOSI, 2003, p. 66).

Portanto, ao se aproximar das histórias de vida trazidas pela oralidade de cada memorialista, pode-se afirmar que o tesouro apresentado por meio das lembranças não pode ser perdido, porque na interlocução do presente com o passado reside a sabedoria e experiência de vida.

*Sabe velho querido, você é mais importante hoje do que quando trabalhava com todas as suas forças, da manhã à noite, todo dia e todos os dias. Não é para consolar você, não: você é sabedoria acumulada, é caminho experimentado; da família você é a história viva... da sociedade a viva memória. Você é o ontem que hoje sou... é o hoje que amanhã serei [...].*

(Fragmentos do poema Velho, querido velho... de Athilio Hartmann, nd. Apud SANTOS, 2003, p. 55).

### **3.5 O compartilhar do profissional: a visão da Assistente Social**

*O trabalho com a memória pode ser um instrumento importante capaz de gerar o diálogo entre crianças e idosos e propiciar aprendizagens importantes sobre cada um e sobre a comunidade que integram. A nós, profissionais, cabe o esforço de criar projetos em que o espaço da narrativa seja reinstituído. Nesses espaços de*



*troca é possível compartilhar, preservar e socializar as experiências únicas de cada um e as experiências fundamentais que nascem das relações intergeracionais.*  
(KESSEL, 2004, p. 53).

Em um contexto historicamente específico, caracterizado pelo aumento do número de pessoas idosas, que a velhice passou a ser objeto de preocupação crescente nas sociedades capitalistas. Segundo Jacques Danzelot (1980, p. 91-2 apud HADDAD, 1986, p. 37):

A partir do final do século XIX surgiu uma nova série de profissões: os assistentes sociais, os educadores especializados, os orientadores. Todas elas se reúnem em torno de uma bandeira comum: o trabalho social. Essas profissões encontram-se, atualmente, em plena expansão. [...] Não se vinculam a uma única instituição, mas, ao contrário, enxertam-se como apêndice nos aparelhos preexistentes; judiciário, assistencial, educativo. Disseminado numa multiplicidade de lugares de inserção, guardam sua unidade, não obstante, em função de seu domínio de intervenção, que assume os contornos das classes menos favorecidas.

Há pouco tempo, os problemas da velhice sobrecarregavam a medicina, entretanto, com a inquietação dos aspectos emergentes do processo de envelhecimento, diversas áreas de atuação foram, e vem sendo cada vez mais, convocadas a debruçarem-se sobre o assunto, já que aquele tem caráter multidisciplinar e perpassa por várias disciplinas e profissões, como por exemplo, áreas da saúde, da assistência social, da educação, da previdência, entre outras. É crucial destacar, porém, que, no momento em que os técnicos monopolizam o saber sobre a velhice, as pessoas idosas são as possuidoras desse saber enquanto ser histórico.

Na medida em que os espaços de compartilhar narrativas vêm sendo suprimidos na sociedade contemporânea, é preciso criar espaços e situações em que as histórias possam emergir. É aí que a memória se exterioriza e passa a se articular às memórias de todos. (KESSEL, 2004, p. 61).

Nesse sentido é preciso criar condições e situações em que as histórias de vida possam emergir. Para Kessel (2004, p. 57) projetos de memórias devem ser criados por profissionais que trabalham com a população que envelhece, para que experiências sejam compartilhadas, possibilitando articulações antes desconhecidas, da história de vida, concomitantemente, do desenvolvimento histórico da cidade, do bairro, dentre outras questões. Segundo o mesmo autor, tal iniciativa propicia às gerações, à própria pessoa idosa e aos profissionais, fazer descobertas e, principalmente, valorizar diferentes experiências, deixando de lado visões que supervalorizam o presente em detrimento do passado.

Reconhecendo a importância de programas e atividades que resgatem a memória das pessoas idosas, perguntou-se à Assistente Social se há ações facilitadoras que estimulam o resgate das lembranças das pessoas idosas participantes do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, a mesma respondeu:

Sim. Em eventos e alguns passeios tentamos resgatar estas lembranças. Os idosos gostam muito de relatar sua história de vida. (ASSISTENTE SOCIAL).

As lembranças guardadas pelas pessoas idosas constituem como produto de saberes. Muitas dessas recordações são reavivadas quando o sujeito está presente em lugares que carregam grande significado a ele, onde se vivenciou momentos marcantes, sendo eles bons ou não. Os passeios e eventos são grandes e importantes facilitadores da memória, pois aguçam o contar das experiências e trajetórias de vida das pessoas idosas. Deste modo, o simples fato de ter acesso à memória das pessoas de mais idade, segundo Kessel (2004, p. 61), propicia o incremento à sua autoestima, já que adquirem uma imagem positiva de si mesmos por se constituírem como seres históricos.

Promover a valorização da pessoa idosa como fonte de reposição da memória histórica, deve ser uma das inquietações dos programas e profissionais que atendem a população que envelhece, a fim de propiciar a reintegração e participação nos processos sociais (TEIXEIRA, 2008, p. 222-223).

Os programas destinados às pessoas idosas vêm se preocupando em criar ambientes para que a experiência, a autonomia e a liberdade possam ser vividas coletivamente. Com encontros de discussão, o passado das pessoas de mais idade manifesta-se pela oralidade, o que as faz pensar o hoje pautado nas vivências do ontem, facilitando, assim, a troca de memórias entre os integrantes (DEBERT, 1999, p. 185). Desta maneira a Assistente Social do CCI Lions Sobral cita:

Já foi trabalhado, mas não pelo Serviço Social. No próximo semestre iremos trabalhar nos encontros o tema sobre memória, arte e cultura e como são 08 grupos desenvolvidos, atingiremos cerca de 180 usuários com este assunto. Trabalharemos sobre a importância da memória na vida da pessoa idosa, serão propostas atividades práticas que envolvam rodas de conversas sobre histórias de vida e da comunidade, utilizando também recursos lúdicos e realização de oficinas artísticas e culturais. (ASSISTENTE SOCIAL).

A questão da memória já foi trabalhada na instituição, mas será novamente desenvolvida, no segundo semestre de 2014, desta vez, pelo serviço social. Serão organizados grupos de pessoas idosas com o propósito de discutir a questão da memória, da arte e da

cultura, nos quais recursos lúdicos, oficinas artísticas e culturais serão utilizados. Os grupos dar-se-ão por roda de conversa, que segundo Kessel (2004, p. 61) propicia espaço de dizer, de dividir o que se pensa, se sente, se vive e se descobre. Assim, as memórias trazidas pelas pessoas idosas, antes confinadas, poderão ser partilhadas, combinadas a outras memórias e experiências.

De acordo com Kessel (2004, p. 58) é crucial pensar na construção de registros que preservem, ainda que em parte, as experiências trazidas pelos integrantes do grupo. Desta forma, deve-se planejar o registro das memórias trabalhadas pelos grupos como meio eficaz de guardar e socializar saberes, logo o resultado do produto advindo do registro passa a ter uma existência social.

É na elaboração dos produtos, que cada narrativa, cada vivência, cada memória ganha uma materialidade e uma existência enquanto história. A história em que a comunidade se reconhece e que, assim, tem força de ganhar os circuitos de socialização para além dos limites da própria comunidade.

É fundamental o assistente social aproximar-se da história de vida não só da pessoa idosa, mas de todos os usuários que atende, para que se tenha conhecimento da totalidade da realidade em que o sujeito se deu, de modo a pensar em práticas efetivas de atuação. Segundo Martinelli (1999, p. 20), muitas vezes, a atividade do Serviço Social baseia-se em informações do momento, desatentando-se às informações sobre o modo de vida e as experiências das pessoas.

[...] em nossa atividade no Serviço Social, quantas vezes fazemos uma visita domiciliar de onde voltamos com informações sobre as condições de moradia, sobre quantas pessoas vivem na casa quanto ganham, mas não temos nenhuma informação sobre o modo de vida das pessoas, não sabemos como vivem a sua vida, quais suas experiências sociais e que significado atribuem a isso. Assim, vão se instituindo verdadeiras lacunas no processo de conhecimento e os dados obtidos acabam não sendo geradores dos avanços da prática que se esperava. (MARTINELLI, 1999, p. 20-21).

Assim, o profissional de serviço social que atua com pessoas idosas deve considerá-las sujeitos que possuem uma história de vida e têm um posicionamento do presente e do futuro pautado no passado, vendo-as como ser composto de relações, marcado por vínculos familiares, pela inserção passada no mundo do trabalho, por valores culturais, ou seja, considerá-las na sua totalidade.

Segundo Iamamoto (2009, p. 17 apud PAIVA, 2014, p.31), coloca-se em nível de exigência, cada vez mais urgente “[...] um profissional culturalmente versado e politicamente

atento ao tempo histórico; atento para decifrar o não dito, os dilemas implícitos no ordenamento epidérmico do discurso autorizado pelo poder.”

Perante esse pensamento, a assistente social foi indagada a respeito da importância do resgate da memória das pessoas idosas para a ação profissional:

Acredito que somos resultado do que vivemos e que estamos em constante mudança. Para a atuação profissional devemos levar em consideração a totalidade da vida destas pessoas e em qual contexto histórico, social e econômico elas viveram e vivem. (ASSISTENTE SOCIAL).

A afirmação de que o estímulo e o resgate da memória é significativo na atuação profissional, faz com que a assistente social do CCI Lions Sobral considere a pessoa idosa em sua totalidade, atentando ao contexto histórico, social e econômico que perdurou e perdura na vivência daquelas pessoas de mais idade. Deste modo, entender a problemática do envelhecimento na perspectiva da totalidade social, segundo Paiva (2014, p. 32) “[...] é romper com concepção que legitimam a segregação e a estigmatização da velhice.” No entanto, é fundamental destacar que não é permitido, por uma rememoração de história de vida, fazer generalizações ou conclusões, visto que cada pessoa passou por momentos, espaços e tempos distintos e, portanto, apropriou-se de experiências diferentes (ROJAS, 1999, p. 93).

O compromisso profissional de ser assistente social, segundo Costa (2007, p. 21), aumenta as responsabilidades para com o segmento da população idosa, embora seja um compromisso profissional ético-político valorizar o ser humano em todas as fases da vida. Segundo a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) (Lei n. 8.742, de dezembro de 1993) “[...] a assistência social tem por um dos objetivos, a proteção à família, à maternidade, à infância à adolescência e à velhice”, ou seja, respeitar a dignidade do cidadão é também buscar estratégias de enfrentamento e lutar contra qualquer tipo de preconceito ou exclusão, para que as pessoas idosas tenham condições de enfrentar, com autonomia, as dificuldades impostas pelo atual sistema.

Mediante esse panorama, o assistente social, profissional que atua com os grupos marginalizados, sendo um deles o da pessoa idosa, busca, em conjunto, a mudança social daqueles cuja voz não se faz ouvir. Haddad (1986, p. 32) afirma que a pessoa idosa constitui-se agente transformador justaposto ao auxílio de profissionais comprometidos:

Os idosos precisam acreditar em suas forças. [...] Isso, sem desprezar a ajuda de aliados sinceros, como os especialistas, as instituições e até os políticos. Só que esses aliados não devem sair dos limites de meros auxiliares desse processo de conscientização. Isso levará o idoso a redescobrir sua verdadeira identidade, a assumir-se como pessoa, coisa imprescindível para a sua produtividade social. [...] Ouvimos às vezes que temos de lutar pelos idosos porque eles não têm braços. Eles têm braços, sim. A sociedade é que amarra seus braços através de um ajuda meramente assistencialista. Em lugar de se lutar pelos idosos, devemos fazer com que eles próprios lutem para resolver seus problemas. (FERRARI, 1984, p. 27 apud HADDAD, 1986, p. 32).

Deste modo, espera-se da pessoa idosa a iniciativa em traçar um caminho de conquistas, para tanto, deve-se contar com o apoio de aliados sinceros, sendo um deles o Assistente Social. Assim, são aqueles de mais idade os protagonistas por agir em conjunto dos profissionais, para que juntos criem condições reais de existência social dos homens, levando em consideração o diálogo mútuo de saberes.

*“Dar voz aos velhos” transformá-los em “sujeitos do seu destino.” (DEBERT, 1999, p. 229).*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pesquisar sobre pessoas idosas, bem como sobre o envelhecimento humano, é uma missão prazerosa, pois nos aguça a aprofundar o conhecimento cada vez mais sobre a temática da velhice em contraponto aos ditames da sociedade contemporânea. Com o desdobramento de muitas questões que emergiram da análise das falas das pessoas idosas feita no capítulo 3, percebe-se a necessidade da realização de outras pesquisas.

Quando se fala em envelhecimento, é imprescindível ver o ser humano como um todo, isto é, não perder de vista os diversos fatores que influenciam esse processo. A velhice é entendida como a fase da vida resultante de todas as ascendências que embateram o processo de envelhecimento. Assim, sabe-se que o envelhecimento é particular, cada sujeito o vive de maneira individual e com muitas variações, desta maneira, a pessoa idosa constitui-se de um grupo heterogêneo.

É definida pessoa idosa, no Brasil, aquela que possui idade igual ou maior do que 60 anos. A população que atende a essa definição está crescendo a cada ano e vem chamando a atenção de estudiosos e das instâncias de poder. O país deixa de ser uma nação de jovens, como há décadas atrás era considerado, passando a se incluir na lista de países em acelerado processo de envelhecimento populacional.

Transversalmente ao conhecimento das experiências, lembranças e condições de vida das pessoas idosas entrevistadas, tornam-se concretas as recordações da trajetória de vida, do trabalho, da família, do modo de vida após a saída do mercado de trabalho e da inserção no Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral, mais especificamente a memória da história de vida.

Muitas pessoas idosas brasileiras, que são hoje alvo de estudos, se mostram como sujeitos que vivem superando as dificuldades, os limites, tirando proveito das possibilidades que a vida lhes oferece. Suas narrativas expressam a constância de lutas dessas pessoas e a sua intrepidez mediante os problemas. As pessoas idosas entrevistadas defrontam, na sua maioria, as responsabilidades de serem esposa e marido, pais e, ainda, trabalhadores. Estes tiveram e, ainda têm, em suas mãos, muitos papéis e projetos de vida.

A realidade das pessoas idosas entrevistados foi demonstrada em suas múltiplas dimensões, com fidedignidade, para que se ultrapasse a aparência, buscando-se visualizar o que está oculto: a essência. Por isso, os eixos trabalhados deram conta de desvendar a memória e as lembranças da infância, do trabalho na fábrica de calçado, da família e da velhice. É de suma importância que pesquisas e estudos sejam desenvolvidos com o intuito de valorizar as pessoas que envelhecem, pois essas são testemunhas da trajetória histórica de uma comunidade inteira. O resgate da história oral se materializa a partir da oralidade da

recordação. Os momentos das entrevistas foram experienciados e eternizados, pois as falas, as expressões faciais e corporais, transluziam emoções como se revivessem os acontecimentos.

Essa pesquisa fundamentou-se no estudo em torno do envelhecimento humano, do mundo do trabalho, da memória e sua valorização entre as gerações e a história oral. Constatou-se que quanto mais a memória revive o momento do trabalho, mais o memorialista se empenhou em transmitir os detalhes do ofício. As narrativas apresentadas vieram acompanhadas da valorização do emprego, já que foi possível perceber que a configuração da atividade laborativa foi sendo moldada desde a infância e a adolescência. O trabalho constituiu-se como um dos fatores propulsores da vida ativa e da participação das pessoas idosas na vida social.

A recordação do labor despedido pelos pais com o cultivo da terra fez os sujeitos entrevistados emergirem lembranças da organização familiar e das diversas mudanças que acompanharam a luta pela sobrevivência. As memórias exprimiram acontecimentos difíceis e felizes, arraigados de escolhas e descobertas. O orgulho em narrar a lida diária a que suas famílias se submetiam ressurgiu da memória dos detalhes do passado vivido.

A memória trabalho trazida pela oralidade de cada memorialista retrata a marca da sua própria imagem, na qual transcende o registro da sua identidade. O trabalho desempenhado foi recordado como ação útil que previu o sustento de si e de toda a família. No entanto, em alguns momentos, a atividade laborativa foi apresentada com pungência, já que a desenvolviam por necessidade, neste caso, pode-se perceber a mistura de sentimentos - utilidade, prazer, sofrimento, sacrifício, angústia e frustração – dos participantes da pesquisa.

As falas sobre a fábrica de calçado reproduzem o momento pelo qual a indústria brasileira estava passando, a produção em série e a inserção tecnológica. Os movimentos do manuseio do sapato passaram a ser controlados pelo tempo da esteira e por supervisores de setor; com isso, houve ainda mais a intensificação do trabalho, já que o salário era medido pela quantidade de pares produzidos. O homem, ser livre, é na sociedade capitalista industrial prisioneiro da sua própria liberdade, pois, para se manter e garantir a sobrevivência de sua prole, vende sua força de trabalho ao capitalista, logo o lucro que tanto quer o dono de produção resulta na fadiga diária do trabalhador.

Pelas narrativas das pessoas idosas participantes da pesquisa, a família é um grupo de apoio, uma referência de suma importância nas vivências do trabalho, pois, mesmo com as contradições adversas da fábrica de calçado, o trabalhador submetia-se a condições precárias para manter a família. Mediante esse contexto, muitas relações familiares, principalmente entre pais e filhos, sofreram com a longa jornada de trabalho. A necessidade de afiançar a



manutenção familiar fez também com que a mulher viesse a exercer atividade laborativa, dedicando-se à tripla jornada com o cuidado dos filhos, o trabalho doméstico e da fábrica de sapato.

O tempo livre advindo com o desligamento do trabalho e com a aposentadoria/Benefício de Prestação Continuada, bem como o despreparo para ingressar nessa nova fase são motivos propulsores de tensões e depressão aos trabalhadores. Esse acontecimento, em conjunto com a redução econômica, contribui para que desperte, na pessoa idosa, a necessidade de retornar ao mercado de trabalho.

A velhice foi citada pelos memorialistas como a melhor fase da vida, na qual pode-se fazer e participar de tudo que até então não tiveram oportunidade. O tempo ocioso trazido pela saída do mercado de trabalho, a princípio, foi encarado como prejudicial à própria saúde da pessoa idosa, mas, aos poucos, percebeu-se nele o ensejo para a realização de novas atividades e planejamento do futuro. Essa realidade foi a força que propulsou os sujeitos participantes a inserir-se no Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral. Este espaço permite que as pessoas que envelhecem desfrutem de momentos únicos de socialização, como de aprendizados e trocas de experiências.

O serviço social encontra-se inserido nas mais diversas dimensões sociais em que o ser humano se desenvolve ao longo da vida, em especial na velhice. Este fato está intimamente ligado às múltiplas expressões da questão social, devendo o assistente social estar atento às profundas modificações da vida dos sujeitos. Portanto, entre os que ficam à margem da sociedade e são atingidos pelas desigualdades sociais, estão as pessoas idosas trabalhadoras.

A pesquisa evidenciou que o assistente social pode e deve intervir com atividades que possam contribuir para a valorização das experiências e dos saberes das pessoas idosas. Acredita-se que, diante desta postura, mitos, preconceitos e discriminação serão desmistificados, e aquela parcela da população possa vir a ser mais humana e menos estigmatizada, já que se encontra em uma etapa da vida com mais maturidade e experiência. Logo, as pessoas de mais idade se sentem orgulhosos por poder repassar a novas gerações, e até mesmo compartilhar com outras pessoas idosas, as experiências vividas. A rememoração do passado possibilita uma satisfação tanto para aqueles que recordam quanto para aqueles que ouvem a história e o saber antes desconhecidos.

Percebeu-se que a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais trouxe a preocupação da valorização das experiências vividas das pessoas de mais idade aos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos às pessoas idosas, nesse caso o Centro de

Convivência do Idoso Lions Sobral,. Essa organização levou o assistente social a considerar o ciclo de vida de cada sujeito, estimular a construção e reconstrução das histórias de vida individual e coletiva e a pensar em ações intergeracionais.

As pessoas idosas carregam em si a bagagem de sabedoria, de experiência, de lutas e conquistas travadas para melhorar as condições de vida; desta forma, entende-se que o tempo e as circunstâncias da vida foram os responsáveis por fazer dessas pessoas um ser com grande fundo de conhecimento. É nesse sentido que se percebe o quanto se perde quando não se dá olhos e ouvidos à pessoa idosa.

A memória revive a partir do momento em que é compartilhada, todavia gerações mais jovens, em geral, não dão importância aos ensinamentos e conselhos das pessoas de mais idade, pois momentos de partilhas foram e são suprimidos. Quando as experiências não são valorizadas e sequer ouvidas, paira o silêncio, e acabam por ser enterradas muitas histórias de vida que poderiam confluir para a melhoria da humanidade.

Essa discussão traça, para o futuro da vida humana, muitas necessidades que a longevidade humana desencadeará. Deste modo, deve-se urgir um despertar da sociedade para a pessoa idosa, parcela da população que cresce a cada dia, e para a necessidade de criar espaços de integração social, provocando reflexão no seio familiar, nas instituições de ensino, na imprensa, dentre outros meios difusores de informação, sobre a importância do resgate da memória, de modo a entender o presente afirmado pelo passado para a construção do futuro, e não cultivar o afastamento e a competição de jovens, crianças e adultos com pessoas idosas. Mediante essa concepção, busca-se gerir um fim único, que é o de valorizar as pessoas umas às outras, bem como seus saberes, independente de idade.

Muitas questões ainda estão por ser respondidas e o campo permite pesquisas qualitativas e quantitativas de diversas áreas do conhecimento. Portanto, é fundamental o surgimento de novos estudos com a temática da memória e das narrativas de pessoas idosas nas áreas das ciências sociais, a fim de possibilitar a formulação de propostas de ações e políticas públicas àquela categoria da população que, infelizmente, ainda se abstém de rememorar e narrar suas histórias de vida.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Andréa Moraes. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: ED. Fundação Perseu Abramo, 2007.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar.** 5. ed. São Paulo: ARS Poética, 1994.

ANDRÉ, Antônio Miguel. A voz de um saber: o papel do velho entre os povos Kimbundu – Angola ontem e hoje. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (Org.). **Infância e velhice: pesquisa de idéias.** Campinas: Alínea, 2003.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005. (Mundo do trabalho).

\_\_\_\_\_. Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicato brasileiro. In: Antunes, Ricardo (Org.). **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 1997. (Mundo do trabalho).

\_\_\_\_\_. A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado das ações coletivas. In: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (Org.). **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social.** São Paulo: Boitempo, 2003. (Mundo do trabalho).

ARAÚJO, Denise. **Empresas precisam se preparar para o envelhecimento.** 2013. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/trabalho/empresas-precisam-se-preparar-para-o-envelhecimento.html>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

AZEVEDO, Ricardo. Idosos: sujeitos de seu tempo. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTNELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio.** São Paulo: Veras, 1999.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade memória e política. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERZINS, Marília; BORGES, Maria Claudia (Org.). **Políticas Públicas para um país que envelhece.** São Paulo: Martinari, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

\_\_\_\_\_. Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo: n. 218, p. 47-53, abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1981.

BULLA, Leonia Capaverde; KAEFER, Carin Otilia. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista virtual Textos & Contextos**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 1-8, dez. 2003.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução de Klauss Brandini, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

BLOG DO PLANALTO. **Censo 2010 está mais velha e chega a 190.755.799**. 29 abr. 2011. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/censo-2010-populacao-brasileira-esta-mais-velha-e-chega-a-190-755-799/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

BRAGA, Pérola Melissa V. **Direitos do idoso**: de acordo com o Estatuto do Idoso. São Paulo: Quartier Latin, 2005.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 out. 1988. Seção 1. Anexo. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 4 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 12, 13 jun. Seção 1. p. 59. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispões sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 8 de dez. 1993. p. 18769. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18742.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Norma Operacional Básica (NOB/SUAS)**. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estatuto do idoso**. Lei n. 10.741, de 1 de outubro de 2003, e legislação correlata. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação : Ed. Câmara, 2008. (Legislação, n. 14).

\_\_\_\_\_. Decreto n. 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D1948.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D1948.htm)>. Acesso em: 9 jun. 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução n. 109, de 11 de novembro de 2009. Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/aceso-a-informacao/legislacao/assistenciasocial/resolucoes/2009/Resolucao%20no%20109-%20de%2011%20de%20novembro%20de%202009.pdf>/ view>. Acesso em: 10 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Departamento de Proteção Social Básica. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas**: orientações técnicas. Brasília, DF, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **SCFV Reordenamento**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/psb-protecao-especial-basica/scfv-servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos/servicos-para-idosos>>. Acesso em: 10 jun.2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília, DF, 2006. (Série A. normas e manuais técnicos) (Caderno de Atenção Básica, n. 19). Disponível em: <[http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos\\_ab/abcad19.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad19.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Área Técnica. **Saúde do idoso**. Brasília, DF, 2010. (Série B Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde 2006, v. 12). Disponível em: <[http://bvs.ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao\\_saude\\_pessoa\\_idosa\\_envelhecimento\\_v12.pdf](http://bvs.ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_saude_pessoa_idosa_envelhecimento_v12.pdf)>. Acesso em: 1 fev. 2014.

BRUNO, Fabiana; SAMAIN, Etienne. Retratos da velhice: memória e fotografia. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 24-35, maio 2004.

CARDOSO, Doris de Moraes. Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e valorização do idoso. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 37-51, maio, 2004.

CARVALHO, José Alberto Magno; WONG, Laura L. Rodriguez. A transição da estrutura etária da população brasileira da primeira metade do século XXI. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 3, v. 24, mar. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008000300013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008000300013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 1 fev. 2014.

CINTRA, Thais Silva et al. O cotidiano de aposentados que continuam trabalhando de maneira informal na história calçadista: percepções sobre a aposentadoria e o trabalho atual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 277-287, 2010.

CONFORT, Alex. **A boa idade**. São Paulo: DIFEL, 1979.

COSTA, Ruthe Corrêa da. **A terceira idade hoje sob a ótica do serviço social**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **A velhice invisível**: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte. São Paulo: Annablume, 2010.

CROOK III, Thomas H.; ADDERLY, Brenda D. **Memória**: como deter e reverter sua perda ocasionada pela idade. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Nobel, 2001.

DEBERT, Guita Grin. **A reivenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp : Ed. Fapesp, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** (1931-1994). 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

DI GIANNI, Victalina Maria Pereira. **O idoso – homem – e seu envelhecer**. 2001. 147 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.

ECKERT, Cornelia. A vida em um outro ritmo. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FARINELLI, Marta Regina. **A relação entre trabalho e educação nas indústrias de calçados de Franca-SP**. 2003. 209 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2003.

FERREIRA, Amanda. **Jared Diamond**: como ocorre o processo de envelhecimento nas sociedades. 2013. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/index.php/item/1064-jared-diamond-como-ocorre-o-processo-de-envelhecimento-nas-sociedades>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERRIGNO, José Carlos. Trabalho, aposentadoria e alienação social. **A Terceira Idade**, São Paulo, ano 2, n. 2, 9-15, 1989.

FRAIMAM, Ana P. **Coisas da idade**. rev. e ampl. São Paulo: Alexa Cultural, 2004. (Plenitude, v.2). Disponível em: <<http://www.alexacultural.com.br/editora/coisas%20da%20idade.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

FREITAS, Silvane Aparecida; COSTA, Maria Jacira. A identidade social do idoso: memória e cultura população. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 202-211, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3718>>. Acesso em: 29 maio 2014.

FRENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1994.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Infância e velhice**: pesquisa de idéias. Campinas: Alínea, 2003.

HABIB, Christiane. **O envelhecimento: limites e possibilidades**. 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice. Sociologia e Política).

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 1982.

IBGE. **Envelhecimento populacional 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. **Cidades@**: informações completas. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=351620&search=sao-paulo|franca|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

KALACHE, Alexandre et al. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-210, 1987. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v21n3/05.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

KANSO, Solange. Processo de envelhecimento populacional: panorama mundial. In: WORKSHOP DE ANÁLISE ERGONÔMICA DO TRABALHO, 6.; ENCONTRO MINEIRO DE ESTUDOS EM ERGONOMIA, 3.; SIMPÓSIO DO PROGRAMA TUTORIAL EM ECONOMIA DOMÉSTICA, 8., 2013, Viçosa. **Anais...** Viçosa: Ed. UFV, 2013. Disponível em: <<http://www.ded.ufv.br/workshop/docs/anais/2013/Solange%20Kanso.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2014.

KESSEL, Zilda. Lembrar, contar, compartilhar: a memória como caminho para o diálogo intergeracional. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 52-63, maio 2004.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens**: trabalho e ser social. 3. ed. rev. e corrigida. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

\_\_\_\_\_. O processo de produção/ reprodução social: trabalho e sociabilidade. In: CAPACITAÇÃO em Serviço Social e política social: reprodução social, trabalho e Serviço Social. mod. 2. Brasília, DF: Ed. UnB, 1999.



LOURENÇO, Regina Célia Celebrone; MASSI, Gisele. **Linguagem e velhice**: considerações acerca do papel da escrita no passado de envelhecimento. Curitiba: Juruá, 2011.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos de dialética marxista. Tradução de Telma Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. A invenção da Velhice. **A Terceira Idade**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 32-34, 1988.

MALDONATO, Mauro. Tempo da recordação e recordação do tempo. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 20, n. 44, p. 7-23, fev. 2009.

MANCUSO, Maria Inês Rauter. A cidade na memória de seus velhos. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 5-17, ago. 2000.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política; tradução de Reginaldo Sant'Anna. 11. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

MATOS, Olgária. Memória e história. **A Terceira Idade**, São Paulo, ano 4, n. 6, p. 5-15, out. 1992.

MEDEIROS, Marcelo; BRITTO, Tatiana; SOARES, Fábio. Transferência de renda no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 79, p. 5-21, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. (Org.), **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Temas sociais).

MOTTA, Alda Britto da. Chegando para idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia Social**: envelhecimento e qualidade de vida. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção gerontologia).

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de Vida e idade madura**. Campinas: Papyrus, 1993. (Vivacidade).

\_\_\_\_\_. Femininação da velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

NERI, Marcelo Cortes. Renda, consumo e aposentadoria: evidências, atitudes e percepções. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 91-107, 2007. (Edições SESC).

NUÑEZ, Leda Maria Bertoloto. **Centralidade do trabalho**: reflexões sobre o seu significado na velhice. 2001.136 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999. (Terceira idade).

PAIVA, Sálvea de Oliveira Campelo e. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014.

RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. In: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (Org.). **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003. (Mundo do trabalho).

REZENDE, Vinícius Donizete. **Anônimas da história**: relações de trabalho e atuação política de sapateiras entre as décadas de 1950 e 1980 (Franca-SP). 2006. 252 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2006.

RIBEIRO, Alda. Terceira idade esperança de vida. **A Terceira Idade**, São Paulo, ano 4, n. 6, p. 43-46, 1992.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (Org.). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROJAS, Juana Eugenia Arias. O indizível e o dizível na história oral. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

SALGADO, Carmem Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p.7-19, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

SALGADO, Marcelo Antonio. Envelhecimento, um desafio para a sociedade. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 4-13, set. 1988.

SANTOS, Geraldine Alves; LOPES, Andréa; NERI, Anita Liberalesso. Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social dos idosos. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

SANTOS, Silvia Maria Azevedo. Infância e velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. (Org.). **Infância e velhice**: pesquisa de ideias. Campinas: Alínea, 2003.

SEADE. **Retratos de São Paulo**: apresentação: razão de sexo da população de 60 anos e mais, por grupo de idade. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?temaId=1&indId=4&locId=3516200&busca=>>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

SILVA, Bruno Lopes. **O impacto do Benefício de Prestação Continuada (BPC) na vida dos velhos trabalhadores de Franca/SP**. 2010. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

SINDIFRANCA. **Estudo sobre o setor Coureiro-Calçadista de Franca e Região**. 2011. Disponível em: <<http://www.sindifranca.org.br/mapeamentodosetor.asp>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

SOARES, Nanci; DI GIANNI, Victalina Maria Pereira. UNATI/Franca: Construindo cidadania na era do envelhecimento. In: SOARES, Nanci; JOSÉ FILHO, Mário. (Org.). **UNATI: construindo cidadania**. Franca: Ed. UNESP-FHDSS, 2008.

SOUZA, Irene Sales. **A visão política de um grupo de operários da indústria de calçados de Franca**: um estudo das contradições nas representações de classe e nação. 1983. 218 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1983.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo de capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lálío Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Envelhecimento e poder**: a posição do idoso na contemporaneidade. Campinas, SP: Alínea, 2007.

WORCMAN, Karen. História oral, histórias de vida e transformação. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa (Org.). **Depois da Utopia**: a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz : Fapesp, 2013.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – PRIMEIRA APROXIMAÇÃO DAS PESSOAS IDOSAS****IDENTIFICAÇÃO**

Sexo: Feminino ( )

Masculino ( )

Idade: 60 – 65 anos ( )

66 – 70 anos ( )

71- 75 anos ( )

76 – 80 anos ( )

81 – 85 anos ( )

mais de 86 anos ( )

Tempo que frequenta o CCI:

Locais que já trabalhou:

Quais as funções que já realizou no trabalho:

Você gostava dos lugares que você trabalhou?

SIM ( )

NÃO ( )

Explique:

É aposentado?

SIM ( )

NÃO ( )

É aposentado por :

Aposentado por idade ( )

Aposentadoria especial ( )

Aposentadoria por invalidez ( )

Aposentadoria por tempo de contribuição ( )

Pensão ( )

Recebe o Benefício de Prestação Continuada – BPC ( )

## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista das Pessoas Idosas

### Identificação:

Nome:

Idade:

Data de nascimento:

Sexo: F ( ) M ( )

Estado civil: ( )solteiro ( )casado ( )união de fato ( )divorciado

Escolaridade:

Local de residência:

Naturalidade:

Situação profissional:

Número de filhos:

Número de pessoas com quem reside e grau de parentesco:

Tempo de participação no C.C.I.:

## EIXOS ANALÍTICOS

### 1 MEMÓRIA TRAJETÓRIA DE VIDA

Quais os lugares que morou? Você lembra por que sua família fez essas mudanças? Quantos irmãos você tem?

Você sabe quais os empregos que seu pai teve? Você sabe quais os empregos que sua mãe teve? Você lembra se seu pai ou sua mãe esteve desempregado? Você lembra dos seus avós? Que atividade eles desenvolviam?

### 2 MEMÓRIA TRABALHO

Qual foi o seu primeiro emprego? Com quantos anos começou a trabalhar? O que você fazia neste emprego? Como você aprendeu?

Você já esteve desempregado? Quais empregos você teve antes de trabalhar na fábrica de calçado? O que fazia nestes empregos? Como você aprender?

Na fabrica de calçado qual atividade desempenhava? Como você aprender?

Na fabrica você trabalhava com outras pessoas? Com quem trabalhava? Havia alguma diversão para os empregados?

O que você achava do seu trabalho na fábrica? Você gostava dele ou não? Por quanto tempo você esteve neste emprego? Quando você saiu? O que você fez depois?

Você acha que havia divergências de interesses entre os trabalhadores?

Você preferiria outro tipo de ocupação dentro da fábrica? Por quê?

### **3 MEMÓRIA FAMÍLIA E VELHICE**

Quero que você me conte sobre sua vida familiar depois que você começou a trabalhar. O trabalho alterou de algum modo sua relação com seus familiares? Você ajudava sua família com seu salário? Você teve filhos?

Qual momento se aposentou? Você se preparou para aposentar? Como você tem vivenciado sua velhice a partir das experiências vividas?

**APÊNCICE C – Roteiro de Entrevista da Assistente Social**

Nome:

Idade:

Sexo: F ( ) M ( )

Período de atuação no C.C.I:

1- Na sua visão há ações facilitadoras ou estímulo no resgate das lembranças dos idosos participantes por parte da instituição?

2- O serviço social, aqui na instituição, desenvolve algum trabalho no resgate das lembranças das pessoas idosas?

Se sim, qual? Se não, pretende desenvolver?

3- Você acha importante o resgate da lembranças das pessoas idosas para a atuação profissional?



## **ANEXO**

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

NOME DO PARTICIPANTE: \_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO: \_\_/\_\_/\_\_. IDADE: \_\_\_\_\_

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ SEXO: M ( ) F ( )

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

BAIRRO: \_\_\_\_\_ CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ FONE: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: \_\_\_\_\_. O projeto de pesquisa será conduzido **por** \_\_\_\_\_, do Programa de Pós-Graduação em \_\_\_\_\_, orientado pelo Prof (a). Dr(a) \_\_\_\_\_, pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/UNESP/C. Franca. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de Dissertação, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. \_\_\_\_\_ Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Franca, de de 201 .

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável

Nome:

Endereço:

Tel:

E-mail:

\_\_\_\_\_  
Orientador

Prof. (ª) Dr. (ª)

Endereço:

Tel:

E-mail: